

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO:

Um olhar para (re)conhecer a arquitetura popular de Rosário do Catete/SE

VICTÓRIA KAROLINE SANTOS DOMINGOS

LARANJEIRAS - 2023





VICTÓRIA KAROLINE SANTOS DOMINGOS

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA (RE)CONHECER A ARQUITETURA
POPULAR EM ROSÁRIO DO CATETE/SE

Trabalho apresentado ao Departamento de Ar-
quitetura e Urbanismo da Universidade Feder-
al de Sergipe como requisito para obtenção de nota
da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antônio Santos Souza

VICTÓRIA KAROLINE SANTOS DOMINGOS

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA (RE)CONHECER A ARQUITETURA
POPULAR EM ROSÁRIO DO CATETE/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Feder-
al de Sergipe - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, como requisito
obrigatório para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 16/10/2023

Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza
(Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFS)
ORIENTADOR

Prof^ª Dr^ª. Ana Maria de Souza Martins Farias
(Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFS)
EXAMINADORA INTERNA

Ma. Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira
(Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL)
EXAMINADORA EXTERNA

Gostaria de agradecer primeiramente a **Deus**, pois sem Ele não sei como conseguiria superar os medos e as inseguraças. Só Ele sabe o que eu passei para chegar até aqui. Aos meus pais, **Eurides e José**, e à minha prima/irmã, **Mayara**, por sempre, independente da situação, me apoiar e me incentivar nesse caminho longo de graduação. Sou eternamente grata por todos os ensinamentos e pelo aconchego para que nos momentos difíceis eu pudesse continuar a percorrer mesmo com os obstáculos que viessem a surgir.

Ao meu orientador, **Fernando Antônio**, que tornou os momentos de encontro mais descontraídos, por ouvir minha história e abraçar meu tema, esse fator foi o ponto chave para ajudar à desenvolver esse trabalho. Agradeço imensamente por ter sido paciente comigo, acreditando em mim, e sempre encontrando um espaço para me incentivar a acreditar, também, no meu potencial.

À minha coorientadora de coração, **Tamyres Fontenele**, por ser uma pessoa incrível de coração imenso, que nunca deixou de me ajudar quando eu precisei. Agradeço pelos conselhos e sugestões ao longo do meu trabalho, estes foram engrandecedores e muito importantes para que eu conseguisse retomar a caminhada, sendo alguém a qual me inspiro como profissional e como pessoa.

À professora, **Ana Maria**, que me ouviu e me direcionou para escolhas imprescindíveis quando eu achei que ninguém ouviria o meu tema. Agradeço pelo ombro amigo, pelas conversas descontraídas e pelo incentivo a acreditar na minha verdade.

Aos meus amigos que a universidade me presenteou, **Angélica, Isadora, Juliana, Bruna, Lázaro, Inara e Lucas**. Pessoas que foram inigualáveis na minha vida e durante o curso, estando sempre presentes nos momentos bons e difíceis dos quais passamos juntos enquanto estudantes do curso e amigos. Agradeço pelo apoio contínuo, pelas risadas, pelo incentivo, pelos conselhos, e, acima de tudo, pela amizade da qual, muitas vezes, eu não achei que merecia, e por isso, eu sempre serei grata

Às minhas amigas, **Vanessa, Myllena, Amanda, Camila e Lillian**, que apesar da distância e por serem de Estados diferentes, nunca deixaram de me apoiar e me incentivar. Agradeço imensamente pelas risadas e conversas que nunca falhavam em me deixar mais leve e tranquila quanto ao término de tudo.

Por fim agradeço à todas as pessoas que me aturaram e me ouviram durante esse período de estresse e aflição para que tudo desse certo, em especial, **Ranyelle, Leticia, Julia e Matheus**, serei sempre grata por todo apoio e carinho os quais vocês nunca mediram em demonstrar por mim.

Toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar.**



Dedico este trabalho aos meus avôs, Paulo Sotero e Manoel Domingos (*in memoriam*), fontes de sabedoria que ajudaram no meu ser no mundo.

As práticas populares, durante os últimos anos, tiveram variados posicionamentos ligados à sua documentação, seja pela sua relevância cultural, seja pelo estigma criado em detrimento a sua forma de criar arquitetura, porém o problema que se cria é a invisibilidade das memórias afetivas ligadas a esse método construtivo. Desse modo, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é enaltecer o papel da arquitetura popular como difusora de memórias afetivas para o imaginário coletivo popular em Sergipe. Para isso, o município de Rosário do Catete/SE foi escolhido como objeto de estudo devido a situação de preservação de exemplares da arquitetura popular, em contraposição às políticas de erradicação desses tipos de moradias. A metodologia utilizada foi uma pesquisa exploratória, com análise bibliográfica sobre arquitetura popular, território e teoria de conservação e documentação do patrimônio intangível, que foram documentadas por meio de mapas, fotografias e entrevistas para resgatar as memórias afetivas e do meio imaginário da população, e caracterizar as localidades e seus arquétipos, bem como desenhos para representação através de observações espontâneas. Este trabalho será uma contribuição cultural e histórica valiosa tanto para Sergipe, como para Rosário do Catete/SE, um município interiorano muitas vezes esquecido e invisibilizado, visando a valorização e a documentação da arquitetura popular brasileira, que tem sido negligenciada ao longo dos anos.

Palavras-chave: Arquitetura popular, documentação, preservação, memória afetiva

Popular practices, over the last few years, have had different positions linked to their documentation, either because of their cultural relevance, or because of the stigma created to the detriment of their way of creating architecture, but the problem that is created is the invisibility of the affective memories linked to this constructive method. Thus, the objective of this course conclusion work is to praise the role of popular architecture as a diffuser of affective memories for the popular collective imagination in Sergipe. For this, the municipality of Rosário do Catete/SE was chosen as an object of study due to the situation of preservation of examples of popular architecture, in opposition to the eradication policies of these types of houses. The methodology used was an exploratory research, with bibliographical analysis on popular architecture, territory and conservation theory and intangible heritage documents, which were documented through maps, photographs and interviews to rescue the affective memories and imaginary environment of the population, and characterize the locations and their archetypes, as well as drawings for representation through observations made. This work will be a valuable cultural and historical contribution both for Sergipe and for Rosário do Catete/SE, an interior municipality often forgotten and made invisible, aiming at the appreciation and documentation of Brazilian popular architecture, which has been neglected over the years.

Keywords: popular architecture, documentation, preservation, affective memory

FIGURAS

1	CASA DE TAIPA, FEITA DE BARRO E PEDAÇOS DE CAIBO.	23
2	CONSTRUÇÃO EM TAIPA DE MÃO – PAU-A-PIQUE- NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE (SE).	26
3	CONJUNTO DE CASAS POPULARES NO CONJUNTO SANTA JULIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS PELO FINANCIAMENTO CAIXA	36
4	ESTRUTURA PRÉ-FABRICADA DAS TRAMAS DE MADEIRA.	38
5	PROCESSO DE AUTOCONSTRUÇÃO	38
6	UMA CUBATA DE TAIPA DE MÃO EM SOLO RIO-GRANDENSE, INTERIOR DE BAGÉ	42
7	CASARÃO ONDE ABRIGA O PAÇO MUNICIPAL DE ROSÁRIO DO CATETE CONSTRUÍDO EM TAIPA.	43
8	CASA EM RUÍNAS FEITA EM ADOBE, OLMOS DE OJEDA, ESPANHA	44
9	CASA ONDE FICAVA A MOENDA DO ENGENHO CARAÍBAS NO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO CATETE	44
10	MOLDES COM DIMENSÕES IGUAIS E DIMENSÕES ALTERNATIVAS PARA BLOCOS DE ADOBE	45
11	DESENHO QUE MOSTRA O PROCESSO CONSTRUTIVO DA TAIPA DE PILÃO	46
12	CASA EM CUNHA, COM AS PAREDES PRINCIPAIS FEITA DE TAIPA DE PILÃO	47
13	FÔRMA DE TAIPA DE PILÃO NA CONSTRUÇÃO DA CASA EM CUNHA, BRASIL	47
14	RANHURAS E MARCAS DE MÃO DEIXADAS APÓS A SECAGEM DA TAIPA – ROSÁRIO DO CATETE	48
15	CASA DE TAIPA NO PARQUE AZA BRANCA, ACERVO CULTURAL E HISTÓRICO DE GONZAGA.	49
16	DOIS HOMENS USANDO O PRÓPRIO BARRO PARA REBOCAR SUAS CASAS DE TAIPA.	49
17	DOIS SOBRADOS, OS QUAIS UM É O PAÇO MUNICIPAL – DIREITA – E O OUTRO IRÁ SER O NOVO CENTRO DE ARTESANATO DO MUNICÍPIO – ESQUERDA.	61
18	OS SOBRADOS DA "RUA DE BAIXO" NO ANO DE 1938	61
19	EDIFICAÇÃO QUE SEDIU A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DO MUNICÍPIO E ATUALMENTE É A SEDE DA BANDA FILARMÔNICA LUIZ FERREIRA GOMES	61

FIGURAS

20	A ESTAÇÃO EM 1956, 42 ANOS APÓS SUA INAUGURAÇÃO.	61
21	CAPELA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ ANTERIOR A SUA REFORMA	64
22	CHAMINÉ DA USINA DE AÇÚCAR DO ENGENHO CARAÍBAS – ROSÁRIO DO CATETE	65
23	CAPELA DO ENGENHO CARAÍBAS – ROSÁRIO DO CATETE	65
24	RUÍNAS DA CASA DE MOENDA DO ENGENHO CARAÍBAS – ROSÁRIO DO CATETE	66
25	ANEXO DA USINA DE AÇÚCAR DO ENGENHO CARAÍBAS – ROSÁRIO DO CATETE	66
26	MAPA CARTOGRÁFICO CONFECCIONADO COM OS ENGENHOS DO BAIXO COTINGUIBA	68
27	RESIDÊNCIA TEJUPEBA DO ENGENHO COLÉGIO	69
28	ESCOTEIROS DO GRUPO DE ESCOTEIROS GENERAL AUGUSTO MAYNARD GOMES	71
29	BATALHÃO DE IDOSOS SÃO VICENTE DE PAULO	71
30	RESIDÊNCIAS EM TAIPA, NA REGIÃO DE OCUPAÇÃO DO MOVIMENTO SEM TERRA DO POVOADO SIRIRIZINHO	79
31	RESIDÊNCIAS EM TAIPA, ALVENARIA E BAMBU NA REGIÃO DE OCUPAÇÃO DO MOVIMENTO SEM TERRA DO POVOADO SIRIRIZINHO	79
32	RESIDÊNCIAS EM TAIPA COM REBOCAGEM NAS FACHADAS PARA DURABILIDADE NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE	86
33	RESIDÊNCIAS EM TAIPA COM PÉ DIREITO INFERIOR EM RELAÇÃO À OUTRAS RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE	89
34	RESIDÊNCIAS EM TAIPA COM REBOCAGEM NAS FACHADAS PARA DURABILIDADE NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE	89
35	RESIDÊNCIA QUE ABRIGA UMA IGREJA, FEITA EM TAIPA DE MÃO COM LONA NA LATERAL PARA PROTEGÊ-LA	89

FIGURAS

36	RESIDÊNCIA EM TAIPA QUE SE UTILIZOU DO PRÓPRIO ENTORNO PARA SUA CONSTRUÇÃO	89	57	CASARÃO DA "RUA DE CIMA" ANTES DO PROCESSO DE ARRUINAMENTO NO ANO DE 2012	110
37	FACHADA FRONTAL DA "CASA AMARELA"	93	58	ANEXO DO CASARÃO, EM PROCESSO AVANÇADO DE ARRUINAMENTO	112
38	MARCAS DAS RANHURAS NO BARRO ASSENTADO NA TRAMA DE CIPÓ	95	59	PAREDES DO CASARÃO COM O USO DA TÉCNICA DE TAIPA DE MÃO	112
39	MARCAS DAS RANHURAS NO BARRO ASSENTADO NA TRAMA DE CIPÓ	95	60	PAREDES DO CASARÃO COM O USO DA TÉCNICA DE TAIPA DE MÃO	112
40	DETALHE DA LATERAL, A QUAL ESTÁ APLICADA O REBOCO.	96	61	FACHADA FRONTAL COM OS BLOCOS DE ADOBE EXPOSTOS	113
41	SEMELHANÇA COMO UM ANEXO DA CASA	96	62	PAREDES INTERNAS DO CASARÃO COM VESTÍGIOS DO USO DA TAIPA	113
42	DETALHE DA GRANULOMETRIA DO BARRO	96	63	ESTRUTURA DE MADEIRA COM A INSERÇÃO DOS BLOCOS DE ADOBE PARA CONSTRUÇÃO DAS PAREDES	114
43	PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICO DE COMO SE ESTABELECE OS AMBIENTES DA "CASA AMARELA"	97	64	ESTRUTURA DE MADEIRA COM A INSERÇÃO DOS BLOCOS DE ADOBE PARA CONSTRUÇÃO DAS PAREDES	114
44	DETALHE DO MADEIRAMENTO DO TELHADO, ASSIM COMO APOIO DE CAIBROS PARA SUSTENTAÇÃO DA ESTRUTURA	98	65	DETALHE DAS ESQUADRIAS E DOS FRISOS UTILIZADOS NA FACHADA DO CASARÃO	114
45	PLANTA ESQUEMÁTICA DA COBERTURA DA "CASA AMARELA"	99	66	DETALHE DOS BALAUÍSTRES DA VARANDA	115
46	"CASA AZUL" DENTRO DO CONTEXTO URBANO DO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE-SE	100	67	DETALHE DO PÉ DIREITO DO CASARIO JUNTAMENTE COM O TELHADO DA VARANDA	115
47	INTEGRIDADE FÍSICA DA "CASA AZUL"	102	68	DETALHE DO PISO INTERNO DO CASARÃO	116
48	SINAIS DE ARRUINAMENTO E DESFALQUE DE MANUTENÇÃO DA "CASA AZUL"	102	69	DETALHE DO PISO EXTERNO DO CASARÃO	116
49	PAREDE DA "CASA AZUL" QUE ANTERIORMENTE ESTAVA PRESERVADA, ATUALMENTE ESTÁ EM ARRUINAMENTO	103	70	FACHADA PRINCIPAL DO CASARÃO COM A PLACA DE AQUISIÇÃO PARA SE TORNAR UM MEMORIAL	116
50	REGIÃO ONDE FICA O CONTADOR DE ENERGIA COM DESCOLAMENTO DO REBOCO DA PAREDE	103	71	SITUAÇÃO ATUAL DA CASA DA "RUA DA LOTÉERICA" QUASE POR COMPLETA DEMOLIDA	118
51	ÁREA COM DESCOLAMENTO DO REBOCO, MOSTRANDO ESTRUTURA DA TRAMA DA TAIPA	104	72	CASA DA "RUA DA LOTÉERICA" ANTES DO PROCESSO DE DEMOLIÇÃO NO ANO DE 2012	120
52	ÁREA QUE MOSTRA A ADERÊNCIA DO BARRO COM A TRAMA DE MADEIRA E AS ESQUADRIAS DA "CASA AZUL"	104	73	DETALHES DOS FRISOS E ORNAMENTOS GEOMÉTRICOS ANTES DO PROCESSO DE DEMOLIÇÃO NO ANO DE 2012	120
53	ESPÉCIE DE "VIGA" FEITA COM A PRÓPRIA TAIPA DE MÃO PARA SUSTENTAÇÃO DO TELHADO	104	74	DETALHES DO ORNAMENTO GEOMÉTRICO RESTANTES APÓS A DEMOLIÇÃO DA CASA DA "RUA DA LOTÉERICA"	120
54	RESIDÊNCIA DE SEU URSO COM A ESTRUTURA DA TRAMA DA TAIPA EXPOSTA	108	75	DETALHES DA PARTE ESTRUTURAL DOS BLOCOS DE ADOBE FIXADOS NA RESIDÊNCIA ADJACENTE	121
55	REGIÃO ONDE SE LOCALIZA O SHED DA RESIDÊNCIA DE SEU URSO	108	76	DETALHES DOS BLOCOS DE ADOBE DE TAMANHO VARIÁVEIS COM O USO DO PRÓPRIO BARRO PARA FIXAÇÃO	121
56	PAREDE A QUAL FOI UTILIZADA UM COLCHÃO E OUTROS MATERIAIS PARA VEDAÇÃO TEMPORÁRIA	109			

FIGURAS

FIGURAS

MAPAS

77	DETALHES DOS BLOCOS DE ADOBE DE TAMANHO VARIÁVEIS COM O USO DO PRÓPRIO BARRO PARA FIXAÇÃO	121	1	LOCALIZAÇÃO DAS ZONAS DE ANÁLISE DENTRO DAS ÁREAS PERIFÉRICAS DE ROSÁRIO DO CATETE E NO POVOADO SIRIRZINHO.	27
78	FACHADA PRINCIPAL DA CASA DE SEU EDVALDO	123	2	MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE ROSÁRIO DO CATETE NA POLIGONAL DE SERGIPE	57
79	DETALHE DOS BLOCOS DE ADOBE CONFECCIONADOS PRO SEU EDVALDO	125	3	LOCALIZAÇÃO DE ROSÁRIO DO CATETE E DO POVOADO SIRIRZINHO E A RELAÇÃO DO ENTORNO COM O MUNICÍPIO E SEUS ACESSOS	58
80	DETALHE DOS BLOCOS DE ADOBE CONFECCIONADOS PRO SEU EDVALDO	125	4	RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2005.	80
81	DETALHE DAS PAREDES QUE ESTÃO PRECISANDO DE MANUTENÇÃO	126	5	RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023	81
82	DETALHE DAS PAREDES QUE ESTÃO PRECISANDO DE MANUTENÇÃO	126	6	RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2005	82
83	SEU EDVALDO REALIZANDO A MANUTENÇÃO DO TELHADO DA SUA CASA	127	7	RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	83
84	PISO DE BARRO SEM TRATAMENTO DO CORREDOR DA CASA DE SEU EDVALDO	127	8	RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	94
85	DETALHE DAS MADEIRAS DE SUSTENTAÇÃO DO TELHADO	127	9	RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023	101
86	DETALHE DAS MADEIRAS DE SUSTENTAÇÃO DO TELHADO	128	10	RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	107
87	DETALHE DA ESTRUTURA DO TELHADO DA CASA DE SEU EDVALDO	128	11	RESIDÊNCIAS NO CENTRO DA CIDADE DE ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	111
88	DETALHE DO BATENTE E DAS PORTAS DA CASA DE SEU EDVALDO	129	12	RESIDÊNCIAS NO CENTRO DA CIDADE DE ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	119
89	DETALHE DOS PEITORIS DAS JANELAS DA CASA DE SEU EDVALDO	129	13	RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.	123
90	DETALHE DO PISO DE BARRO BATIDO DA VARANDA DA CASA DE SEU EDVALDO	130			
91	DETALHE DO DEPÓSITO DE MATERIAIS E UTENSÍLIOS DA CASA DE SEU EDVALDO	130			
92	DETALHE DO DEPÓSITO DE MATERIAIS E UTENSÍLIOS DA CASA DE SEU EDVALDO	130			
93	PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICO DE COMO SE ESTABELECE OS AMBIENTES DA CASA DE SEU EDVALDO	131			
94	PLANTA ESQUEMÁTICA DA COBERTURA DA CASA DE SEU EDVALDO	132			

LISTA DE TABELAS

1	RELAÇÃO DE ENGENHOS CATALOGADOS PELO ESTUDO DE JOSINEIDE SANTOS ATRAVÉS DO CENSO DE 1920 POR CLDOMIR SILVA	60
2	FICHA DE CATALOGAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES VISITADAS	77
3	FICHA DE DADOS DA PESQUISA PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DAS CONVERSAS REALIZADAS	77
4	FICHA DE CATALOGAÇÃO DA "CASA AMARELA"	98
5	FICHA DE CATALOGAÇÃO DA "CASA AZUL"	105
6	FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DE SEU URSO	109
7	FICHA DE CATALOGAÇÃO DO CASARÃO DA "RUA DE CIMA"	117
8	FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DA "RUA DA LOTÉLICA"	122
9	FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DA DE SEU EDVALDO	133

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IAA – INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SPHAN – SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A
CIÊNCIA E A CULTURA

SUMÁRIO

01	INTRODUÇÃO A TEMÁTICA	20
02	PARTE I: CONCEITUAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA INVISIBILIDADE PATRIMONIAL	32
01	1. ARQUITETURA POPULAR: COMO É VISTA?	34
01.1	1.1 ANCESTRALIDADE, CULTURA E ESPAÇO: A (IN)VISIBILIDADE PATRIMONIAL	36
01.2	1.2 TIPOLOGIAS DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS POPULARES	41
01.2.1	1.2.1 ARQUITETURA DE TERRA - ADOGE	44
01.2.2	1.2.2 ARQUITETURA DE TERRA - TAIPA DE MÃO E DE PILÃO	46
01.2.3	1.2.3 LEGADO INTANGÍVEL EM APAGAMENTO: VALOR DOCUMENTAL DAS PRÁTICAS MILENARES E SEUS	50
02	PARTE II: (RE)CONHECIMENTO	54
02	2. ROSÁRIO DO CATETE: TERRA DE GOVERNADORES	56
02.1	2.1 RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA	64
02.2	2.2 UM OLHAR ADETRÁS DE ROSÁRIO DO CATETE E SEU IMAGINÁRIO COLETIVO E SUAS MEMÓRIAS AFETIVAS	70
03	PARTE III: APROXIMAÇÕES E O "PERCEBER" POPULAR	74
03	3. MEMÓRIA AFETIVA E PATRIMÔNIO INVISIBILIZADO: A ARQUITETURA POPULAR ROSARENSE	76
03.1	3.1 CASAS DE TAIPA E DE ADOGE EM ROSÁRIO DO CATETE: ACERVO HISTORIOGRÁFICO	86
03.2	3.2 CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS: APROXIMAÇÕES E DISSONÂNCIAS	88
03.3	3.3 DO ABANDONO À RESISTÊNCIA: NAVEGANDO PELAS TRANSFORMAÇÕES CONSTRUTIVAS E SUAS MEMÓRIAS	90
03.3.1	3.3.1 CASA AMARELA DESABITADA DE MORADOR "A"	93
03.3.2	3.3.2 CASA AZUL DESABITADA DE MORADOR "B"	100
03.3.3	3.3.3 CASA DE "SEU" URSO	106
03.3.4	3.3.4 CASARÃO EM RUÍNAS DA "RUA DE CIMA"	110
03.3.5	3.3.5 CASA EM RUÍNAS DA "RUA DA LOTÉRICA" DE MORADOR C	118
03.3.6	3.3.6 CASA DE "SEU" EDVALDO	123
03.4	3.4 ANÁLISES MORFOLÓGICAS: IMAGEM E ORALIDADE COMO MEMÓRIA ICONOGRÁFICA	134
03.4.1	3.4.1 ANÁLISES MORFOLÓGICAS: IMAGEM E ORALIDADE COMO MEMÓRIA ICONOGRÁFICA	136
03.4.2	3.4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
03.4.3	3.4.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
03.4.4	3.4.4 APÊNDICES	144
03.4.5	3.4.5 ANEXOS	168

INTERVIEW,



A TEMÁTICA

A abordagens sobre arquitetura popular tem se tornado um tema cada vez mais debatido e estudado, principalmente no contexto brasileiro, pois é uma tipologia construtiva que rememora uma história e cultura local onde desde os primórdios de sua criação, há um grande valor cultural e histórico enraizado. Mesmo com a existência de diversos trabalhos que envolvem a cultura popular na autoconstrução, ainda há uma precariedade na documentação e repasse de informações para a construção de pesquisas nesse âmbito. Inicialmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) trabalhou com foco nas áreas de formação mais antigas do país, como o litoral, o Sudeste e o Nordeste, para a documentação do patrimônio brasileiro. No entanto, esse cenário vem mudando desde a década de 70, onde se observa uma maior visibilidade em relação aos patrimônios imateriais e culturais em locais como Norte e interior do Nordeste, como aponta Márcia Sant'Anna¹ (**grifo nosso**) na entrevista concedida ao IPHAN em agosto de 2010:

¹ SANT'ANNA, Márcia. Patrimônio Imaterial. [Entrevista concedida ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. Youtube, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2ePv1cSsH0>. Acesso em 28 de março de 2023.

“

[...] em termos de capacidade de, inclusive, recuperar boa parte dessa memória dos grupos sobre a história desses grupos, isso agora está mais muito facilitado [...] Historicamente, o IPHAN, como a principal instituição de preservação de patrimônio do país e a mais antiga, focalizou sua principal ação no litoral do sudeste. De uns 10, 15 anos para cá, há toda uma tentativa do IPHAN de interiorizar suas ações, de levar suas ações de preservação para aquelas regiões que historicamente a instituição não trabalhou. [...]

É datado que cidade coloniais foram erguidas com técnicas construtivas populares tradicionais, tais como adobe, taipa de pilão e pau a pique. Ainda hoje, existem resquícios dessas culturas materiais e sistemas construtivos populares tradicionais. No Nordeste brasileiro, a técnica mais utilizada é a taipa de pau-a-pique, construída através do assentamento de barro com as mãos e aplicada sob uma trama de ripas de madeira (Vasconcellos, 1979). Essas edificações são de extrema relevância, pois não apenas representam a formatação e ocupação territorial, mas também são exemplos de resistência, principalmente nos interiores do Brasil. Essa relevância se deve ao fato de que essa técnica é um processo construtivo que se acredita ter sido influenciado por portugueses, indígenas e africanos (Pisani, 2004).

Devido ao fato de essas edificações terem sido e continuarem sendo construídas de maneira informal e popular (**Figura 1**), a documentação dessas técnicas construtivas é escassa em relação a outras técnicas. Isso demonstra a relevância dessas edificações para a memória afetiva, o imaginário popular e a história do país. Portanto, a preservação dessas técnicas construtivas populares se encontra em uma ótica de impasse e dificuldades, restando apenas a própria edificação construída ou os relatos pessoais como acervo do imaginário popular, para que possam ser analisados, documentados e conservados.

O que se pode extrair desse problema é que, com o resgate do imaginário popular e das memórias afetivas, torna-se possível a identificação da afetividade desse valor para com a práticas populares, para que dessa forma o olhar se volte novamente para essas técnicas como uma verdadeira “casa” da cultura brasileira e sergipana. Mas

como é compreendida esse conceito de memória afetiva? E o imaginário popular? O que de fato esses dois pontos expressam?

Com base nesses questionamentos, de forma consoante o sociólogo francês Maurice Halbwachs, em meados da década de 20 e 30, já demarcava que a memória necessitava ser entendida como um fenômeno coletivo e que este está submetido a constantes transformações, possuindo como condicionantes os acontecimentos, as pessoas e o lugares, sejam estes ou não, vividos individualmente, de modo que por sua vez possam construir uma comunidade coletiva. Por este fator que Halbwachs (1968) afirma que para que a memória se complete com as alheias a ela, é preciso que ambas tenham conexão e mantenham contato, desse modo as lembranças são recordadas e reconstruídas reciprocamente.



FIGURA 1

FIGURA 1: CASA DE TAIPA, FEITA DE BARRO E PEDAÇOS DE CAIBO.

FONTE: LORENA MORAIS, 2010

De acordo com Halbwachs (1968, p.34):



[...] Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto temente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. [...]

Assim como Maurice, Michael Pollak em sua conferência Memória, Esquecimento, Silêncio (1989) tece comentários e pensamentos sobre a memória coletiva, mas em contrapartida o enfoque na história oral e no silenciamento dessas memórias. Pollak (1989) afirma que a menção ao passado, não é um retrocesso, mas uma forma de servir para manter a coesão dos grupos que compõem uma comunidade, o seu local e a sua complementaridade.

Com base nesses apontamentos, os estudos de Émile Durkheim² em seu

² Na obra de Durkheim surge a explicação da diferença entre sociedades a partir das suas exclusivas condições sociais que as tornam em determinadas formas de organização. O próprio autor mostra uma postura metodológica que visava construir um modelo de investigação que visava a atribuição de características inerentes aos povos de diferentes raças ou culturas. DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. Edipro, Bauru – SP, 2015

primeiro capítulo de Sociologia e Filosofia, publicado pela Forense Universitária em 1970, afirma que é possível e que se pode apreender a relação do lugar com a memória entendendo estes como elementos que são espelhos da representação de manifestações coletivas e individuais que expressam a experiências de **ser/viver/fazer** no mundo. Diante dessa afirmação, o espaço se configura como um repositório da memória, ao qual constantemente se reverenciara a fim de assimilar os afetos, as reminiscências, os eventos, as imagéticas e as circunstâncias que exclusivamente a conjuntura da memória e da esfera imaginativa logram arquivar e exumar, mediante a evocação de estímulos ou a eclosão de sensibilidades que facultem a liberação dessas recordações.

Pode-se afirmar, então, que o lugar é expressão nata do início da história do planeta, da sua permanência e de suas dinâmicas criadas socialmente, assim como seus processos de criação do modo de viver. Esse fator leva a frisar que a memória é um fato orgânico, a qual pode gerar registros desse modo de viver através de imagens e documentação, tornando-as impulsionadores para que o indivíduo possa ter um trajeto entre o passado e o presente.

Levando em consideração essa paulatina, o lugar em que se é vivido ou ainda se vive, é constantemente vivo na memória coletiva, pois através dela são restaurados as particularidades e os seus vestígios, criando o sentimento de pertencimento e de apropriação,

marcados pela presença de acúmulos de história. De fato, as imagens que se têm de cada lugar que foi habitado ou vivido, tem por si só, revelações que só a memória pode expressar, pois a história é um componente do imaginário coletivo que reescreve todos os dias o presente, assim como este imaginário reforça cada vez mais o sentido de comunidade, criando a história do “povo” ou um patrimônio cultural comum a todos.

Na teoria junguiana, o **self** é traduzido pela expressão “si mesmo” e é baseado no postulado de Freud (Jung, 1996, p.183) de que o inconsciente tem depósitos de memórias, assim como a psique que arquiva essas memórias até que elas sejam manifestadas. Tomando isso como base, a casa é como um símbolo do **self**, uma vez que o lado de dentro ou o **self** intimista é revelado apenas para quem está dentro e o lado de fora público é escolhido como **display** para os outros, tornando-se a persona, como nos conceitos junguianos. Essa pode ser uma forma de representar a arquitetura popular, onde as influências socioculturais, religiosas, históricas e simbólicas são importantes nas construções habitacionais dentro de um contexto arquitetônico hegemônico.

Segundo Lucy Huskinson (1976, p.149):



Na maioria das vezes, não temos consciência do evento arquitetônico à medida que ele se desenrola. É mais provável que observemos seus efeitos e não tenhamos

consciência do ambiente construído como sua causa. Isso ocorre porque nossa participação no evento é inconsciente e encorajada por processos – como projeção e incorporação – que não podem ser conscientemente acionados. O evento arquitetônico depende da ativação de um registro “imaginativo” da experiência. [...]

A arquitetura popular, infelizmente, ainda é um tocante negligenciado e pouco explorado no Brasil, principalmente a do Nordeste brasileiro, o qual é associado por muitos como sinônimo de pobreza e regresso da arquitetura vigente. Porém, mesmo que resguardados pelo Art. 216 da Constituição Federal, a qual dispõe que (Brasil, 2016):



[...] é constituído patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem, os modos de criar, fazer e viver [...]

No entanto sem a documentação dessas tipologias e costumes ancestrais do saber-fazer, o apagamento histórico, cultural e geográfico se torna uma realidade não tão distante para a atual conjuntura sociopolítica. Weimer (2005, p. 42) nos explica que os saberes populares de construir que são pensados e concebidos pela própria população, são uma forte indicação de um

contraste demarcado em comparação à arquitetura erudita produzida por elites.

Em Sergipe, assim como em grande parte do Nordeste brasileiro, a arquitetura de terra, passa pelo processo de higienização, através, por exemplo, da implantação de ações realizadas em 2010 pelo Governo de Sergipe como o "Programa de Erradicação de Habitações Subnormais" para substituição desse tipo de "submoradia" por residências em alvenaria. A cidade de Rosário do Catete (SE), que foi ocupada por tribos indígenas – que viviam às margens do Rio Siriri – e comunidades quilombolas – que acabaram adotando as matas do Vale do Cotinguiba na região do Engenho São José, consegue demonstrar essas marcas históricas, assim como o uso de materiais e métodos locais em sua construção na concepção do coletivo. Porém, por estar localizada fora da região metropolitana de Aracaju, a falta de atuação dos órgãos de preservação na valorização

da memória afetiva da arquitetura popular, bem como políticas para documentação destas acabam por dificultar o processo de manutenção. O que se percebe, então, é a existência de uma invisibilidade para com municípios interioranos, fator este que coloca em risco os saberes ancestrais que são essenciais para a construção historicista do estado de Sergipe e do Brasil.

A cidade de Rosário do Catete, mesmo diante da situação de apagamento, – como o caso da "Rua da Palha", que sofreu a represália de ações municipais com o Programa de Erradicação –, ainda possui exemplares de qualidade construtiva, servindo tanto de símbolo de resistência, como elementos que dissertam sobre a história do lugar **(Figura 2)**.

Considerando a dimensão da cidade de Rosário do Catete, elaborou-se um recorte para este trabalho, que irá abranger determinadas zonas selecionadas para o estudo sinalizadas nos mapas abaixo **(Mapa 01)**:

FIGURA 2

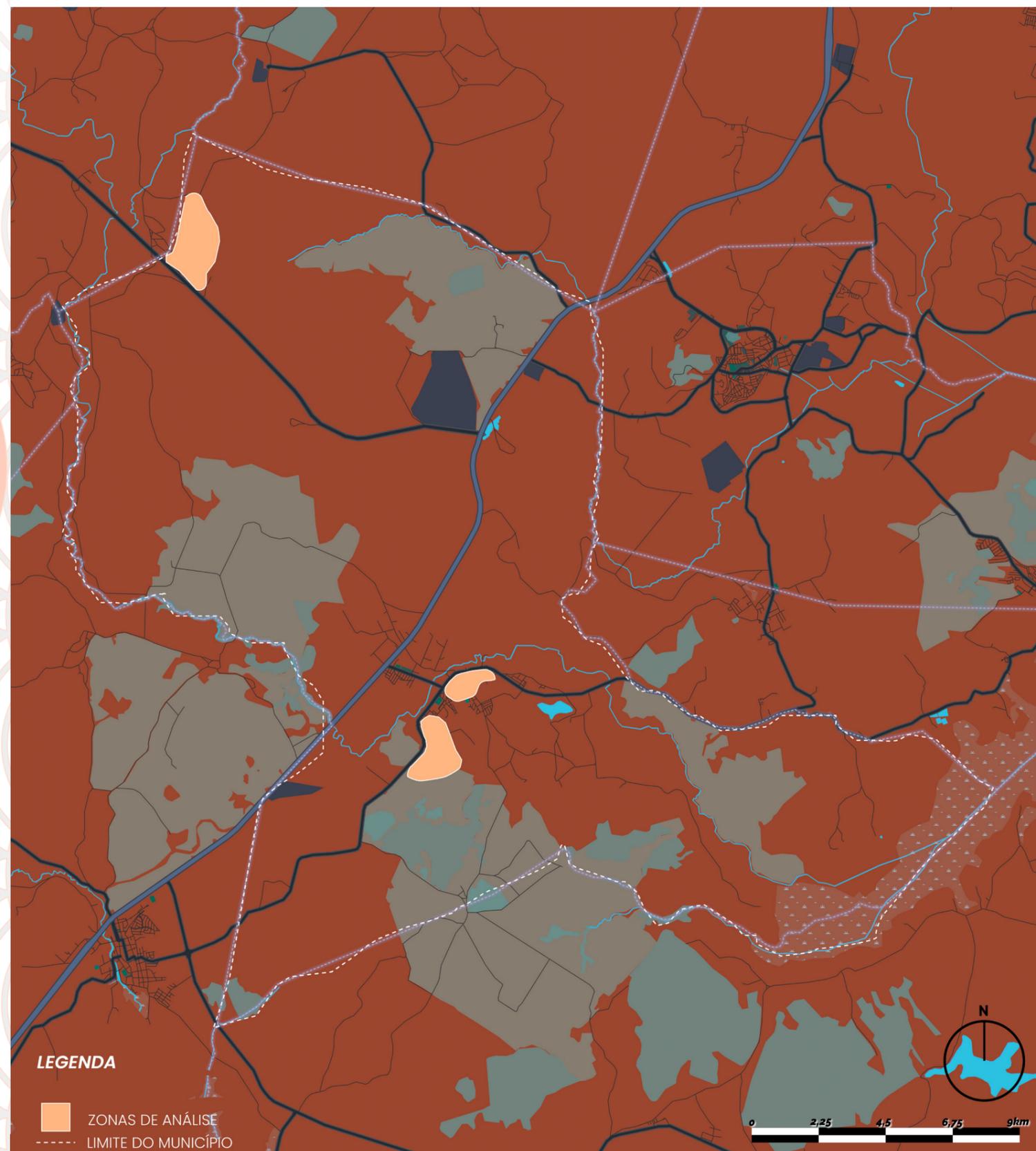


FIGURA 2: CONSTRUÇÃO EM TAIPA DE MÃO – PAU-A-PIQUE- NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE (SE).

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023

MAPA 01

LOCALIZAÇÃO DAS ZONAS DE ANÁLISE DENTRO DAS ÁREAS PERIFÉRICAS DE ROSÁRIO DO CATETE E NO POVOADO SIRIRIZINHO.



Fonte: Mapa elaborado pela autora, Victória Domingos, 2023.

JUSTIFICATIVA

Uma vez que existe uma displicência e estigmas criados por parte dos órgãos governamentais e até mesmo da academia e da população em relação à importância da arquitetura popular e sobre sua qualidade construtiva. Nesse sentido, o trabalho de conclusão de curso realizado na cidade de Rosário do Catete é de extrema relevância, pois busca dar visibilidade ao patrimônio arquitetônico local, que muitas vezes é invisibilizado ou subvalorizado. Por meio da pesquisa e do registro dessas construções, é possível não só preservar a memória e a identidade da região, mas também incentivar a valorização da arquitetura popular para construir e perpetuar as tradições e a identidade cultural das comunidades.

OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho de conclusão de curso é conhecer e caracterizar a trajetória histórica das memórias afetivas invisibilizadas, e do imaginário sobre as técnicas construtivas populares, nas zonas periféricas e do Povoado Siririzinho, em Rosário do Catete -SE, em um recorte temporal do período colonial até os dias atuais.

Os objetivos específicos do trabalho são:

1. Analisar a possível existência de memórias afetivas no sentido do reconhecimento da importância desse saber para a preservação cultural.

2. Registrar os métodos, ritos e saberes de construção ancestrais nas zonas periféricas e do Povoado Siririzinho, em Rosário do Catete - SE.

3. Destacar a importância histórica e da memória afetiva das edificações na atualidade.

Entendendo como memórias afetivas as tradições populares, e como imaginário a impressões guardadas na memória popular, estas que são mantidas até a contemporaneidade com práticas perpassadas dentre as gerações. Desse modo, elas perpetuam as lembranças por meios sensoriais, em busca de uma resistência cultural e de uma relevância patrimonial para a cultura do país.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos do projeto, foi realizada uma pesquisa exploratória que incluiu dois momentos, o primeiro se refere a uma revisão bibliográfica e a análise de referências teóricas relacionadas à arquitetura popular, à influência territorial, às vertentes

culturais e seus saberes ancestrais, bem como à teoria da documentação e conservação. O segundo momento é relacionado à fase da pesquisa de campo, iniciando-se nas zonas periféricas e no Povoado Siririzinho, com a ajuda de conversas e relatos para identificar as atividades populares de construção. Para sustentar e executar a pesquisa, foram realizadas atividades de estruturação para selecionar as construções representativas das regiões, bem como a descrição das espacialidades físicas e sociais. Além disso, foram realizadas documentações por meio de mapas, fotografias e conversas para resgatar as memórias afetivas e do meio imaginário da população, como, também, uma caracterização das localidades e de seus arquétipos. Finalmente, a atividade final se deu com a produção de desenhos e plantas das construções existentes, por meio de observações espontâneas e participação dos moradores na obtenção de detalhes únicos e específicos que transmitiram a memória afetiva local.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho de conclusão de curso a seguir foi cuidadosamente estruturado em três diferentes partes, cada uma complementando a outra e abordando diferentes aspectos do tema em questão. O objetivo dessa estruturação é permitir um aprofundamento teórico e uma aplicação prática mais eficaz de cada temática, de forma a construir um levantamento sólido e completo.

Na **PARTE I - CONCEITUAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA INVISIBILIDADE PATRIMONIAL**, tem por objetivo conceituar e construir uma compreensão mais aprofundada sobre a invisibilidade patrimonial, que é a ausência de reconhecimento e valorização de práticas e conhecimentos populares. Essa parte inclui revisão de conceitos teóricos, a análise de exemplos históricos e atuais, a identificação das causas e consequências da invisibilidade patrimonial

Na **PARTE II - (RE)CONHECIMENTO**, tem o objetivo de fazer uma análise mais detalhada da cidade de Rosário do Catete, localizada no estado de Sergipe, buscando compreender sua história, cultura, tradições e aspectos que a tornam única. É importante destacar os desafios enfrentados pela cidade e as soluções encontradas pela comunidade local para superá-los. Essa parte inclui a realização de pesquisas, conversas e visitas às zonas periféricas e ao Povoado Siririzinho da cidade para embasamento da pesquisa.

Na **PARTE III - APROXIMAÇÕES E O "PERCEBER" POPULAR**, o objetivo é compreender como as pessoas percebem e constroem o "saber-fazer" e o imaginário popular tanto em Rosário do Catete, quanto no Povoado Siririzinho. Incluindo, assim, um levantamento das moradias que resistem na continuação do emprego dessa arquitetura popular, com uso de documentações feitas com fotografias, desenhos e mapas, além da participação da população como peça chave para perpetuar a memória afetiva e a criação do imaginário popular rosarense.

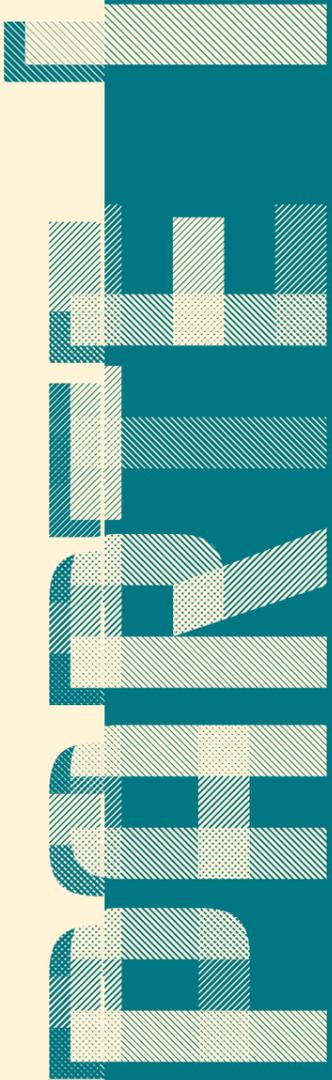
RESULTADOS

Com o presente trabalho é realizado a documentação com análise da arquitetura de terra, em específico a de taipa e adobe, na produção popular nas zonas periféricas e no Povoado Siririzinho, em Rosário do Catete/SE, permitindo dar visibilidade e possibilidade de preservação através da documentação dessas tipologias construtivas, das memórias afetivas e do imaginário coletivo ligado à essas técnicas populares de construção. Espera-se que o produto elaborado seja um material acessível, visual e de apoio aos órgãos governamentais e à população, seja esta, a qual produz esses exemplares arquitetônicos ou àquela não praticante, para mostrar a importância de valorização dessas técnicas.



A ausência de reconhecimento e valorização acerca das práticas e do saber-fazer popular, acarreta acontecimentos que perpassam gerações, de modo que carece de uma reflexão de como as vozes e as participações das comunidades, muitas das vezes, são silenciadas na construção patrimonial. Tal fator se traduz numa caminhada longa e multifacetada sobre a invisibilidade que as técnicas populares de construção ocupam dentro do patrimônio intangível do país. O cerne, na verdade, mora na subestimação desses valores culturais, o qual resulta em uma lacuna na narrativa histórica. Para uma compreensão mais aprofundada, é indispensável explorar a reavaliação teórica que tangem o assunto. As teorias pós-coloniais e os estudos de decolonização oferecem uma perspectiva crítica, uma vez que, essa coloca sob lupa a viabilidade de identificação das estruturas de poder que sustentam a persistência da invisibilidade patrimonial.

CONCEITUAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA INVISIBILIDADE PATRIMONIAL



1. ARQUITETURA POPULAR: COMO É VISTA?

O estudioso da arquitetura popular brasileira, Gunter Weimer (2005, p.40), define a arquitetura popular como aquela que suprime tanto a arquitetura erudita elitizada, quanto a dos excluídos, como as conhecidas favelas e similares. Weimer (2005), ainda, em *Arquitetura Popular Brasileira* comenta que o termo "popular" tem origem latina - *populus* - e referia-se ao conjunto de cidadãos que afastados, por um lado, dos mais privilegiados, a quem estava reservada a representação no grande poderio, e por outro lado, aos que tinham menos condições, a plebe. No sentido literal da palavra, significava aquilo que é próprio das camadas intermediárias da população.

Nesse sentido, é possível depreender que a arquitetura popular é toda e qualquer arquitetura idealizada e materializada pelo povo, desde a produção sertaneja até a dos mais simples moradores das pequenas e médias cidades. Essa arquitetura é uma perfeita representação da grande parte da arquitetura brasileira e, ao mesmo tempo, mesmo que não possua rigor, deve ser considerada, respeitada e validada como arquitetura e como arte de criar e edificar espaços organizados, animados e encantados, como afirmou Lina Bo Bardi, em *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira* (1992, p.7):

“

[...] O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa, a constrói para suprir as exigências de sua vida; a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro. Ali está a nossa casa. Simples, sem voltas, sem retórica. Uma casa em que os espaços foram cuidadosamente examinados, calibrados, pensados, não sobre a base da especulação da construção, mas sobre a base da solidariedade humana; uma casa onde é possível viver, e principalmente pensar, onde há espaço para tudo, um espaço cuidado s a m e n t e dosado[...]

O conceito de cultura, segundo o historiador Luiz Antônio Simas (2018), envolve todo o processo humano de criação e recriação das formas de viver, incluindo padrões de comportamento, visões de mundo, elaborações de símbolos, crenças e hábitos. Isso também se estende às formas de morar, assentar e habitar, ou seja, a cultura de um povo é a sua forma singular de existir no mundo, uma vez que é uma ferramenta de extrema importância para o reflexo da resistência popular e afirmação de identidade, capaz de dar voz às comunidades. É importante reconhecer e valorizar essas singularidades, pois desaculturar um povo ao invisibilizá-las,

estigmatizá-las e inferiorizá-las é fazê-lo crer no seu desvalor e fazê-lo ansiar se assemelhar com a cultura do outro.

Ao longo do tempo, no contexto brasileiro, verificou-se um processo de valorização de culturas eruditas de origem europeia, com o intuito de inserir-se na cultura da civilização ocidental. Conforme, destacado por Chuva (2003), a questão da pertinência à civilização ocidental desempenhou um papel fundamental na concepção do conceito de patrimônio nacional no país. Personalidades renomadas da arquitetura brasileira, tais como Lucio Costa, tiveram destaque no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), contribuindo para a definição do que o patrimônio histórico e artístico nacional representava. Esse processo conduziu a uma universalização cultural no Brasil, baseada nos parâmetros definidos pelo Ocidente (Chauí, 2009), negligenciando as arquiteturas populares que não se adequavam a essa linha de pensamento. Isso suscita questões sobre o lugar que a arquitetura popular ocupa nessa ótica, como ela foi apreendida, por quais campos disciplinares e sistemas, e se sua dimensão é material ou imaterial. Segundo Castriota (2009, p.81-82), é imprescindível ponderar sobre tais questões pois:

“

A sociedade industrial moderna, com sua lógica da obsolescência programada, destrói sistematicamente qualquer quadro estável de referências, num processo de renovação incessante de usos e costumes,

imagens e valores. Nela, nada pode durar mais do que o tempo necessário para ser consumido pelo mercado, e mesmo o mais novo deve se tornar rapidamente antiquado. Nesse quadro a arquitetura e a própria cidade, que em princípio constituiriam estruturas duráveis, passam, também, a fazer parte daquela "via das cinzas".

Baumann³ já traçava essa situação com seu conceito de "modernidade líquida", mostrando que cada vez mais a realidade se fundamenta na fluidez de uma sociedade conduzida pelo consumo, valorizando-se o temporário e não mais aquilo que é sólido e permanente, no que o filósofo denomina de "modernidade sólida" (Bauman, 2001).

Dentre essa ótica apresentada, é criada uma reflexão acerca da presença e papel da arquitetura popular na atual sociedade, visualizando suas origens e construção cultural dentro do espaço em que ela está inserida. Essa máxima acaba por se traduzir na formação silenciosa de uma invisibilidade sobre a importância dessa arquitetura como acervos de memória e de aprendizagem.

³ Filósofo e sociólogo que estudou a Pós-Modernidade e como as relações humanas desenrolam-se nesse arranjo social complexo.

1.1 ANCESTRALIDADE, CULTURA E ESPAÇO: A (IN)VISIBILIDADE PATRIMONIAL

Para introduzir o tema deste subtópico, é necessário compreender o contexto atual em que o Brasil se encontra, especialmente no que diz respeito ao modo estabelecido de habitação. Consoante as ponderações de Villaça (1986), atualmente, o sistema de habitação e bem-estar está baseado em uma mentalidade capitalista de consumismo, e é nesse âmbito de sistema que a habitação transcende seu valor de utilidade, de modo que obtêm igualmente um valor de troca. Portanto, a habitação se configura como uma mercadoria que indubitavelmente não deve ser separada da terra, esta cujo alto custo imobiliário planeja a expulsão dos menos favorecidos para as zonas periféricas urbanas (Figura 03).

A ideologia do Buen Vivir⁴, originada no Equador, é uma alternativa que expressa a necessidade de conscientização sobre os gastos excessivos que países em desenvolvimento e não desenvolvidos acabam tendo para “pagar” o preço do desenvolvimento imposto pelo sistema ocidental de controle, em particular pelos Estados Unidos e Europa.

⁴ O Bem Viver tem como procedência o *sumak kawsay*, noção do modo de viver das diversas populações indígenas latino-americanas. Esse termo tem tradução vinda do castelhano (*buen vivir*) da expressão *kichwa sumak kawsay* e da expressão *aymara suma qamaña*. *Sumak*, que em *kichwa*, significa plenitude, e *kawsay*, viver. *Kichwa* designa um povo, uma nacionalidade e um idioma falado por cerca de 14 milhões de pessoas distribuídas entre as regiões andinas e amazônicas de Peru, Bolívia, Equador, Chile, Colômbia e Argentina. OSORIO, Vitor Bem Viver: neoliberalismo e unidade política. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2015

“ Nesta perspectiva, o desenvolvimento convencional tem sido visto como uma imposição cultural herdeira do saber ocidental – e, portanto, colonial. Daí se conclui que muitas das reações à colonialidade impliquem um distanciamento do desenvolvimentismo. O Bem Viver, assim, se traduz em uma tarefa descolonizadora. Além disso, também deveria ser despatriarcalizadora. Para cumpri-la, será particularmente necessário um processo de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e, claro, cultural. (ACOSTA, 2016, p. 79)

Diante dessa ótica, vê-se uma ânsia para o resgate de características e valores importantes que foram apagados ou até mesmo descobertos da ancestralidade presente dos povos originários dos países latino-americanos. A vertente ideológica do *Buen Vivir* comenta, justamente, sobre a preocupação em ratificar os agravos que esta busca pelo desenvolvimento produzida pelos colonizadores pode causar, sobretudo a desigualdade socioespacial e o distanciamento cultural da população.

A conduta mencionada acima afeta profundamente o modo como as pessoas habitam seus espaços. Ao negligenciar os valores anteriormente enfatizados por Lina Bo Bardi, as aspirações se afastam cada vez mais dos encantos da cultura e isso pode levar à perda do imaginário coletivo sobre o habitat da sociedade. É crucial perceber que o habitar é uma situação muito mais complexa do que a mera ocupação da edificação e a definição da sua materialidade. O habitar

engloba uma ampla gama de aspectos, como experiências e memórias afetivas, que enriquecem o modo de vida (Guizzo, 2019). Viver é pertencer, é criar laços e não se sentir indiferente ao ambiente que nos cerca. Portanto, reviver a ancestralidade da cultura brasileira, em especial a nordestina, não implica em tentar parar no tempo, mas sim, em aprender com ela e deixá-la viva em todos os momentos da vida cotidiana através da arquitetura.

Ao adotar esta perspectiva e refletir sobre a cultura, é importante considerar a forte conexão desta com o espaço, que deve ser compreendido além de sua dimensão econômica. Deve-se enxergá-lo como um agente transformador e construtor de identidades e culturas, uma vez que, conforme Cruz e Ghiggi (2011, p. 284) afirmam, “a cultura é resultado do processo de viver, das relações sociais, assim como a territorialidade é resultado do processo de ocupação do espaço, das relações estabelecidas entre o homem e o seu meio”. Nesse sentido, a construção do espaço, aliada à busca pelo desenvolvimento, resultou em ideais higienistas que incentivaram o uso de técnicas e materiais cada vez mais industrializados e automatizados, promovendo uma política de exclusão que empurra as classes sociais mais baixas para as periferias e zonas rurais, locais os quais ainda seria permitido a utilização de técnicas populares com materiais acessíveis ao uso.

Lina Bo Bardi, em contraponto a esse pensamento, constrói falas sobre o “Cajueiro Sêco” para a revista *Mirante das Artes* (1967), projeto do arquiteto Acácio Gil Borsoi, o



FIGURA 3: CONJUNTO DE CASAS POPULARES NO CONJUNTO SANTA JULIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS PELO FINANCIAMENTO CAIXA

FONTE: LUCAS LACAZ RUIZ, 2009.

FIGURA 4: ESTRUTURA PRÉ-FABRICADA DAS TRAMAS DE MADEIRA.

FIGURA 5: PROCESSO DE AUTOCONSTRUÇÃO

FONTE: Acervo Acácio Gil Borsoi

FIGURA 4



FIGURA 5



qual aplica o uso da taipa no modelo de pré-fabricação de habitações sociais em Pernambuco. Bardi disserta que tal projeto é um ótimo exemplo de como respeitar as tradições da construção popular de casas, uma vez que, este projeto parte da vertente de que exerça uma construção que seja orientada pelos técnicos, além de ter, a possibilidade dos próprios moradores executem e mantenham a edificação (Figura 4 e Figura 5).

“

O processo seria dividido em duas partes: fabricação e montagem. A fabricação representada por uma linha industrial, na qual a madeira seria desfiada em dimensões exatas, montadas em mesas gabaritadas, fixas entre si nos entrelaçados, por meio de grampeadores, tratada e imunizada. A montagem seria individual. Por meio de uma folha de papel quadriculado no módulo dos painéis, qualquer um poderia estudar a sua casa (planta e elevações), adquirir os painéis e demais peças. Cordel, arame ou prego, proporcionariam as amarrações. Portas e janelas seriam executadas dentro dos mesmos padrões. (BORSOI, 1967, p.22-23)⁵

Desse modo, com o pensamento de Lina acerca do feito de Acácio Borsoi, é possível notar as nuances dos motivos que levam à autoconstrução popular e estas são altamente diversificadas e ramificadas, pois é indubitável que a grande parcela opta por este tipo de produção, é muitas

⁵ Acervo de Acácio Gil Borsoi. Disponível em: <https://acaciogilborsoi.com.br/projetos-sociais/cajueiro-seco/>. Acesso em 22 de abril de 2023.

das vezes, o produto de um sistema que não oferta alternativas para a urgência de sobrevivência nesse cenário, tornando-se, assim, a moradia numa conquista popular, pois assim como Bardi, estas, sim, são capazes de respeitar as memórias contidas nas tradições populares do construir.

Dentro do contexto exposto, iniciou-se a construção de uma invisibilidade em relação às técnicas populares. Em 1968, Rodrigo M. F. de Andrade escreveu para a Revista Cultura do Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre a inscrição nos Livros de Tombo do Iphan, destacando que apenas bens que apresentassem um valor excepcional seriam aceitos. Com essa ideia, o autor disserta que essas tipologias populares da autoconstrução, mesmo se apresentando como representações autênticas da arquitetura brasileira, não recebem a devida relevância que patrimônios nacionais possuem. Esse parâmetro reflete diretamente na lógica de obsolescência criada na configuração espacial das cidades, e como já conceituava Castriota (2009, p.82), as edificações não são mais construídas para permanecerem, mas sim para serem remodeladas ao longo do tempo, o que leva a mencionar, infelizmente, a falta de vestígios que permaneçam para contar história. Esse fator é um grande desafio a ser combatido no Brasil, pois se soma à escassez de identificação com esse tipo de técnica.

Os brasileiros tendem a se identificar apenas com aquilo que é oficialmente reconhecido como patrimônio cultural tanto para o Brasil como para a região. Esse problema não é apenas gerado pela sociedade, mas

também é um reflexo direto dos órgãos que documentam esses tipos de técnicas. Gilberto Freyre (Freyre *apud* Andrade, 1937b, p 9-10) cita o desvalor que o órgão IPHAN dá à arquitetura popular.

“

[...]Ao parentesco que tenham acaso os nossos monumentos considerados artísticos com os tipos de habitação criados no Brasil pelo engenho popular não se prestaram ainda quase nenhuma atenção. [...] Em verdade, reconhecida como já foi a importância considerável que as feições próprias da casa popular brasileira assumem quando se considera a sua influência sobre a nossa formação histórico-social, deve ter-se em vista igualmente o seu valor artístico. Porque os nossos tipos de habitação popular não têm somente interesse documentário, do ponto de vista do historiador e do sociólogo, senão ainda interesse como obras de arte, possuindo, como possuem muitas vezes, os traços essenciais que distinguem os exemplares autênticos de boa arquitetura. [...]

A valoração das tipologias populares é dificultada principalmente devido às perseguições e rotulações de casas insalubres e não higiênicas. Isso confirma como o espaço construído nesse sistema era voltado apenas para a reprodução de uma cultura específica. Apesar de uma efêmera preocupação com a valorização da arquitetura popular, a negligência administrativa é uma grande barreira para a preservação desses saberes e modos de construção, especialmente em localidades menores onde ainda há reminiscências dessas técnicas. Como exemplo positivo,

temos o projeto de Lina Bo Bardi na década de 70, que tentou criar um conjunto de moradias populares para trabalhadores em uma comunidade cooperativa em Camurupim, Propriá, Sergipe. Embora o projeto não tenha sido executado, foi uma grande conquista para exemplificar maneiras e alternativas de construção popular para possíveis soluções técnicas de tipologias de casas.

Infelizmente, o estigma e o preconceito criado em torno dessas técnicas populares de construção vêm principalmente do fato de serem provenientes de elementos culturais de povos escravizados ou dominados, refletindo a colonização e o racismo em relação a essa população que é visivelmente despercebida, desvalorizada e vulnerável.

1.2 TIPOLOGIAS DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS POPULARES

Entende-se que as técnicas construtivas acompanham o progresso das culturas na construção de mundo, tornando-se um fruto que carrega conhecimento e relações entre os modos de viver e os materiais do território em esteja inserido. Nesse sentido, é necessário visualizar o processo de globalização e homogeneização cultural, evidenciando que essas técnicas estão presentes no processo de apagamento cultural, uma vez que a posição dominante dos grandes detentores de poder promove essa situação.

Com a Carta de Veneza de 1964, a valorização do reconhecimento da criação popular como um patrimônio intangível instigaram o Brasil a publicar inventários que constassem produções dentro dessas características. É importante salientar que a criação do decreto de nº 3551 de 4 de agosto de 2000 que configura o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial na constituição de um patrimônio cultural brasileiro uma vez que consta a existência do Livro de Registro de Saberes, o qual serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Assim como este decreto, a criação de inventários como por exemplo o Inventário de Proteção do Acervo Cultural publicado na Bahia, foram expoentes para difundir a importância de registros desses saberes que

são parte inerente da comunidade a qual ela faz parte. Essa difusão de patrimônio cultural imaterial teve suas influências como levantamentos e criação de estudos que coloquem nos holofotes as tecnologias e técnicas construtivas populares, constituindo um veículo que concretize a visibilidade essencial que é necessária para as técnicas tanto no sentido material quanto imaterial. A exemplo dessas óticas tem-se o Projeto Mestres e Artífices do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo a certificação dos mestres dessas técnicas como instrumento de valorização dos saberes tradicionais.

No Brasil, as primeiras aparições de arquitetura popular surgem com as técnicas indígenas (Carvalho; Carréra; Surya, 2016), utilizando-se de materiais providos da terra. Obviamente com a constante colonização, as técnicas tradicionais populares passaram por um processo de mescla de culturas, tanto a colonizadora europeia, quanto àquela que era vinda através da resistência da população preta perante a escravatura no Brasil. Com o exposto é possível notar ainda alguns exemplares se mantiveram de pé para continuar escrevendo a história brasileira, principalmente em regiões interioranas do Nordeste, com construções constituídas, principalmente, da terra, como casas de taipa, casas de tijolo cru ou com materiais orgânicos.

Weimer (2005) evidenciava a adaptação sustentável que essas técnicas possuíam, não só pela sua construção extremamente rápida, mas também seus materiais leves e flexíveis. Esse processo construtivo com características indígenas tornou possível que a sua ancestralidade percorresse todo o território brasileiro, assim como a influência africana com os mocambos e cubatas (**Figura 6**) Liana Mesquita e Neide Mota (2017) explicam em seu texto “Métodos construtivos tradicionais” que o nordeste brasileiro em suas experiências consegue abarcar memórias e saberes ancestrais, este fator apenas ratifica a diversidade cultural no território e a importância de valorização.

Arquitetura popular com técnicas como a, taipa de pau-a-pique, empregada principalmente no decorrer do século XVIII, se tornam evidenciadas em edifícios populares em diversas regiões do território brasileiro. As edificações que apresentavam em sua tipologia a técnica de pau-a-pique, notava-se a pouca movimentação de terra ou a sua alta resistência e de acordo com Vasconcellos (1959), se tratava de um

grande “conglomerado permanentemente ampliável e reduzível”, por serem compostas em sua grande maioria como anexos da construção principal.

Assim como Pisani (2006) é dado a esse trabalho um destaque especial à técnica da utilização da taipa no Brasil, uma vez que era um material usado vastamente na construção de casarões e sobrados, possuindo uma divisão a qual as suas paredes externas eram utilizadas a taipa de pilão enquanto suas paredes internas em contrapartida eram utilizadas a taipa de pau-a-pique (**Figura 7**).

Porém é essencial frisar a diversidade de manifestações da arquitetura popular e das suas técnicas singulares como criadoras de espaços. Márcia Sant’anna comenta que a arquitetura produzida pelas classes mais baixas dentro dos centros urbanos, não são vistas como “populares” ou até mesmo como arquitetura, elas para o contexto hegemônico se traduzem apenas como “construções” que são consequências da especulação imobiliária da construção civil. No entanto,

como já comentado neste presente trabalho, todo tipo de arquitetura produzida por comunidades e classes menos abastadas possuem técnicas de autoconstrução e se enquadram na arquitetura popular.

Seja o surgimento das favelas ou ocupações que reivindicam o direito à moradia, elas conferem uma situação de adaptação de técnicas de construção para a localidade do espaço, desde a escolha de materiais como a forma de construir. O presente trabalho, então, tem o intuito de dar destaque a duas tipologias provindas da arquitetura de terra: a taipa de mão ou “pau-a-pique” e a de adobe, situadas no recorte geográfico e histórico do objeto de análise da pesquisa, Rosário do Catete/SE, caracterizando suas criações, utilizações e métodos construtivos, todos esses aliados ao molde do imaginário da memória afetiva que essas técnicas são capazes de carregar.

FIGURA 6



FIGURA 6: UMA CUBATA DE TAIPA DE MÃO EM SOLO RIO-GRANDENSE, INTERIOR DE BAGÉ

FONTES: GUNTER WEIMER, 2014, P. 238.

FIGURA 7



FIGURA 7: CASARÃO ONDE ABRIGA O PAÇO MUNICIPAL DE ROSÁRIO DO CATETE CONSTRUÍDO EM TAIPA.

FONTES: ACERVO DA PREFEITURA DE ROSÁRIO DO CATETE, 2021.

1.2.1 ARQUITETURA DE TERRA - ADOBE

Os adobes são os tijolos de terra crua que são moldados tanto à mão como em fôrmas de madeira em sua grande maioria e a terra é retirada do mesmo local da construção, possuindo apenas o acréscimo de água para a produção dos blocos que são secos ao ar livre (Lins & De Santana, 2017). Este tipo de técnica foi introduzido no Brasil no período colonial, e como é perceptível tem uma grande influência portuguesa na criação arquitetônica como também traços da cultura africana em seu método construtivo (Figura 8).

Suas paredes têm um funcionamento diferente do que se é acostumado a ver com paredes de alvenaria de blocos cerâmicos. As paredes feitas com técnicas construtivas com a matéria prima sendo a terra tem uma ligação diferente com o meio ambiente, essas paredes se comportam como organismos vivos que respiram e

equilibram os níveis de umidade e calor da moradia, além de ser um material altamente sustentável, e com sua devida conservação a sua durabilidade beira o nível extremo (Figura 9).

O uso de lajotas de terra crua, também, pode receber acabamentos como pintura e até mesmo reboco para o seu assentamento, conferindo uma maior durabilidade para a edificação, e mesmo

FIGURA 8: CASA EM RUÍNAS FEITA EM ADOBE, OLMOS DE OJEDA, ESPANHA

FONTE: VICTOR CASTELA GUTIÉRREZ, 2018

FIGURA 9: CASA ONDE FICAVA A MOENDA DO ENGENHO CARAÍBAS NO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO CATETE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



apesar da sua alta capilaridade se entrar em contato direto com o solo, muitas outras localidades que possuem a aplicação deste métodos foram em busca de alternativas para amenizar os problemas, e um deles, são os cidadãos marroquinos que com sua técnica de **Tadelakt**⁶, possibilita que as paredes sejam encobertas de cal, selando-as e as deixando impermeabilizadas.

“

Para além das comunidades carentes que continuam a utilizar essas técnicas para construção de suas casas, seja pela ausência de recursos para adquirir os produtos industrializados, seja pelo domínio deste conhecimento, herdado de seus antepassados (...) aprofundar o conhecimento sobre a arquitetura de terra é uma atitude contemporânea de especial relevância, pois atua em consonância com os princípios e preocupações do homem do século XXI, que se volta para a proteção e recuperação do patrimônio arquitetônico, preservação da natureza e na disponibilidade de um material de construção com reconhecida qualidade e potencialidade para a arquitetura. (Lins & De Santana, 2017, p. 119)

Trata-se de uma técnica secular, presente em mastabas e tumbas egípcias, portanto, é possível afirmar que essa técnica tem uma vasta documentação sobre forma de construção, incluindo suas variações de acordo com as necessidades do local onde é aplicada. Conforme Cabrera e Nwaubani (1990), a adição de fibras naturais nesta técnica remonta às antigas civilizações

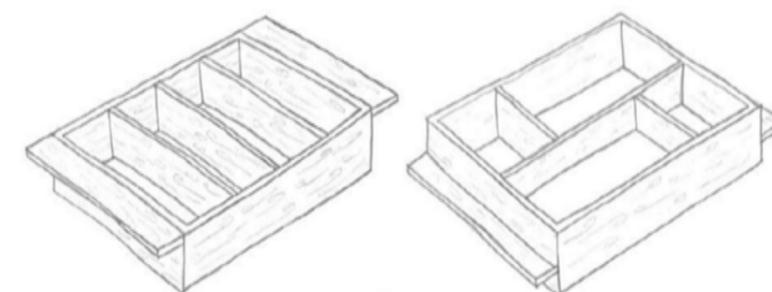
⁶ Tadelakt significa esfregar em árabe.

egípcia e mesopotâmica. Essas fibras são adicionadas para controlar a retração do adobe durante a secagem, evitando que os blocos rachem, melhorando a força de ligação da mistura e reduzindo sua densidade. (Minke, 2012) As dimensões variavam, indo de 5 x 10 x 20 até 10 x 15 x 30, isso iria depender do tamanho do molde do adobe (Figura 10) o que geraria vários tamanhos diferentes de edificação para edificação.

FIGURA 10: MOLDES COM DIMENSÕES IGUAIS E DIMENSÕES ALTERNATIVAS PARA BLOCOS DE ADOBE.

FONTE: ACERVO DE ARTHUR SOUZA SANTOS ADAPTADO DE LENGEN (2005), 2019.

FIGURA 10



1.2.2 ARQUITETURA DE TERRA – TAIPA DE MÃO E DE PILÃO

A taipa é a técnica construtiva mais antiga a ser utilizada no Brasil, dispondo da aplicação desta até a contemporaneidade. A taipa tem seu uso difundido em vários aspectos na arquitetura atual, seja pelas classes sociais de baixa renda que a utilizam pela acessibilidade do material construtivo, seja pela dita bioarquitetura que visa o uso de materiais ecológicos e sustentáveis. A taipa de mão foi e é a mais aplicada até então, uma vez que a taipa de pilão era comumente mais utilizada para construção de paredes externas mais espessas como a construção de Casas de Câmaras e outras fortificações militares. É possível afirmar que o grande uso da taipa de pilão se deu pela colonização e o uso difundido em Portugal no século X devido à presença dos árabes em terras portuguesas nessa época (Ponte, 2012).

Apesar das duas técnicas utilizarem a mesma matéria prima para confecção, elas se distinguem pelo procedimento e resultado final, a taipa de mão ou pau-a-pique era comumente utilizada em larga escala no interior do país e regiões litorâneas, a mesma utiliza uma trama estrutural de madeira e após é aplicado o barro para vedação, já a de pilão era mais utilizada pelos colonos paulistas e mineiros com a

utilização de tabuados laterais ou taipais para serem socadas com um pilão até a terra estar apiloada uniformemente (Figura 11)⁷, daí a origem da designação: taipa de pilão (Weimer, 2005). Porém, esta técnica ainda apresenta algumas desvantagens, das quais seriam o seu tempo de cura variando entre 4 e 6 meses completos para assim ter a possibilidade de aplicação de revestimentos e outros tipos de estruturas, além da sua alta aderência como umidade. (Figura 12 e 13).

A taipa de mão é uma técnica que ainda é bastante utilizada em zonas rurais ou

⁷ Disponível em: <http://pise-livradois-forez.org/spip.php?page=expo4> Acesso em: 23 de abril de 2023

FIGURA 11: DESENHO QUE MOSTRA O PROCESSO CONSTRUTIVO DA TAIPA DE PILÃO

FONTE: PARC NATU-REL REGIONAL – LIVRADOIS-FOREZ

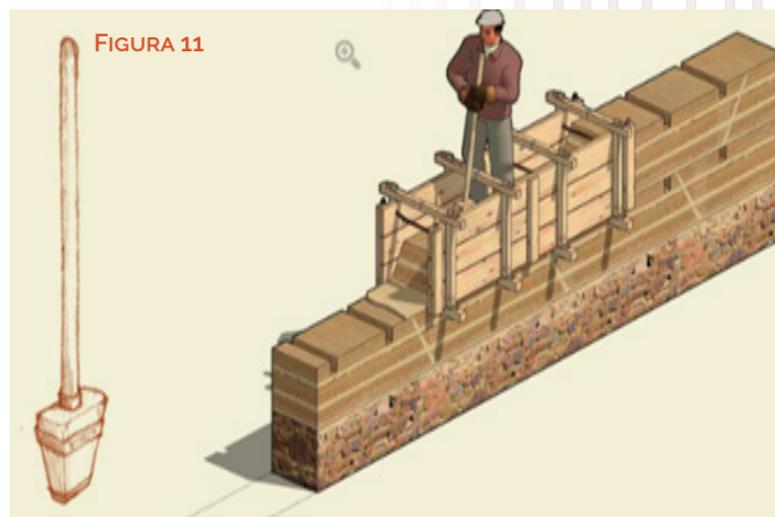


FIGURA 12: CASA EM CUNHA, COM AS PAREDES PRINCIPAIS FEITAS DE TAIPA DE PILÃO

FONTE: ARQUIPÉLAGO ARQUITETOS, 2019



regiões interioranas, por exemplo, do Nordeste brasileiro. Entretanto, carrega estigmas e preconceitos por estar associada à falta de poder aquisitivo ou às questões higiênicas, como a presença do vetor da Doença de Chagas (barbeiro). Com a diminuição da presença de edificações com este tipo de técnica, e com a ajuda de programas de erradicação promovem esse desaparecimento, a preservação dessa técnica coloca em risco a perda de um saber tradicional importante para a história da arquitetura brasileira uma vez que, mesmo que não tenha um consenso da origem da técnica construtiva da taipa de mão, é considerada por muitos estudiosos e profissionais da área, que a mesma já era um conhecimento estruturado entre os indígenas e da influência africana:

“

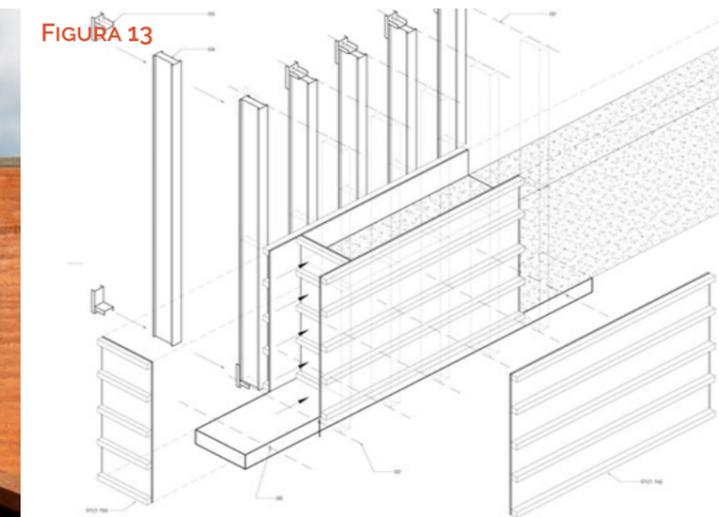
[...] os negros trazidos ao Brasil também conheciam processos construtivos que utilizavam a terra, algumas tribos empregavam estruturas preenchidas com barro, que apresentavam similaridades com as técnicas de algumas tribos brasileiras. [...] Portanto, durante o início da colonização, todas as culturas componentes dominavam técnicas construtivas que utilizavam a terra como matéria prima. (Pisani, 2004, p.9)

Ademais, a taipa de mão é marcada como uma representação de um saber-fazer tradicional, não apenas por ser algo que é perpetuado por gerações dentre os praticantes, mas também porque são realizadas de maneira artesanal pela própria população residente. Carrega o registro na própria edificação com as marcas das mãos de quem a construiu, tornando-se uma identidade e uma assinatura silenciosa do artesão. Trata-se de um aspecto que potencializa ainda mais o fator de pertencimento e ligação com a moradia, que alimenta cada vez mais a memória afetiva que essa técnica possui (Figura 14).

No entanto, o legado intangível dessas práticas está constantemente ameaçado pelo apagamento cultural, tal circunstância pode ocorrer devido a diversos fatores, como urbanização acelerada, globalização, conflitos, mudanças

FIGURA 13: FÔRMA DE TAIPA DE PILÃO NA CONSTRUÇÃO DA CASA EM CUNHA, BRASIL

FONTE: PARC NATU-REL REGIONAL – LIVRADOIS-FOREZ



climáticas, migração e transformações sociais e econômicas (Figura 15). A falta de valorização e reconhecimento dessas práticas também pode contribuir para seu desaparecimento, e, por este fator, o valor documental desempenha um papel crucial na preservação deste legado intangível. Afinal, a documentação dessas práticas milenares (Figura 16) permite que sejam registradas, estudadas e transmitidas a futuras gerações como já conceituava Figueiredo (2014, p. 91):



[...] Preservar considerando a composição constante dos significados, identidades e tradições; considerando o patrimônio como recurso ao desenvolvimento; e, simultaneamente, construindo o patrimônio em seu sentido social, de cidadania e promovendo a qualidade de vida para um futuro em que se almeja a equidade, o direito à memória e à diversidade cultural, dentro de uma estratégia interdisciplinar e interinstitucional, colocam-se como os principais desafios daquilo que se designa por “sustentabilidade” no âmbito das políticas de patrimônio. [...]

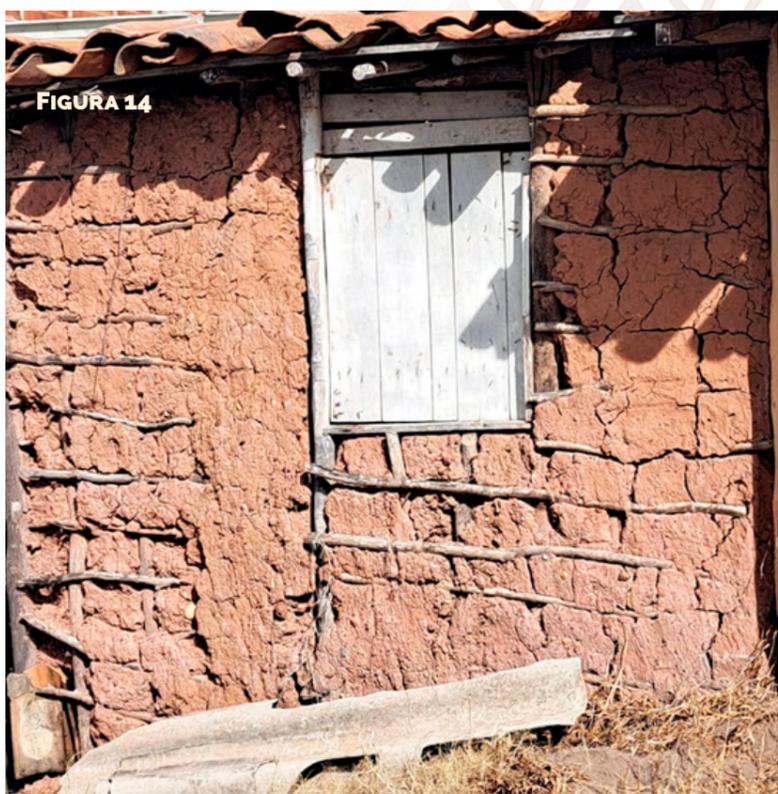


FIGURA 14

FIGURA 14: RANHURAS E MARCAS DE MÃO DEIXADAS APÓS A SECAGEM DA TAIPA – ROSÁRIO DO CATETE.

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 15

FIGURA 15: CASA DE TAIPA NO PARQUE AZA BRANCA, ACERVO CULTURAL E HISTÓRICO DE GONZAGA.

FONTE: EGBERTO ARAÚJO, 2010.



FIGURA 16

FIGURA 16: DOIS HOMENS USANDO O PRÓPRIO BARRO PARA REBOCAR SUAS CASAS DE TAIPA.

FONTE: LUIZ FELIPE SAHD, 2015.

1.3 LEGADO INTANGÍVEL EM APAGAMENTO: VALOR DOCUMENTAL DAS PRÁTICAS MILENARES E SEUS DESAFIOS

A natureza humana é um espaço cheio de contradições, uma vez que ao mesmo tempo que somos criadores de memórias afetivas individuais e coletivas como já conceituava Halbwachs (1968) ao falar que a memória deixa de ser uma questão individual para ser construída e moldada pelas interações sociais e pelo contexto cultural e histórico em que o ser humano está inserido. Ainda argumenta que a memória é socialmente construída e a lembrança do passado é influenciada pelos grupos sociais e pelas estruturas sociais. Deste modo é indubitável não afirmar que este fator torna o indivíduo, também, em uns dos maiores responsáveis pelo aniquilamento lento das lembranças e referências importantes para construção histórica identitária brasileira.

“A história é compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. [...] Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura

e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, [...] então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem (HALBWACHS, 1968, p. 100-101)

O patrimônio intangível é um tema que vem sendo presente tanto no campo acadêmico quanto no aspecto das políticas de preservação, como por exemplo, a ação da UNESCO com a implantação do programa com o nome de “Tesouros Humanos Vivos”, assim como a Constituição Federal de 1988, que já adotava um conceito de patrimônio cultural e possui a sua salvaguarda no art. 216 que disserta:

“

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I. as formas de expressão; II. os modos de criar, fazer e viver III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Os modos de criar citados pela Constituição se refere a tema explorado no trabalho: as técnicas construtivas tradicionais, pertencentes às manifestações intangíveis da cultura popular. Estas estão contidas no contexto de globalização cultural que coloca as mesmas em um processo de desaparecimento eminente, visto que mesmo que exista um consenso de uma iniciação para compreender que elas são parte de um patrimônio imaterial, é necessário, também, definição de formas que possam preservar estas não apenas como um objeto, mas, integralmente como um processo. Visto este parâmetro, promulgou-se o Decreto 3.551/2000 que tem por criação o Programa Nacional do

Patrimônio Imaterial (PNPI) possuindo como princípios primordiais a implementação de inventários de referências culturais, uma vez que este foi criado com o intuito de propor uma investigação para compreender os aspectos da vida social que são vinculados a diversos significados de valor dentro de determinados grupos sociais, destarte, se tornando assim elementos marcantes e referências de identidade. Estes inventários abrangem não apenas as categorias já definidas no Registro, mas também inclui edificações associadas a usos específicos, a especificações históricas e a paisagens urbanas, seja qual for a sua qualidade arquitetônica ou artística, visando de modo a sua valorização e documentação desse patrimônio.

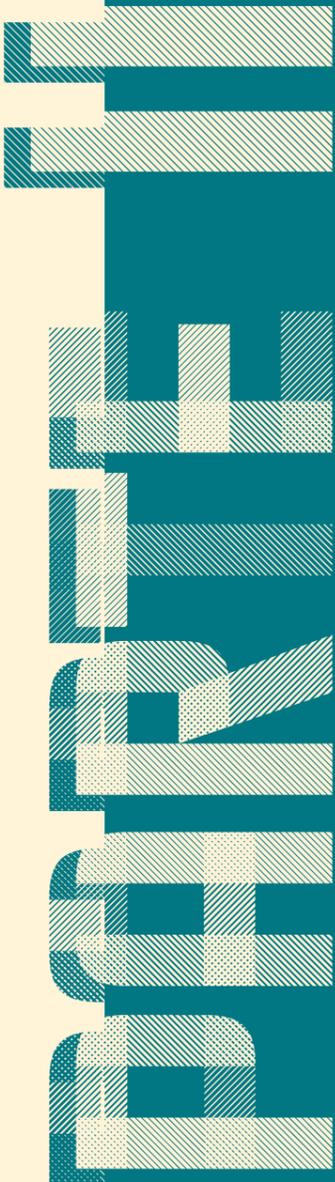
Porém, existem desafios que colocam empecilhos para atingir a preservação da maneira correta desses saberes, garantindo a sua sobrevivência, seja de maneira financeira, seja de forma que perpetue o seu legado. Um dos primeiros problemas é entender as práticas milenares como um saber a ser documentado e considerado digno de guarda e preservação, pois elas são rerepresentações humanas e da sua forma de viver. A noção de patrimônio passa por uma ampliação conceitual, porém a de documentação de patrimônio intangível – em específico a arquitetura popular tradicional – tem sido excluída e negligenciada como já descrito ao longo deste trabalho. Outra questão é a visualização da cultura e da arquitetura popular não

como algo espontâneo como muitas das vezes é designado, mas entendê-la como um espelho da relação do ser humano com a natureza e como detentora de integrar infinitas formas de construir arquitetura (BESSE, 2014a, p.250).

Considerando isso, infere-se que existiu e ainda existe a mobilização para com a arquitetura popular dentro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que a partir de 1970, durante seus primeiros anos de atuação, entendeu-se que o contexto vivido era de libertação das amarras das vanguardas europeias na busca de uma identidade arquitetônica brasileira, buscando-se cada vez mais a aproximação com a arquitetura popular que muitos arquitetos como Lucio Costa e Gilberto Freyre comentam nas publicações das Revistas do Patrimônio⁸.

A atuação do órgão pode ser impulsionada através da documentação, na busca por reforçar e manter em vigor o valor do uso desses materiais e dessas técnicas, e principalmente, perpetuar esses saberes pela oralidade dos artesãos e mestres.

⁸ Publicações das Revistas do Patrimônio: Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=&busca=revista+do+patrimonio&pagina=4> Acesso em: 13 de abril de 2023



Após o exposto na primeira parte deste trabalho acerca da construção da invisibilidade patrimonial para com as técnicas construtivas populares, emerge uma imperativa necessidade de contemplar as complexidades inerentes ao tratamento, entendendo que é imprescindível explorar minuciosamente como as percepções coletivas e as nuances do preconceito contribuem para essa estigmatização anunciada. Dada a especificidade do contexto em Sergipe, tonar-se imperativo empreender uma análise aprofundada das diversas facetas subjacentes, recortando o núcleo de análise para Rosário do Catete, o qual é o foco desta pesquisa.

[RE]CONHECIMENTO

2. ROSÁRIO DO CATETE: TERRA DE GOVERNADORES

Rosário do Catete é um município do estado de Sergipe, localizado na mesorregião do Leste Sergipano, e pertencente a microrregião do Baixo Cotinguiaba (**Mapa 02**). Ademais, Rosário do Catete pertence a região da sub-bacia do rio Siriri, onde estão concentradas ações antrópicas relacionadas às atividades de exploração mineral, como extração de petróleo e potássio; agropecuária, com predominância de cana-de-açúcar e pastagens; industrial, relacionadas a fertilizantes e agroenergia além de receber efluentes praticamente in natura dos outros municípios: Siriri e Nossa Senhora das Dores. O relevo na região está representado pelas seguintes unidades geomorfológicas: planície litorânea, tabuleiros costeiros, superfície dos rios Cotinguiaba-Sergipe englobando, feições dissecadas em colinas, cristas e interflúvios tabulares (SEPLANTEC, 1997 apud BOMFIM, 2002)⁹. Os solos são do tipo Podzólico Vermelho Amarelo, Eutrófico, Hidromórficos e Vertisol, com vegetação de Mata, Capoeira, Campos Limpos, Campos Sujos e Caatinga (SUPES, 2000 apud BOMFIM, 2002).

⁹ BOMFIM, Luiz Fernando Costa. Projeto Cadastro da Infra-Estrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Rosário do Catete. Aracaju: CPRM, 2002.

Além disso, o município possui apenas um povoado atualmente, Siririzinho (**Mapa 03**), o qual, também, foi local de pesquisa para este trabalho. Maria Lucia Marques Cruz Silva (2000) afirma que o povoado teve uma grande influência da Petrobrás segundo o diagnóstico feito pelo Banco do Brasil, pelo Governo de Sergipe e pelo “Visão Mundial, este último que em 1985 atendeu famílias carentes, com o principal propósito de solucionar as questões sociais. A autora disserta, ainda, que muitos moradores afirmam que naquela época o incentivo ao artesanato local foi de grande significância pelo programa.

De acordo com Silva (2000), a história de Rosário do Catete começa em 1575, com a primeira tentativa de conquista de Sergipe pelo Estado da Bahia, comandada pelo então governador Luiz de Brito. As terras ocupadas pela cidade de Rosário do Catete pertenciam ao antigo Engenho Jordão, de propriedade de Jorge de Almeida Campos, que as doou para construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário, imagem que teria sido encontrada por escravos, nas matas adjacentes. (IBGE, 2010).

Ainda segundo Silva (2000), o

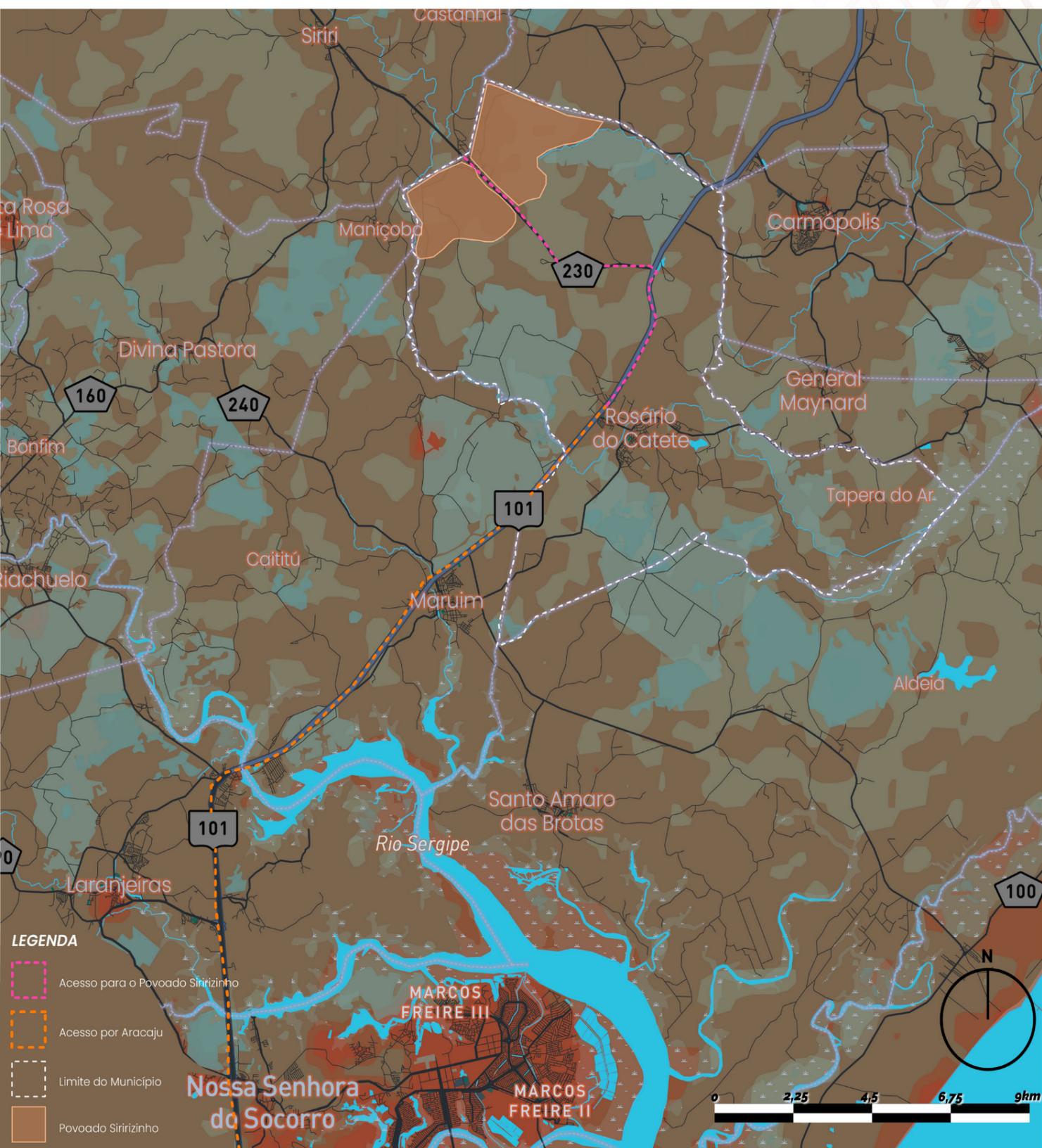
MAPA 02

MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE ROSÁRIO DO CATETE NA POLIGONAL DE SERGIPE



MAPA 03

LOCALIZAÇÃO DE ROSÁRIO DO CATETE E DO POVOADO SIRIRIZINHO E A RELAÇÃO DO ENTORNO COM O MUNICÍPIO E SEUS ACESSOS.



Fonte: Mapa elaborado pela autora, Victória Domingos, 2023.

processo de povoação de Rosário do Catete se dá mediante a conquista do território de Sergipe. A autora explica que a formação histórica deste município se concretiza com a vinda do português Cristóvão de Barros, que ao colonizar Sergipe fez uma doação de sesmaria ao seu filho Antônio Cardoso de Barros para dividir com as pessoas que participaram das lutas contra os indígenas. Com a morte do chefe da tribo local, o cacique Siriry, eles trataram de ocupar as terras ali dominadas. Assim, às margens do rio Siriri aconteceu a primeira ocupação nas terras do Engenho Jordão – de propriedade do senhor Jorge de Almeida Campos –, região que atualmente se encontra com escasso número de matas naturais.

O professor e historiador Adailton Andrade (2020) comenta que não se encontra uma explicação definitiva para a origem do nome de Rosário do Catete. No entanto, existe uma narrativa popular que remonta ao achado de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário pelos escravos em uma mata – onde a cidade se estabeleceu –, atribuindo, assim, o nome ao município. Além disso, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a formação de uma irmandade composta por homens pretos e pardos na região corroboraram para a consolidação do nome da cidade como Rosário.

No que tange ao termo "Catete", existem diversas possibilidades, que incluem referências a uma espécie de milho ou a um animal chamado caititu. Certamente,

conforme argumentado por Andrade (2020), a explicação mais plausível aponta para o fato de que, antes da fundação da vila do Rosário, os proprietários do Engenho Catete Velho doaram uma extensa porção de suas terras para ampliar a área administrativa da vila, conferindo, assim, ao município o nome de "Rosário do Catete".

Conforme o Artigo 75º da Lei nº 04/2022¹⁰, datada de 03 de março de 2022, que introduz modificações na Lei Complementar nº 03 de 1º de abril de 2013, a Secretaria Municipal de Cultura de Rosário do Catete, designada como SECULT, na qual tange a responsabilidade de fornecer apoio e assistência direta e imediata ao Chefe do Executivo no que diz respeito a políticas públicas no campo cultural. Suas atribuições incluem fomentar e promover as áreas de literatura, artes e arte-educação; salvaguardar o folclore e as manifestações culturais e artísticas; supervisionar, gerenciar e preservar o patrimônio histórico, artístico-cultural e arqueológico. Deste modo, o município possui a salvaguarda destas edificações que estão relacionadas ao apogeu da produção de açúcar em Sergipe no século XIX, possuindo, assim, engenhos catalogados (**Tabela 01**) por estudos e acervos (**ANEXO A e B**), como o da Josineide Santos¹¹ e do Igor Fonsêca¹²

¹⁰ Disponível em: <https://rosariodocatete.se.gov.br/legislacoes-e-atos/leis-complementares/dispoe-sobre-estrutura-organizacional-da-administracao>. Acesso em: 30 de maio de 2023

¹¹ Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12524/2/JOSINEIDE_LUCIANO_ALMEIDA_SANTOS.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2023

¹² Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/14963/1/Tese%20de%20Igor%20Fons%C3%A7a%20de%20Oliveira..pdf> Acesso em: 25 de abril de 2023

e pelo Acervo do IPHAN - Inventário de conhecimento de Patrimônio Cultural da cana de açúcar na região do Baixo Cotinguiba, os quais caracterizam suas qualidades arquitetônicas, assim como a importância que desempenharam no século XIX enquanto coparticipantes das mudanças ocorridas no Vale do Cotinguiba.

Além disso, outras edificações recebem destaque por suas características arquitetônicas do período colonial do final do século XVIII até meados do século XIX com sua simplicidade nos traços, simetria nas fachadas e organização interna com

grande influência portuguesa, como os dois sobrados da antiga Rua de Baixo - atual Rua Dr. Menezes Padro - **(Figura 17 e Figura 18)** e a Estação Ferroviária que hoje é a atual sede da Banda Filarmônica Luiz Ferreira Gomez **(Figura 19 e Figura 20)**. A estação ferroviária em questão teve uma tentativa de entrar em processo de Tombamento pelo IPHAN - a qual visitou a cidade em 2017¹³ para verificação técnica. Destaca-se que diversos eventos históricos conferem

¹³ Disponível em: <https://sergipemais.com.br/se/iphan-visita-estacao-ferroviaria-e-predios-historicos-em-rosario-do-catete/> Acesso em: 13 de julho de 2023

NOME	PROPRIETÁRIO
Santa Barbara, Pati, Bom Nome, Várzea Grande.	Francisco Vieira de Melo
Oitocentas	José Paes de Azevedo Sá
Saco	Alfredo Franco
Serra Negra	Leandro de Siqueira Maciel
Sítio Novo	Gonçalo Teles de Menezes
Catete	Gonçalo Vieira de Melo
Jurema	Maria da Glória de Faro Jurema
Periperi	Manoel d Faro Mota
Várzea	Dionizio de Faro Mota
Jordão	João Machado de Aguiar Menezes
Jucuruna, Caldas, Salobro	Manoel Gomes da Cunha
Cajá	Alexandre de Tal
Marrecas	Francisco Gomes Dantas
Bom Sucesso	Sem indicação de proprietário
Capim Assu e Cume	Delfino de Faro Sobral
Jenipapo	Manoel Pereira dos Anjos
Ilha	Matias Curvelo de Mendonça
Campo Redondo	Manoel José Gomes da Costa
Saco:	João da Silva Maynard Júnior
Lagoa Grande	Gonçalo de Faro Passos

TABELA 1:RELAÇÃO DE ENGENHOS CATALOGADOS PELO ESTUDO DE JOSINEIDE SANTOS ATRAVÉS DO CENSO DE 1920 DO ALBÚM DE SERGIPE DE CLODOMIR SILVA.

FONTE: JOSINEIDE SANTOS, 2019.

relevância a essa estação férrea. Por exemplo, em 1924, ela serviu como ponto de embarque para as tropas dos tenentes envolvidos na Revolta de 24, liderada por Augusto Maynard Gomes. (SANTOS, 2019). O monumento referente ao marco histórico da Revolta de Santo Amaro também é um elemento que se destaca por sua importância política, afinal, a revolta levou à emancipação política do município em 1836.

Segundo Silva (2000), é notável que a formação da povoação de Rosário ocorreu

FIGURA 17:DOIS SOBRA-DOS, OS QUAIS UM É O PAÇO MUNICIPAL – DIREITA – E O OUTRO IRÁ SER O NOVO CENTRO DE ARTE-SANATO DO MUNICÍPIO – ESQUERDA.

FONTE: GOOGLE EARTH, 2022. ADAPTADA POR VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 18:OS SOBRADOS DA “RUA DE BAIXO” NO ANO DE 1938

FONTE: ADAILTON ANDRADE, 2017.

FIGURA 19: EDIFICAÇÃO QUE SEDIU A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DO MUNICÍPIO E ATUALMENTE É A SEDE DA BANDA FILARMÔNICA LUIZ FERREIRA GOMES

FONTE: GOOGLE EARTH, 2022. ADAPTADA POR VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 20: A ESTAÇÃO EM 1956, 42 ANOS APÓS SUA INAUGURAÇÃO.

FONTE: ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, IBGE, 1958.



em um contexto em que a Vila de Santo Amaro das Brotas já estava estabelecida. Por um extenso período, essa vila exerceu controle administrativo e político sobre toda a região, exercendo uma influência substancial sobre os interesses da Província de Sergipe. Esse impacto era especialmente evidente devido à localização estratégica do Porto das Redes, que servia como ponto de escoamento para a significativa produção de açúcar do Cotinguiba. O professor e historiador Adailton Andrade (2020)¹⁴ comenta que por volta de 1828, a população de Rosário do Catete – até então sob a denominação de povoado de Santo Amaro – teve um aumento exponencial enorme, fato este que resultou na ação da Câmara da Vila de Santo Amaro das Brotas acabar transferindo Rosário do Catete para a sede do município de Maruim. Essa mudança causou uma disputa entre os habitantes de Santo Amaro e Maruim, a qual foi resolvida pelo governo da província que ratificou a decisão da Câmara de Santo Amaro. No entanto, essa mudança não foi bem aceita por Maruim, reagindo de forma que em 3 de fevereiro de 1831, Rosário voltou a pertencer a Santo Amaro como povoação e freguesia, e logo após cinco anos, em 12 de março de 1836, Rosário do Catete foi oficialmente elevada a vila de Nossa Senhora do Rosário do Catete, marcando o nascimento da cidade a partir da Revolta de Santo Amaro.

¹⁴ Disponível em: https://fontesdahistoriade-sergipe.blogspot.com/2020/03/rosario-do-catete-184-anos-de-um_11.html. Acesso em: 20 de março de 2023



Art.1ª – Fica erecta em villa a povoação de Nossa Senhora do Rozário, desmembrada do termo da villa de Santo Amaro, com a denominação de Villa de Nossa Senhora do Rozário do Cattete: Seu termo dividido da maneira seguinte: Do rio Seriry onde faz a barra no Japarutuba, por ele acima seguira a divisão de Santo Amaro; indica no art.3 desta Lei, até o pasto cannabrava, e dahi seguirá a estrada que vai para o engenho Tiravergonha, deste para estrada que vai para o engenho Canoa, ao sitio Sambambaia, a encontrar o rio Siriry, e por este acima até o engenho Piranhas, deste ao Araticum e deste seguirá a estrada do engenho Taquari, ao da Palma e daqui ao do Jenipapo e salobro, donde seguirá que vai pelo sitio Tabocas ao tanque das Lages, e pelo seu sangradouro, a meter no rio Japarutuba-mirim, e por este abaixo até a barra do rio Siriry onde principiou.¹⁵

Rosário do Catete, também, é reconhecida por ter sido o berço de vários nomes importantes da política estadual e nacional. Dentre eles, destaca-se Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, que foi deputado no Império e senador na República. Seu filho, Leandro Maynard Maciel, seguiu seus passos e mais tarde tornou-se governador do Estado. Além deles, outros políticos marcantes de Rosário se destacam na construção histórica de Sergipe, como Augusto Maynard Gomes e Edelzio Viera de

¹⁵ SILVA, Clodomir, *Álbum de Sergipe (1920. p. 267)*

Melo, que foi vice-governador e assumiu posteriormente o governo, resultando-se, em quatro governadores do Estado sendo rosarenses. Vale ressaltar que Leandro Maynard Maciel chegou a ser indicado em 1960 para ser vice-presidente na chapa de Jânio Quadros, no entanto renunciou para que Milton Campos entrasse em seu lugar.

2.1 RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA

Consoante discutido previamente, cumpre ressaltar que Rosário do Catete exerceu uma marcante e significativa influência em detrimento das regiões do Baixo Cotinguiba e do Vale do Cotinguiba. Tais influências desempenharam um papel orientador na forja do panorama cultural do município, bem como na sua identidade e resistência face aos acontecimentos que se desenrolaram na região circundante. Paralelamente a esses eventos, emergiram outras vilas de notável relevo. A título exemplificativo, Maruim ocupava uma posição geograficamente vantajosa às margens do Rio Ganhamoroba, que se erigia como uma via fluvial primordial em direção a Siriry.

Digno de menção é o fato de que Rosário do Catete contava com uma diversificada coleção de engenhos, a exemplo de Paty, Caraibas, Cumbe, Santa Bárbara, Jurema, Catete Velho, Jordão, Serra Negra, além de outras várias unidades de menor envergadura, como Catete Novo e Oitocentas. Assinala-se, ademais, o achado de Santos (2019) que destaca o engenho Cajá, de acordo com o censo de 1920 promovido por Clodomir Silva, situado em Rosário do Catete e pertencente a Alexandre José de Menezes. Na contemporaneidade, essa localidade corresponde a uma área residencial no território do município de Rosário, localizada ao longo das margens

do rio Siriri, que percorre todo o perímetro urbano. A região onde outrora erigia o engenho Cajá foi metamorfoseada em um aglomerado habitacional de cunho popular, sendo sua existência corroborada pela proximidade dos engenhos Saco e Catete. Este último engenho foi arrematado pelo poder público e metamorfoseado em habitações residenciais, restando, como derradeira recordação desse passado, a capela de Nossa Senhora de Nazaré (Figura 21). À parte disso, emergem resquícios sobreviventes do Engenho Caraibas, ainda retratados no censo da década de 1920, cuja grandiosidade outrora ímpar cedeu lugar a um estado de completa dilapidação e decadência. A imponente edificação da casa-grande, com seu teto desabado, a modesta capela (Figura 23),

a remanescente chaminé da extinta usina (Figura 22), denotando indícios de uma deterioração avançada, bem como os três galpões (Figura 24 e 25) são testemunhas eloquentes da inevitável passagem temporal.

O presente empreendimento, cujo título se designa de "Caraibas", datado de meados do século XIX, ocupava vasto território na localidade de divisa entre Santo Amaro das Brotas e Rosário do Catete no ano de 1860, figurando como propriedade do eminentemente honrado Senhor João Gomes Vieira de Melo. Este engenho, protagonista central em um notório levante escravista que reverberou amplamente pela região da Cotinguiba, exerceu um papel fundamental no contexto histórico da área circundante.

[...] A tradicional festa de reis, que era promovida por Caraiba. Eu tive a oportunidade de conhecer, de viver, de conviver. E eu tenho uma

*admiração muito grande por Caraiba, pelos donos da época. Porque eles preservavam a cultura. Eu lá, na minha infância, alcancei várias manifestações se apresentando na festa de Caraiba.*¹⁶

Conforme as pesquisas realizadas por Santos (2019) e os documentos oficiais derivados do censo realizado por Clodomir Silva em 1920, a usina subsistia como um ente robusto, agora situado no perímetro de Riachuelo, sob a égide da entidade Menezes & Ribeiro. Registros históricos rememoram que o Engenho Caraiba mantinha sua operação vigorosa, dedicada à produção açucareira desde os primórdios do século XIX. Testemunhos vindos dos moradores mais antigos da região evocam uma visão do passado onde as atividades relacionadas à cana-de-açúcar eram acompanhadas por um florescente aglomerado de aproximadamente cinquenta modestas habitações. Adicionalmente, Santos (2019)

¹⁶ Trecho de entrevista com João dos Santos para o documentário intitulado como "Massapê – Memórias, Engenhos e Comunidades da Microrregião do Cotinguiba-SE" Disponível em: <https://youtu.be/ac9FZLEhqoo>

FIGURA 21: CAPELA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ ANTERIOR A SUA REFORMA

FONTE: ADAILTON ANDRADE, 2018



FIGURA 21



FIGURA 22



FIGURA 23

FIGURA 22:: CHAMINÉ DA USINA DE AÇÚCAR DO ENGENHO CARAIBAS - ROSÁRIO DO CATETE

FIGURA 23: CAPELA DO ENGENHO CARAIBAS - ROSÁRIO DO CATETE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

ainda destaca, como referido por Dantas (1944)¹⁷, que os engenhos situados em Rosário do Catete foram compelidos a adotar um modelo de usina ou semi-usina, como resposta aos desafios prementes. Em consonância com os preceitos estabelecidos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), bem como pela organização sindical da indústria açucareira de Sergipe, esses estabelecimentos empreenderam um plano de criação de usinas cooperativas em Sergipe, culminando em sua efetivação. Esse empreendimento resultou na concretização de dezesseis usinas cooperativas, operando em conjunto com as já existentes sessenta e oito usinas, bem como os engenhos ainda em funcionamento, configurando um panorama marcado por notável concentração no setor.

Sem dúvida, destaca-se nesse cenário o engenho denominado "Oitocentas". Embora constituísse uma pequena usina a vapor, sua notoriedade foi solidificada pelo registro junto ao IAA¹⁸. Esse engenho

17 DANTAS, Orlando Vieira. O Problema Açucareiro de Sergipe. Editora: Livraria Regina- Aracaju 1944. p.72.

18 O Decreto nº 22.789, emitido em 01/06/1933, estabeleceu a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), cujo propósito era supervisionar e promover a atividade de produção, transporte e comercialização de cana de açúcar e álcool. O instituto tinha a responsabilidade de apresentar sugestões aos governos federal e estaduais sobre

encontra-se registrado tanto na revista "Brasil Açucareiro"¹⁹ quanto no anuário do IAA, abarcando o contexto político-administrativo e econômico de Sergipe, do Nordeste e do Brasil, além de algumas nações estrangeiras, dado o alcance internacional da circulação da revista, devido à proeminência da produção açucareira e das exportações para o exterior.

Levando em consideração esses aportes, emerge da história de Rosário do Catete um panorama de resistência, resultado das imponentes adversidades

as medidas essenciais para essa área, abrangendo questões como quotas de produção, tributos e encargos, além de fixar os preços de compra e venda tanto para a indústria quanto para os consumidores. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/instituto-do-acucar-e-do-alcool-1933-1990>> Acesso em: 25 de julho de 2023.

19 Acervo de edições da Revista "Brasil Açucareiro". Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acer-vo-digital/brasil-acucareiro/002534>> Acesso em: 22 de julho de 2023

FIGURA 24: RUÍNAS DA CASA DE MOENDA DO ENGENHO CARAÍBAS - ROSÁRIO DO CATETE

FIGURA 25: ANEXO DA USINA DE AÇÚCAR DO ENGENHO CARAÍBAS - ROSÁRIO DO CATETE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 24



FIGURA 25

ocorridas no território da Vila do Rosário. Um dos aspectos mais notáveis é a emergência de quilombos por toda a extensão do Vale do Cotinguiba durante os séculos XVII, XVIII e XIX. Segundo Oliveira (2015), as lutas contra os invasores holandeses no século XVII na capitania de Sergipe culminaram na emergência de novos relatos concernentes aos quilombos. Este desdobramento é atribuído, sobretudo, aos numerosos embates armados entre as tropas oriundas de Salvador e as forças estacionadas em Recife, travados nas terras sergipanas. Tal situação influiu significativamente não somente na incipiente economia da região, que experimentou consideráveis abalos, mas também na migração de escravos para áreas distantes dos conflitos, sendo as matas de Itabaiana um destino particularmente procurado.

Em consonância com as reflexões de Amaral (2012)²⁰ em Sergipe, é construído um contexto impregnado de história, onde a resistência negra à instituição da escravidão precedeu o surgimento do movimento abolicionista. Este último se somou às aspirações dos cativos, os quais, por meio de fugas e na criação de comunidades quilombolas, almejavam forjar âmbitos de autonomia. Nota-se, de forma clara, que tanto os cativos quanto os alforriados detinham uma perspicaz consciência de sua realidade, criando táticas para conquistar a emancipação de familiares, fornecer refúgio a fugitivos, engajar-se em negociações -

20 AMARAL, Sharyse Piroupo do. Um pé calçado, outro no chão: Liberdade e escravidão em Sergipe. (Cotinguiba, 1860- 1900). Aracaju: Ed. Diário Oficial, 2012.

muitas das vezes conflituosas - com senhores ou empregadores, buscar ocupações remuneradas sob variados proprietários e estabelecer alianças colaborativas com os abolicionistas. Os libertos mais velhos desempenhavam um papel fundamental, acobertando e integrando os recém-libertos na sociedade quilombola ali criada, compartilhando experiências espirituais e participando coletivamente de uma expressão religiosa distintiva.

Amaral (2012) promana ainda uma consideração a respeito do mapa cartográfico confeccionado por Bloem²¹ (Figura 26), neste a autora comenta os engenhos demarcados que desempenharam papel de esconderijo e acobertamento de quilombolas fugitivos. Ela, ainda, lança enfoque sobre a notória tendência dos quilombolas em se ocultarem nas circundantes matas, entremeados pelas vastas plantações canavieiras e, mesmo, nas estruturas palacianas dos engenhos. Este meticuloso delineamento revela uma intrincada urdidura de interações que engloba, de maneira abrangente, a região da Cotinguiba e seus arredores. Tal aspecto pode ser compreendido como uma ramificação direta da heterogeneidade das raízes étnicas e históricas dos mencionados quilombolas, os quais, frequentemente, além de figurarem como propriedade de distintos detentores, firmavam sua residência às margens dos variados municípios, como ilustrado pelo caso paradigmático de Rosário do Catete. Com base na conjuntura vigente

21 BLOEM, João. Carta corográfica para a divisão das comarcas, termos e municípios da Província de Sergipe Del Rey. [S.L.:s.n.], 1844

no contexto urbanístico de Rosário do Catete, nasce a possibilidade de inferir diversos elementos para a edificação do arcabouço construtivo que caracteriza o mencionado município. A influência imprimida pela miscigenação coercitiva entre as tradições edificadoras dos povos indígenas e ibéricos, vis-à-vis o emprego de elementos como palha, madeira e fibras vegetais, manifestasse, como previamente exposto neste estudo. Entretanto, como aprofundado no âmbito deste capítulo expositivo, a adoção da técnica de terra, notadamente a taipa de mão, advinda da habilidade laboral africana, demonstra sua presença intrínseca nas edificações religiosas e civis inaugurais de

Sergipe (Maia, Costa e Bispo, 2022).

A residência Tejupeba, erigida no contexto do Engenho Colégio (**Figura 27**), ilustra de maneira paradigmática a gênese temporal da adoção dessa técnica construtiva no âmbito estadual. Como notável exemplar de primordialidade, a edificação Tejupeba, é destacada ao empregar a taipa de mão como expressão tecnológica, tal menção consubstancia a utilização desse procedimento no solo sergipano já a partir do ano de 1601. Convém destacar, adicionalmente, que os afrodescendentes escravizados desempenharam papel preponderante na aplicação dessa técnica, tanto na construção de instalações correlatas

aos engenhos açucareiros da localidade quanto em suas próprias moradas.

[...] Sim, as de taipa foram feitas. Antes, quase como eu dizia, antes de eu nascer, eu já morei nessas casas de taipa. Convivi nessas casas. Nas casas velhas, antigas. A partir desse tempo para cá, o que eu estou dizendo, de 55 para cá, as coisas mudaram. [...]²²

22 Entrevista com o morador Paulo Sotero de Rosário do Catete realizada no dia 24 de julho de 2023.



FIGURA 26: MAPA CARTOGRÁFICO CONFECCIONADO COM OS ENGENHOS DO BAIXO COTINGUIBA

FONTE: BLOEM, 1844, COM ALTERAÇÕES DE AMARAL, 2012.



FIGURA 27

FIGURA 27: RESIDÊNCIA TEJUPEBA DO ENGENHO COLÉGIO

FONTE: IPHAN, 1939.

2.2 UM OLHAR ADENTRO DO IMAGINÁRIO COLETIVO E DAS MEMÓRIAS AFETIVAS DE ROSÁRIO DO CATETE

Em consequência do que foi exposto nos capítulos 2. e 2.1 acerca dos eventos vinculados ao município, Rosário do Catete, enquanto entidade física e simbólica, personifica um legado de memórias que transcende a tangibilidade material. A sua construção arquitetônica atua como um artefato evocativo, eloquente em suas reminiscências de múltiplos episódios que ecoam dos meandros do passado até o presente, delineando uma narrativa entrelaçada com o próprio processo de edificação e evolução do município.

Decerto, a notável importância das memórias afetivas e do imaginário coletivo para Rosário do Catete é um tópico inestimável para os moradores, uma vez que esses elementos constituem a base da identidade e da conexão emocional da comunidade com sua história, patrimônio e ambiente, de modo que Le Goff (1990, p.476) menciona:

“[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das

sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição [...]”

As memórias afetivas, tornam-se desse modo uma espécie de fio invisível que liga as gerações passadas, presentes e futuras, permitindo que a história da cidade seja transmitida de forma constante e viva pelos seus moradores. Elas infundem vida para as narrativas e permitem que os lugares e edificações de Rosário do Catete estejam interligados de maneira mais íntima e significativa, como já esclarece na fala de Edvaldo Marques:

[...] Esse chão aqui no barro... Eu não ajeito não é nem por não querer, é porque eu gosto de tá perto da natureza [risadas] Ai, ai, meu Deus. Aqui é viver em cima do poder da natureza [...]”²³

As dimensões da memória afetiva e

²³ Entrevista com Edvaldo Marques no povoado Siririzinho realizado no dia 18 de julho de 2023

coletiva em Rosário do Catete não apenas se revelam como peças de notória relevância, mas também elas se entrelaçam com o tecido do imaginário coletivo que, por sua vez, desempenha um papel de destaque ao funcionar como um reservatório de imagens, narrativas e símbolos, que enraizados profundamente no tecido da cultura local, conferem densidade e substância à identidade compartilhada das comunidades. A partir deste substrato imagético, tais comunidades forjam os alicerces de sua coesão identitária, erguendo um sólido senso de pertencimento.

De tal modo, no contexto específico de Rosário do Catete, merecem destaque as manifestações de lazer e os eventos culturais, análogos aos realizados tanto no âmbito local quanto nas localidades circundantes. Como apontado por Silva (2000), tais reuniões são congregadas no seio da sede do Grupo de Escoteiros Augusto Maynard (Figura 28), estrategicamente posicionada na Praça Edélio Vieira de Melo. Paralelamente, os encontros voltados ao atendimento dos idosos encontram seu palco na Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social, onde semanalmente ecoam os vínculos de apoio e assistência social da cidade. Dentre as manifestações culturais vinculadas à essa expressão estão: o Batalhão dos Idosos (Figura 29); Reisado 12 Estrelinhas; Guerreiro Coroa de Ouro; Samba de Coco; Zabumba e o Repentista de Viola. Silva (2000) ainda mostra em entrevista com Dona Maria José Santos Anjos como ela já esboçava essas vivências em sua infância, além da conexão e vínculos que acabam sendo criadas neste parâmetro:

“[...] Brinquei de reisado lá na Marcação. Mamãe dava o dinheiro e a gente mesmo fazia a roupa. O caboclo era Artur, o boi do reisado era, era... A gente se apresentava todos os domingos nas casas, quando tinha festa, principalmente no Natal. Em São João brincava de roda, o “Cabeça da Roda” era Zé Nogueira. A melhor festa daqui era o aniversário do General Augusto Maynard, eram três dias de festa, comida, bebida e fogos. Eu gostava quando ele papocava os canhões. Era um movimento! Agora triste mesmo foi o enterro dele. Está lá enterrado na

FIGURA 28: ESCOTEIROS DO GRUPO DE ESCOTEIROS GENERAL AUGUSTO MAYNARD GOMES
FONTE: ACERVO DO GRUPO DE ESCOTEIROS, 2020

FIGURA 29: BATALHÃO DE IDOSOS SÃO VICENTE DE PAULO
FONTE: ACERVO DO GRUPO DE ESCOTEIROS, 2018



Capelinha das Caldas. [...]”²⁴

Esses elementos não apenas enriquecem a experiência cotidiana dos habitantes, mas também desempenham um papel fundamental no exercício cultural para os próprios habitantes em explorar suas raízes históricas e culturais. A preservação e a celebração das memórias afetivas e do imaginário coletivo são essenciais para garantir a continuidade desses aspectos intrínsecos à identidade de Rosário do Catete e para permitir que a cidade continue caminhando, no entanto, sem perder o seu saber-fazer popular arquitetônico.

²⁴ Entrevista realizada em 15 de maio de 1999 com Dona Maria José Santos Anjos (Dona Lalá) em Rosário do Catete por intermédio da autora Maria Lúcia Costa Santos Silva (SILVA, 2000, p.134)



Considerando o contexto sociopolítico em que Rosário do Catete se insere, percebe-se variados casos de utilização de técnicas populares de construção da arquitetura de terra, o município e seu povoado – Siririzinho - foram escolhidos como estudo de caso para o presente trabalho. Desse modo, esta terceira parte do trabalho apresentará verificações da aplicação dessas técnicas, assim como a permanência de memórias afetivas dentro desse cenário. Além disso, será apresentado documentações iniciais realizadas referentes às construções que persistem e resistem mesmo com as mudanças voláteis dos materiais construtivos contemporâneos.

APROXIMAÇÕES E O “PERCEBER” POPULAR

3. MEMÓRIA AFETIVA E PATRIMÔNIO IN-VISIBILIZADO: A ARQUITETURA POPULAR ROSARENSE

Este estudo representa um recorte acerca das áreas analisadas supracitadas neste trabalho, o qual parte de um olhar perspicaz da produção arquitetura popular rosarense, originada de uma motivação profundamente intrínseca e pessoal. Nesse contexto, após realizar uma meticulosa revisão da configuração do uso das técnicas construtivas populares e da execução de residências pela autoconstrução, percebe-se o emergir claro de uma desaculturação das expressões culturais populares interioranas. Esse problema vem alcançando uma abrangência que transcende diversas facetas das práticas construtivas tradicionais, as quais suscitam uma reflexão acerca dos impactos das mesmas sobre a identidade cultural e das suas memórias afetivas enraizadas e como elas se refletem na habitação provinda de técnicas populares de construção. Nesse sentido, o presente estudo busca contribuir de maneira consistente para o debate acadêmico e para a conscientização sobre a relevância crucial da preservação e revitalização das manifestações culturais inerentes à memória afetiva das construções arquitetônicas populares,

de modo que possa ser possível mapear caminhos para mitigar esse processo.

A oralidade e o acervo de imagens foram as principais ferramentas para obtenção de informações que ratificassem a existência de edificações arquitetônicas populares assim como memórias construtivas em Rosário do Catete e no Povoado Siririzinho. O Manual de História Oral de Verena Alberti²⁵ foi um norteador para a execução das documentações para preservação da historiografia oral

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores [...] à luz de depoimentos de pessoas que deles

25 ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005.

participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2005, p. 18)

Foram produzidas fichas de sistematização de informações obtidas das edificações (Tabela 02) e das conversas com os moradores (Tabela 03), focando a identificação da reincidência da utilização das técnicas de taipa de mão e a de adobe, assim como notar as marcas das memórias a elas intrínsecas.

Como já comentado anteriormente, Rosário do Catete possuía e possui a "Rua da

Palha" em seu extremo nordeste do município. O nome desta rua surge justamente pela maioria das suas edificações serem de arquitetura com técnicas populares de construção, as quais englobam a taipa de mão ou pau-a-pique e as casas de palha.

[...] De um modo geral. Aqui mesmo, em Rosário, tinha uma rua, a Rua da Palha. Mas essa Rua da Palha, que era a Rua da Palha, hoje não tem mais casa de palha. Então, o tempo custou em todo canto, até nas fazendas mesmo. Como

TABELA 2: FICHA DE CATALOGAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES VISITADAS.

Catalogação da Construção			
Local	Cômodos		
Material Construtiva	Técnica		
Esquadrias			
Tipo de Cobertura	Tipo do Piso		
Artesão	Anotações		

Fonte: Victória Domingos, 2023.

TABELA 3: FICHA DE DADOS DA PESQUISA PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS DAS CONVERSAS REALIZADAS.

DADOS DA PESQUISA			
NOME DA PESQUISA	MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA (RE)CONHECER A ARQUITETURA POPULAR EM ROSÁRIO DO CATETE/SE		
DATA DA ENTREVISTA	DURAÇÃO		
ENTREVISTADORA	VICTÓRIA DOMINGOS	LOCAL	ROSÁRIO DO CATETE
DADOS DO ENTREVISTADO			
NOME DO ENTREVISTADO	PROFISSÃO		
CIDADE	() RESIDENTE () ARTESÃO/CONSTRUTOR		
ENDEREÇO	IDADE		
POVOADO	OBS:		

Fonte: Victória Domingos, 2023.

dizer, era um lugar que tinha que ter casas rústicas, não é verdade? Porque era casa para moradores, então era casa rústica. Aí, até nas fazendas mesmo, foi consertando aquelas casas, e ia melhorando com o tijolo de adobe. Pois é, quer dizer, tem um pouco de tradição ainda em algumas fazendas. Hoje as fazendas não têm mais casa. Não tem mais. Só tem casa só de um vaqueiro, e pronto, sabe? [...]”²⁶ (Sotero, 2023)

Assim como essas zonas periféricas de Rosário do Catete, o Povoado Siririzinho, também, apresentava e ainda apresenta resquícios dessas técnicas mesmo frente as políticas de Erradicação de Habitações Subnormais. Em 2010, ano o qual iniciou-se a grande maioria das demolições das residências em taipa, de modo que a Secretária de Estado da Inclusão Social²⁷, assim como o prefeito do município na época (Governo de Sergipe, 2010), comentam:

“ [...] É importante que continuemos com essa parceria para erradicarmos as casas de taipas do estado como um todo para dar dignidade. É muito importante para o povoado Siririzinho essa parceria do Governo do Estado com a prefeitura de Rosário do

²⁶ Entrevista realizada com Paulo Sotero na sede do município de Rosário do Catete em 24 de julho de 2023

²⁷ Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/inclusao-social/mais-24-familias-trocaram-casas-de-taipa-por-moradias-dignas-em-rosario>. Acesso em: 25 de julho de 2023

Catete porque estamos vendo as pessoas saírem das casas de taipas para viver em locais dignos [...]”

Esse cenário apenas evidencia a estigmatização que essas residências populares possuíam e ainda possuem no atual contexto do município e do estado de Sergipe. O material e a técnica construtiva, muitas das vezes, eram vistos pelos moradores de Rosário do Catete e pelo seu povoado como uma conquista popular da sua moradia. Porém essas tradições e esse saber-fazer popular vem perdendo as suas forças, ao passo que a memória afetiva vem-se apagando e os anos passam cada vez mais rápidos, fatores estes que dificultam a sua preservação. Seu Edvaldo Marques, morador de casa de adobe e artesão, comenta que ele aprendeu a técnica por visualizá-la sendo executada, e que esta necessita de manutenção para ser mantida, no entanto, isto não é motivo para que ele se desapegue ou mude o material construtivo de sua residência:

“ [...] Pois é... E o que eu aprendi, moça? Eu não tive professora pra nada, nem sequer pra assinar o nome. A minha professora é aquela ali [gestos com a mão, apontando para a rua] ó. A estrada. Que é onde a gente aprende tudo que é bom e tudo que é ruim, é assim que é. É na estrada. [...]E eu não peço nada, mas se quiser. Você quer, rapaz? Eu digo que quero, rapaz. Ripão, ripa... o tanto que puder me dar. Eu não tenho esse negócio, não. Quer

dizer, eu quero isso e ou eu não quero. Pra que luxo? Eu faria da mesma forma que eu fiz, com o que estivesse perto de mim e eu pudesse ir lá [gesto] e tchau, ter minhas parede e telhado [...] (Edvaldo Marques, 2023)

Por observações espontâneas na região do bairro “INCRA” (Mapa 04 e 05), e no Povoado Siririzinho durante os anos de 2005 a 2023, foi possível notar a diminuição de casas de tipologias populares de construção como a taipa e o adobe, para uma grande predominância de alvenarias de bloco cerâmico, fator este que ratifica a derrubada das construções antigas para dar lugar a residências mais “novas”.

Outro fenômeno analisado a partir das observações espontâneas foi o ocorrido no bolsão a sudoeste do mapa acima, denominado de Loteamento Agrovila, uma vez que, em 2005, estava-se iniciando as construções de loteamentos habitacionais de interesse social padronizados do MCMV (Minha Casa Minha Vida), e, mesmo com os lotes residenciais padronizados, os moradores optaram pelas reformas providas da autoconstrução, de modo que, hoje em dia, é difícil distinguir quais realmente participaram do programa devido às grandes mudanças estéticas da residência. Tal fator reverbera a questão de pertencimento dos moradores, pois quanto mais pessoal e íntimo o local for, mais será transmitido a sensação de lar.

Em contrapartida ao cenário do bairro “INCRA”, no Povoado Siririzinho (Mapa 06 e 07) acontece o inverso, percebe-se uma significativa mudança no aumento do uso de edificações de taipa da região. Isto se

deve ao fato de que, segundo moradores, com o Movimento Sem Terra, muitos habitantes optam pelo uso da taipa nas suas construções às margens do povoado, não apenas pelo custo mas, também, por ser mais acessível. Ademais, nota-se, também, o folêgo construtivo (Figura 30 e 31) em suas residências, ao passo que em algumas dessas edificações é bastante forte a presença de outros materiais construtivos além do barro para a finalização da casa.



FIGURA 30 E 31: RESIDÊNCIAS EM TAIPA, ALVENARIA E BAMBU NA REGIÃO DE OCUPAÇÃO DO MOVIMENTO SEM TERRA DO POVOADO SIRIRIZINHO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

MAPA 04 MAPA 05

RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2005.



RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



MAPA 06 MAPA 07

RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2005



RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



Diante desse processo rápido e gradual de substituição das moradias construídas em técnica de taipa e adobe por edificações em alvenaria, um fenômeno este que desencadeia o abandono e a deterioração das memórias afetivas da população em detrimento as residências vernaculares, esta pesquisa visa primordialmente à identificação e ao registro da arquitetura em taipa e em adobe. Tal intento será efetuado por meio de uma análise aprofundada dos exemplares remanescentes localizados na região de Rosário do Catete e do Povoado Siririzinho. Os elementos arquitetônicos que subsistem até o momento presente nesse contexto específico serão objeto de minucioso exame e subsequente exposição, com o propósito de proporcionar uma abordagem compreensiva dessa tradição construtiva.



3.1 CASAS DE TAIPA E DE ADOBE EM ROSÁRIO DO CATETE: ACERVO HISTORIOGRÁFICO

No decurso da elaboração deste trabalho, procederam-se a diversas incursões *in loco* no decorrer do primeiro semestre do ano de 2023, bem como nos meses de julho e agosto do mesmo ano, com enfoque voltado à geolocalização e reconhecimento das moradas que resistem com o uso técnicas populares. Em virtude disso, por eu ser, também, residente do mencionado município, as facilidades inerentes à obtenção de insumos e informações catalisadores do estudo se fizeram indiscutivelmente preponderantes. Conseqüentemente, foram promovidas conversas com moradores (Vide Apêndice B) mediante o escopo do questionário preconcebido (Vide Apêndice A), colhendo o pensamento de indivíduos que personificam verdadeiros acervos que arquivam lembranças afetivas atreladas ao imaginário coletivo de Rosário do Catete, assim como diálogos informais com outros moradores pertinentes a essa busca.

Inquestionavelmente, as conversas obtidas foram de imprescindível importância para poder construir uma linha de pensamento relativa às memórias afetivas e como elas estão conectadas com

os habitantes e bem como a forma pela qual estas reverberam nas suas residências. De fato, os avanços tecnológicos, como já foram supracitados neste trabalho, tiveram uma grande influência na substituição dos materiais construtivos das casas populares de Rosário do Catete (Figura 32).

Este fenômeno faz com que reverbere pelos moradores o sentimento de que, deixar de lado a casa de taipa e a de adobe equivale a um avanço, e isto faz com que eles acreditem que essas técnicas construtivas é, também, estar atrasados em relação ao tempo. Exemplo disto, é que ao serem questionados sobre a existência de residência com construção popular, a resposta mais mencionada era

FIGURA 32: RESIDÊNCIAS EM TAIPA COM REBOCAGEM NAS FACHADAS PARA DURABILIDADE NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 32

“aqui antigamente tinha muita casa de taipa e de adobe, era tudo taipa aqui, mas com o moderno as casas agora são de bloco”. Não obstante, apesar da conjuntura descrita, mesmo com as edificações já identificadas do meu conhecimento para verificação, com as entrevistas conduzidas, foi possibilitado a prévia catalogação de algumas outras residências, emergindo do âmago as reminiscências dos moradores – incluindo minhas – que coparticiparam para a construção da memória afetiva dos mesmos.

Nesse viés, efetuou-se um levantamento fotográfico dessas casas, a fim de que fossem documentados e registrados os estágios de conservação que essas edificações apresentavam. Por este fator, culminou-se na deliberação de três estágios: o primeiro condizente com edificações ainda habitadas e com indícios de manutenção; o segundo seria a casa em estágio de abandono e negligência, contudo dotadas de um significativo estado de conservação; e o último seria em estado de deterioração ou já iniciado o processo de demolição. Em dois casos específicos das residências registradas, os dois moradores apresentaram o sentimento de resistência perante os Programas de Erradicação, assim como ao abandono iminente por completo das técnicas populares de construção.

A segunda situação acometida neste trabalho foi a seleção de duas residências fora do bairro “INCRA” e do Povoado Siririzinho, uma vez que, pela posição geográfica que elas apresentam, concluiu-se a importância da inclusão delas nesta pesquisa. Uma delas está inserida na malha urbana do município de Rosário do Catete, a qual apresentou uma relação muito forte

com o imaginário e memórias coletivas das pessoas do entorno da edificação. A outra residência trata-se de um casario que mescla as duas técnicas construtivas aqui tratadas, a do adobe e a da taipa, localizada na Avenida Antônio Freire Soares, a qual foi adquirida pela gestão municipal para abarcar o “Memorial: Nossa História, Nossa Cultura” da cidade. Outra ocorrência que deve ser levada em consideração é o levantamento físico de apenas três residências, uma vez em que algumas era impossível o acesso tanto pela localidade quanto pelo estado da casa, além de que alguns moradores não estavam confortáveis o suficiente para autorização das checagens de informações em suas residências.

Findada as visitas, pôde-se ter a sistematização de seis construções tanto em taipa como em adobe, sendo delas duas ainda habitadas, uma em estado de abandono, uma em estado de abandono e deterioração, uma outra em estado de ruínas e a última em processo de revitalização. Desse modo, para uma síntese, foi-se organizado uma categorização quanto as suas tipologias e semelhanças, quanto ao seu estado de preservação e manutenção, quanto a sua memória afetiva vinculada à residência, ao passo que foi subdividido em duas partes: subcapítulo 3.2, o qual irá apresentar todo o acervo fotográfico das residências levantadas assim como suas características tipológicas e semelhança das práticas utilizadas; e o 3.3 que irá explanar as residências escolhidas para esse trabalho assim como as memórias vinculadas a história de Rosário do Catete como o seu saber-fazer popular.

3.2 CARACTERÍSTICAS TIPOLOGICAS: APROXIMAÇÕES E DISSONÂNCIAS

Com os exemplares das residências em taipa de mão e adobe no Povoado Siririzinho e em Rosário do Catete, é notório as divergências do uso das técnicas nas edificações. Este capítulo tem como objetivo elucidar as diversas facetas que as casas de taipa e adobe do recorte de estudo possuem, assim como verificar a não tão lenta destruição desse saber-fazer que é ratificada com os relatos de moradores e de casas que, infelizmente, foram demolidas, abandonadas ou em estado de ruínas, destruição essa que tem o por finalidade o discurso vendido de “desenvolvimento e modernização”.

Apesar desse cenário conturbado, ainda existem residências com essas técnicas que ainda persistem contra a deterioração do tempo, tendo em vista a dificuldade de manutenção que essas moradias apresentam ao longo dos anos. Moradores - que preferiram não revelar as suas identidades por receio - comentam que muitas famílias não foram contempladas pelos Programas de Habitação Social do Estado, e a grande maioria das casas que permanecem no Povoado e na sede do município, ou está em estado de abandono ou está entrando no processo de arruinamento. Outros demonstram descontentamento em relação a derrubada das residências

construídas com técnicas populares, visto que, o que se foi feito é perdido pela aceleração das demolições:

“[...] Eu mesmo não gosto de luxo. O cabra tem um trabalho desse que nem o meu. Uma casa, né?! **Aí chega fulano, está adoecendo, leva para o hospital, chega que fulano morreu. Agora eu pergunto, fulano vai ficar aí? Alguém vai procurar outro lugar diferente para ele! Aquilo que ele fez não importou mais. (grifo nosso).** É por isso que eu não gosto de luxo, não me molhando, não estando no sol, pra mim tá tudo bom [...] (Edvaldo Marque, 2023)

O que se pode extrair das visitas realizadas é, a grande maioria das residências apresenta - enquanto taipa - o pé direito **(Figura 33)** reduzido pelas limitações que a técnica implica, desse modo não possibilitando atingir grandes alturas. Outro fator importante é a “rebocação” **(Figura 34)**, uma vez que quase em todas as residências analisadas, uma ou outra parede apresentava reboco para impermeabilização das mesmas - exclusive a situação de Seu Edvaldo Marques explicada no capítulo 3.4, pois o mesmo optou pela exposição do material -, assim como o uso de outros materiais para a vedação de intempéries como lonas **(Figura 35)**, por exemplo.

Consequentemente, afirma-se que essas construções se assemelham com as demais produzidas dentro da poligonal norte-nordeste, apresentando contextos de limitações econômicas, além da vontade de maximizar os recursos naturais ali dispostos, assim exercendo uma forte influência no produto da arquitetura final **(Figura 36)**.

FIGURA 33: RESIDÊNCIAS EM TAIPA COM PÉ DIREITO INFERIOR EM RELAÇÃO À OUTRAS RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE

FIGURA 34: RESIDÊNCIAS EM COM REBOCAGEM NAS FACHADAS PARA DURABILIDADE NO POVOADO SIRIRIZINHO, ROSÁRIO DO CATETE

FIGURA 35: RESIDÊNCIA QUE ABRIGA UMA IGREJA, FEITA EM TAIPA DE MÃO COM LONA NA LATERAL PARA PROTEGÊ-LA

FIGURA 36: RESIDÊNCIA EM TAIPA QUE SE UTILIZOU DO PRÓPRIO ENTORNO PARA SUA CONSTRUÇÃO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 33



FIGURA 34



FIGURA 36



FIGURA 35

3.3 DO ABANDONO À RESISTÊNCIA: NAVEGANDO PELAS TRANSFORMAÇÕES CON- STRUTIVAS E SUAS MEMÓRIAS

Este subcapítulo evoca uma reflexão profunda acerca da relação entre o patrimônio arquitetônico, a passagem temporal e as narrativas culturais subjacentes. Através da relação entre o “abandono” e “resistência”, elucida a dualidade que explora a trajetória dessas edificações populares visto o contexto de mudanças construtivas no município, ao mesmo tempo evidenciando o intrincado processo de preservação das memórias coletivas.

Uns dos moradores - **Paulo Sotero, meu avô** - fomenta este pensamento, uma vez que ele participou de várias transformações sociopolíticas da cidade, perpassando pelas substituições das técnicas populares, ao mesmo tempo que as aprendeu e guardou memórias vívidas dessa época em sua vida. A casa que Paulo Sotero morou ainda criança pertencia à Fazenda Caldas, edificação de propriedade do Senador da época, Augusto Maynard Gomes. Seu Paulo comenta sobre como eram as organizações dentro da fazenda, visto que no ano datado por ele, havia construções populares dentro das próprias fazendas para abrigar os funcionários que ali trabalhavam:

“[...] Eram as casas de fazenda. Antigamente, as casas de fazenda eram dependentes de pessoas e essas pessoas moravam na fazenda. Ai tinha até 10 casas de moradores por causa de dependência da fazenda. Depender de pessoas. Então, quase todas as fazendas tinham, outras fazendas que tinham mais casas. Outra tinha, lá nas caldas mesmo, onde eu morava, era uma média de umas 10 casas de morador ou mais. [...]” (Seu Paulo Sotero, 2023)

Além disso ele comenta que, mesmo com o avanço, as técnicas populares tinham o seu valor e importância para a comunidade que morava nas fazendas e arredores, não só por se traduzirem como uma conquista popular, mas também porque eram frutos de disseminação de conhecimento entre os moradores, ressaltando que, apenas do observar, já era possível configurar o processo de criação e utilização das técnicas.

“As casas eram... Era casa, vamos dizer, não era uma casa como a de hoje. As casas tudo eram de taipa. Agora, como eles faziam reboco nessa casa de taipa... [...] eu, para falar a verdade, eu fui uma pessoa esforçada. E nesse esforçado que eu sou, tem o esforço e tem um pouco uma inteligência, né? Inteligência de, de me

esforçar para [interrupção] **de observar, passei também a dar, a dar aula, entendeu?** (grifo nosso) Eu tenho um pouco de conhecimento, puro mesmo, de me interessar, entendeu? (Seu Paulo Sotero, 2023).

Paulo Sotero, apesar de atualmente não morar mais em casas com o uso de técnicas populares, ainda assim mostra sua admiração e sentimento guardado em relação à essas residências. Tal sentimento e paixão pelo saber-fazer, possibilitou, ainda mais, o intuito em realizar este trabalho, uma vez que ele tem a possibilidade de, também, ser um acervo de memória construtiva, assim como o meu avô. O mesmo, exemplifica, o processo de criação da taipa, desde a sua concepção até a sua finalização.

“[...]Era aterrada, sabe? Aterrada. Tinha aqueles macepos que aterravam a casa e ali mesmo ia ficando, sabe? As casas eram feitas de taipa. Taipa é pau, cipó, vara, e aí vira a taipa. Agora, depois de taipa, dava um reboco, sabe? Em algumas partes. Em outras partes, pelo interior da casa, era reboco mesmo. Em outras, não tinha reboco, não. Era o barro puro mesmo. Agora, na sala que fazia, as vezes dava uma tapadazinha. Entendeu? Uma ajeitadazinha. Mas a casa era toda dessa maneira. [...]” (Seu Paulo Sotero, 2023).

Além disso, Sotero disserta sobre como a mudança do material de taipa para os blocos de adobe foi um acontecimento que gerou muita felicidade para os moradores, uma vez que os blocos tinham uma elaboração da matéria prima, muita das vezes, com elementos impermeabilizantes como a cal e o “celão”.

“[...]Sim, as de taipa foram feitas. Antes, quase como eu dizia, antes de eu nascer, eu já morei nessas casas de taipa. Convivi nessas casas. Nas casas velhas, antigas. A partir desse tempo para cá, o que eu estou dizendo, de 55 para cá, as coisas mudaram. E aí, até nas fazendas mesmo...[...] aí, as construções foram...[...] aí, as construções foram...[...] aí, até nas fazendas mesmo, foi consertando aquelas casas, e ia melhorando com o tijolo de adobe. Pois é, quer dizer, tem um pouco de tradição ainda em algumas fazendas. [...] Já foi uma construção essa história de mudar de tijolinho para bloco, **não foi que a casa melhorou, foi que facilitou mais a construção.** (grifo nosso). O bloco é grande e o tijolinho, era menor digamos assim. (Seu Paulo Sotero, 2023)

Decerto, na conversa consegue-se visualizar esse fio invisível que conecta Paulo Sotero com suas memórias provindas das suas vivências, é possível notar que ele demarca em suas falas, sua profunda tristeza em relação as casas que são demolidas por serem feitas de técnicas ancestrais populares.

“[...] O sentimento que eu tenho é de tristeza, naquela época e até mesmo hoje, né? A gente que é pobre não tinha muito dinheiro e a casa que a gente tinha já era bom demais. Mesmo muito simples e sem muita riqueza como é as de hoje. Quando eu vejo uma casa sendo derrubada seja qual for o tipo dela, eu fico triste, **porque ali não vai mais ter tudo que se passou pra ela ter ficado de pé** (grifo nosso). Se quer “embonitar”, passa um reboco e pronto (risada) mas não derrube não que meu coração dói (risadas). (Seu Paulo Sotero, 2023)

Ademais, ele ainda entona sobre a evocação de memórias ao passo que estas são preservadas e ecoam a ideia de que as construções não são meras estruturas físicas, mas também receptáculos de narrativas compartilhadas. Elas carregam consigo as marcas do passado, enraizados nas histórias das pessoas que as habitaram e nas tradições que ergueram a comunidade rosarense. A investigação das "memórias" dentro do contexto arquitetônico ressalta a dimensão imaterial que as construções possuem, "trançando" o estudo em uma rede complexa de significados culturais e emocionais.



Para mim, contar **a história é até satisfatório, é elogiável** (grifo nosso). A gente contar a história do antigo quer dizer que era uma vivência daquele tempo, compreendeu? A mudança foi muito boa né? Mas como dizia, o tempo era atrasado aí se vivia daquela maneira e nem se percebia entendeu como é? [...] Você consegue ver uma parte descoberta, né? Você veja, uma coisa assim, está com 100 anos... Essa casa lá de taipa que eu acho que é uma parede grande, uma parede que não é, não é a nova quer dizer, uma parede de mais de 100 anos de taipa, da maior simplicidade, o material mais simples do mundo. Aí você veja, está lá, vamos dizer que não é para derrubar a casa, vamos dizer assim. **Está lá para você ver que não é só essa casa feita de bloco, de cimento com todo arrolamento, que pode ficar de pé** (grifo nosso) [...] (Seu Paulo Sotero, 2023)

CASA AMARELA DESABITADA DE MORADOR "A"

No âmbito desta pesquisa, é imprescindível mencionar que a substancial maioria das vias e acessos no Povoado Siririzinho carece de nomenclaturas ou termos padronizados. Esse fenômeno emerge devido a cada morador desenvolver seu próprio sistema de identificação para cada rua, seja por meio de referências físicas do ambiente ou tradições arraigadas. A "Casa Amarela", previamente delimitada (**Mapa 8**), configura-se como um dos primeiros faróis orientadores deste estudo, pois foi após a realização da primeira incursão presencial no Povoado Siririzinho, em busca de informações, que se deparou com seu estado de desamparo e abandono (**Figura 37**).

Logo no primeiro contato, evidencia-se sua inserção na tessitura urbana do povoado, assim como a sua proximidade em relação às edificações adjacentes. Segundo relatos de moradores próximos, tal situação advém do fato de que a edificação antecedeu as casas circundantes. Esta particularidade foi um dos catalisadores que impeliram a prosseguir na abordagem temática deste estudo, considerando a necessidade de documentar as memórias e a própria estrutura da edificação, seja por sua qualidade construtiva ou pelas suas marcas cravadas (**Figura 38 e 39**) que narram sua história na materialidade.

De acordo com os moradores, a residência pertencia à moradora "A", que

já não ocupa mais essa edificação em destaque. A atual edificação da moradora, encontra-se no lote vizinho, evidenciando, por sua vez, a transmutação do material construtivo. Ademais, a rua em que a casa está situada tem testemunhado um aumento exponencial no número de residências, o que leva a conjecturar que, em um cenário não tão distante, essa edificação provavelmente será demolida para ceder espaço à terrenos destinados para futuras construções.

Uma análise da estrutura residencial permite apreender a genuinidade da técnica empregada, com a utilização de materiais

FIGURA 37: FACHADA FRONTAL DA "CASA AMARELA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 37

MAPA 08

RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



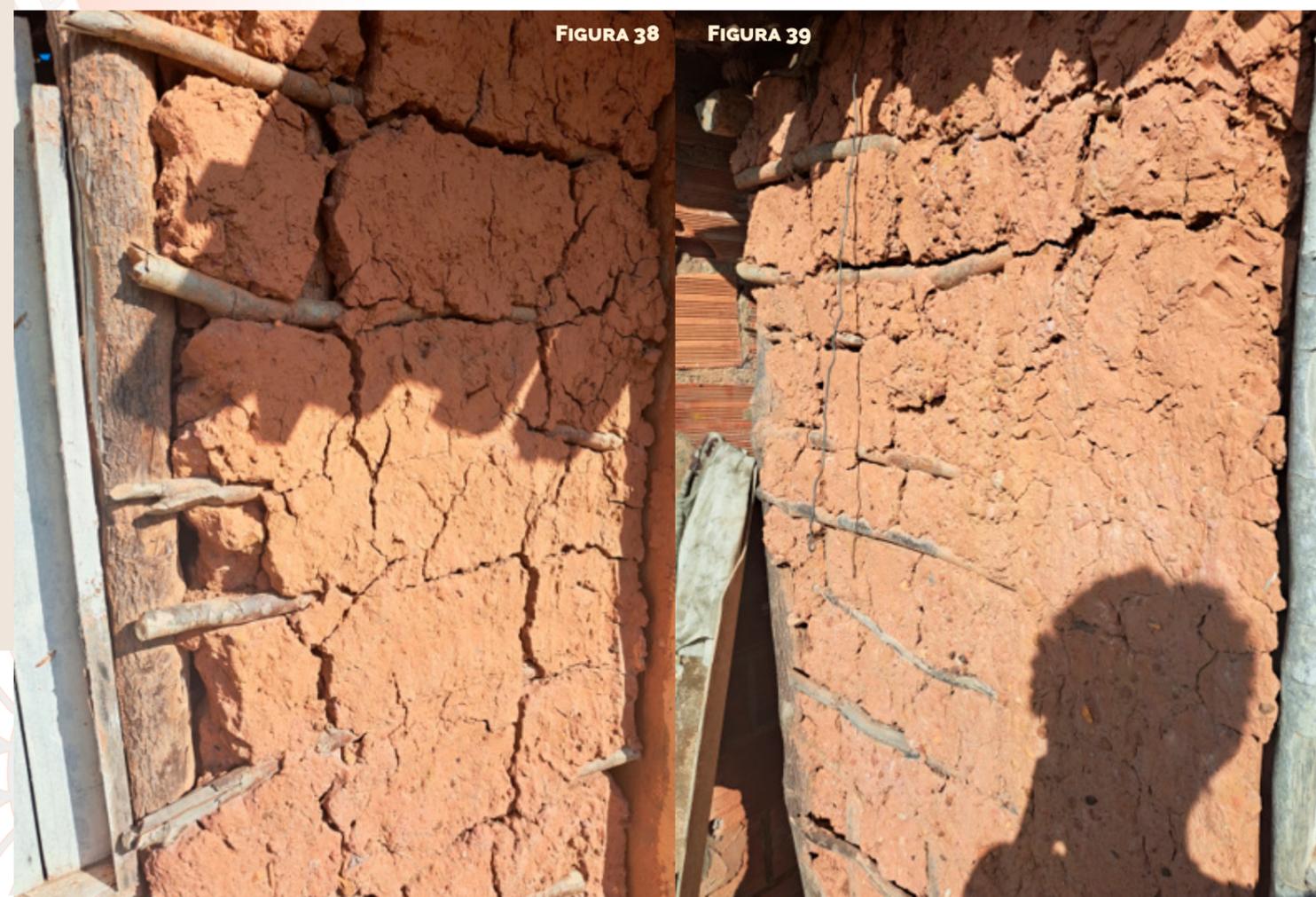
autóctones como as varas de madeira e os cipós para entrelaçamento, além do barro que ostenta um estado notável de conservação. É digno de nota o revestimento e o reboco empregados em uma das paredes (**Figura 40**) para alicerçar o barro. Esse aspecto é particularmente significativo, pois sinaliza que, já na concepção da edificação, houve uma preocupação com a preservação e a longevidade das paredes de vedação.

Ao que aparenta, a casa já possuía o lado direito, sendo assim adicionado o lado esquerdo como possível anexo como ampliação da residência (**Figura 41 e Figura 42**). Com ajuda das conversas com moradores próximos foi possível conceber um desenho prévio (**Figura 43**) de como a moradia se

estabelece, assim como seus ambientes internos. Mesmo com os relatos, acredita-se que a residência possuía um banheiro externo, porém não foi possível acessar para confirmar essa informação. Soma-se a esses aspectos, a escolha pela cobertura, sendo utilizados caibros e outros materiais amadeirados para confecção do telhado (**Figura 44 e Figura 45**), assim sendo sistematizado e sintetizado na Ficha de Catalogação da Construção – 3 (**Tabela 4**).

FIGURA 38 E FIGURA 39: MARCAS DAS RANHURAS NO BARRO ASSENTADO NA TRAMA DE CIPÓ

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



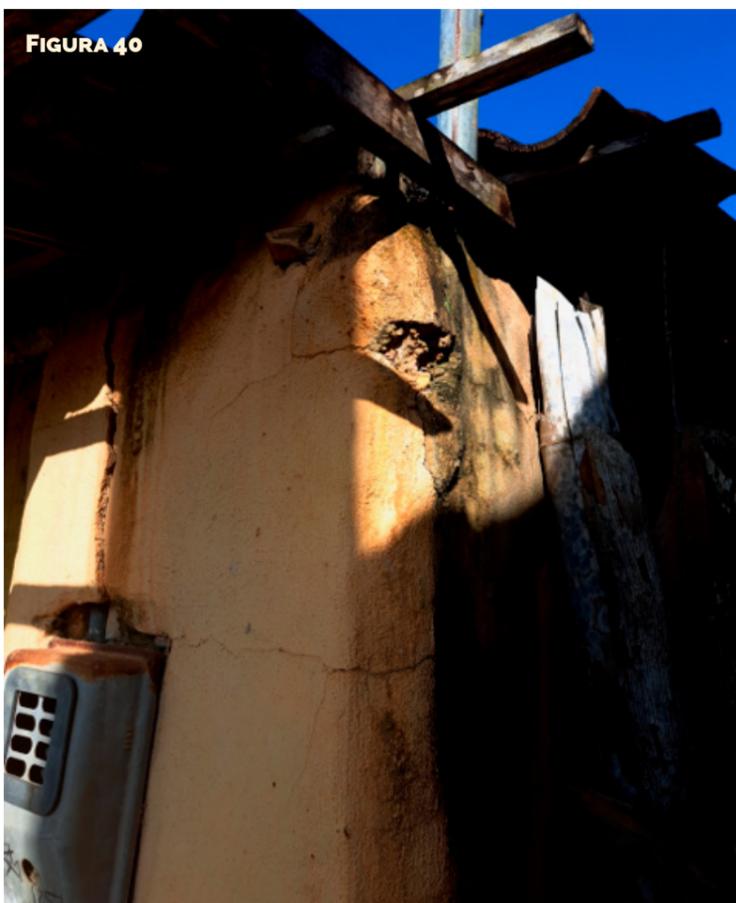


FIGURA 40: DETALHE DA LATERAL, A QUAL ESTÁ APLICADA O REBOCO.

FIGURA 41: SEMELHANÇA COMO UM ANEXO DA CASA

FIGURA 42: DETALHE DA GRANULOMETRIA DO BARRO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 43: PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA DE COMO SE ESTABELECE OS AMBIENTES DA "CASA AMARELA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 43

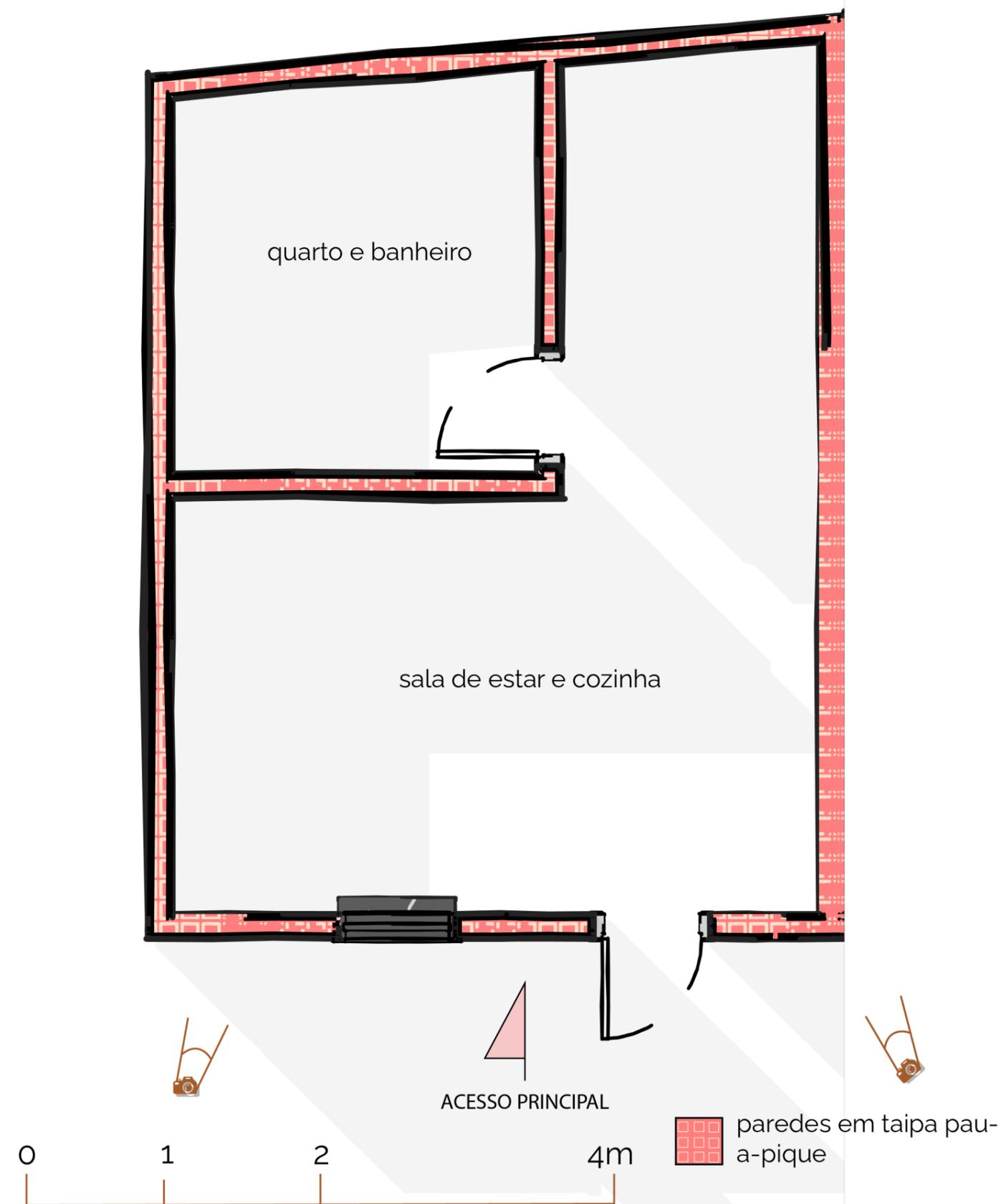


FIGURA 44



FIGURA 44: DETALHE DO MADEIRAMENTO DO TELHADO, ASSIM COMO APOIO DE CAIBROS PARA SUSTENTAÇÃO DA ESTRUTURA

TABELA 4: FICHA DE CATALOGAÇÃO DA "CASA AMARELA".

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

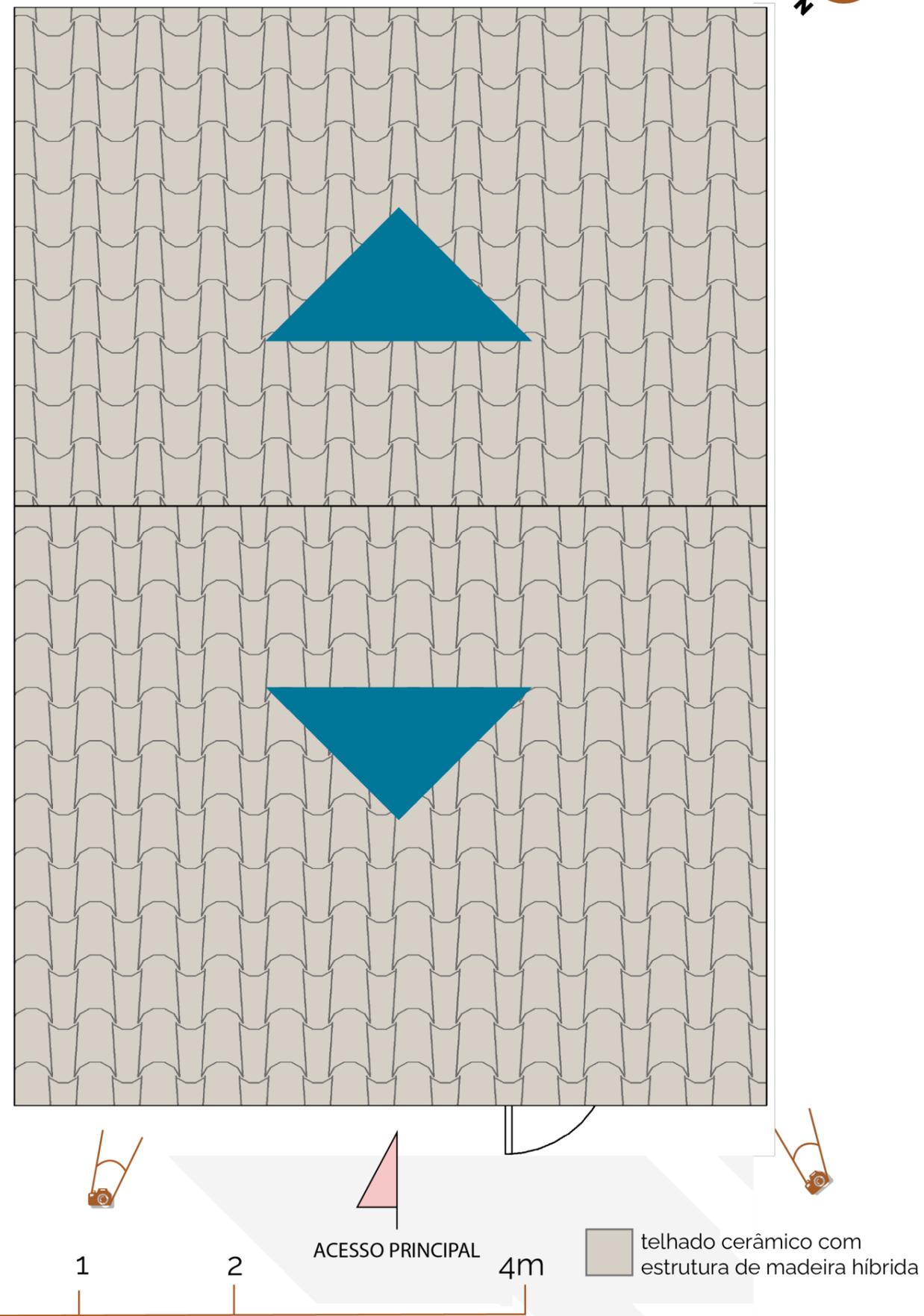
TABELA 4

Catalogação da Construção - 3			
Local	POVOADO SIRIRIZINHO	Cômodos	2
Material Construtivo	Barro assentado em trama de madeira sem rebocagem em um lado e em outro com rebocagem e pintura	Técnica	Taipa pau-a-pique
Esquadrias	2 portas de abrir de madeira e 1 janela de abrir comum		
Tipo de Cobertura	Cerâmica com madeiramento heterogêneo, variando de ripados de madeira até estacas rústicas de madeira.	Tipo do Piso	Barro batido
Artesão	Morador A	Anotações	Morador A não permitiu verificação da casa, porém informou o número de cômodos da casa e a obtenção de fotos

FIGURA 45: PLANTA ESQUEMÁTICA DA COBERTURA DA "CASA AMARELA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 45



CASA AZUL DESABITADA DE MORADOR "B"

MAPA 09

A "Casa Azul" e a "Casa Amarela" são exemplos de construções populares que se destacam no desenho urbano do Povoado Siririzinho. Ambas foram edificadas com a técnica da taipa de mão, que consiste em usar barro, palha e madeira para erguer as paredes. Para conservar a integridade desse material, os moradores aplicam reboco com adição do próprio barro, que é abundante na região de acordo com conversas realizadas com os moradores (Figura 46).

A "Casa Azul" (Figura 47) fica próxima à "Casa Amarela" (Mapa 9), em uma área de alto fluxo de residentes, devido à presença da Escola Municipal Prof.^a Ernestina Silva. Essa localização favorece a visibilidade dessas casas, que representam a cultura e a história local que corrobora para que estas casas provindas de técnicas populares não passem despercebidas em relação ao todo. No decorrer da primeira visita em abril, durante a realização deste trabalho, nota-se que o estado de conservação da "Casa Azul" era considerável, isso foi surpreendente, visto que agora não é mais habitada, uma vez que, de acordo com relatos de moradores que preferiram manter o anonimato, a casa foi construída

em algum momento entre as décadas de 1980 e 1990. Embora não poder afirmar o ano exato de construção, os moradores afirmam que a casa já existia a partir de 1980. Essa afirmação direcionou algumas prévias definições e sínteses necessárias para caracterização da residência, a qual se enquadra no segundo estágio preconcebido nesse estudo que engloba residências em situação de abandono, mas com estado relevante de conservação.

Ao observar as dimensões da casa, é evidente que ela possui mais de dois cômodos. Isso indica um alto nível de habilidade e domínio na aplicação da



FIGURA 46: "CASA AZUL" DENTRO DO CONTEXTO URBANO DO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE-SE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



Fonte: Mapa elaborado pela autora, Victória Domingos, 2023.

técnica de taipa de mão, bem como na aplicação do reboco com adição de barro em sua composição. Também é possível notar que algumas áreas das paredes da casa foram reparadas com o uso de cimento para corrigir danos. Além disso, observa-se a exposição do barro em algumas partes próximas ao solo na parte externa da casa. Com a exposição frequente à umidade e às intempéries (**Figura 48**), há o risco de enfraquecimento tanto das paredes quanto da estrutura da cobertura. Essas observações corroboram com a ideia de que a residência está abandonada, o que, se persistir, pode resultar em um estado de deterioração ainda mais avançado em um futuro não tão distante.

Em julho desse mesmo ano, foi realizado uma segunda visita, uma vez que

foi necessário recolher mais informações acerca da edificação em destaque. Porém, o que foi levantado acerca do seu iminente arruinamento veio a se concretizar, uma vez que uma das paredes que estava em estado mediano de conservação no primeiro contato já estava em processo de deterioração, pois a mesma se encontrava rachando gradativamente levando ficar praticamente “partida ao meio” (**Figura 49**). Este fator impossibilitou o reconhecimento interno, visto que sua estrutura de paredes e telhado se encontravam instáveis. Além

FIGURA 47: INTEGRIDADE FÍSICA DA “CASA AZUL”

FIGURA 48: SINAIS DE ARRUIAMENTO E DESFALQUE DE MANUTENÇÃO DA “CASA AZUL”

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

disso, pôde-se notar também, que muitas áreas que apresentavam reboco com cimento possuindo várias partes descolando ou descamando (**Figura 50 e 51**), isso leva a crer na incompatibilidade de materiais que geraram baixa aderência.

Ademais, nas regiões que anteriormente tinha se notado o barro exposto, atualmente, as tramas de “cipós” e varas de madeira se encontram em evidência, mostrando desse modo a autenticidade da técnica (**Figura 52**). Acrescenta-se, também, a estrutura do telhado, diferente da “Casa Amarela” em que as terças eram apoiadas diretamente em uma das esquadrias, na “Casa Azul” pois uma trama de taipa adicional, funcionando como uma espécie de viga para sustentação

do telhado cerâmico (**Figura 53**). Por fim, elaborou-se sintetização contida na Ficha de Catalogação da Construção – 5 (**Tabela 5**) que organiza as informações coletadas para a caracterização da residência, constatando-se que a mesma foi a única que, dentro do espaço de análise e diagnóstico desse trabalho, teve a evolução para o terceiro estágio: processo de arruinamento e/ou demolição.

FIGURA 49: PAREDE DA “CASA AZUL” QUE ANTERIORMENTE ESTAVA PRESERVADA, ATUALMENTE ESTÁ EM ARRUIAMENTO

FIGURA 50: REGIÃO ONDE FICA O CONTADOR DE ENERGIA COM DESCOLAMENTO DO REBOCO DA PAREDE

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 47



FIGURA 48



FIGURA 49

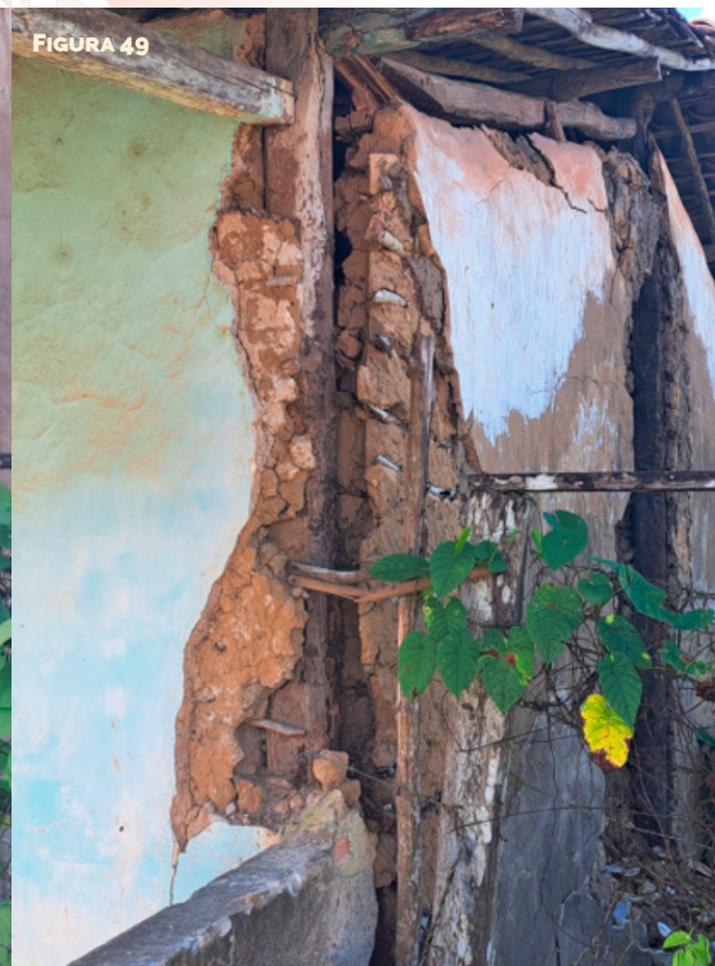


FIGURA 50





FIGURA 51



FIGURA 52



FIGURA 53

FIGURA 51: ÁREA COM DESCOLAMENTO DO REBOCO, MOSTRANDO ESTRUTURA DA TRAMA DA TAIPA

FIGURA 52: ÁREA QUE MOSTRA A ADERÊNCIA DO BARRO COM A TRAMA DE MADEIRA E AS ESQUADRIAS DA "CASA AZUL"

FIGURA 53: ESPÉCIE DE "VIGA" FEITA COM A PRÓPRIA TAIPA DE MÃO PARA SUSTENTAÇÃO DO TELHADO

TABELA 5: FICHA DE CATALOGAÇÃO DA "CASA AZUL".

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

TABELA 5

.. Catalogação da Construção - 5 ..			
Local	POVOADO SIRIRIZINHO	Cômodos	4
Material Construtivo	Barro assentado em trama de madeira, com reboco para fixação das paredes e pintura	Técnica	Taipa pau-a-pique
Esquadrias	3 portas de abrir de madeira e 2 janelas de abrir comum		
Tipo de Cobertura	Cerâmica com madeiramento heterogêneo, variando de ripados de madeira até estacas rústicas de madeira.	Tipo do Piso	Barro batido
Artesão	Morador B	Anotações	Não foi possível entrar na casa, pois o telhado está em estado de desabamento

Fonte: Victória Domingos, 2023.

CASA DE "SEU" URSO

A casa de Seu Urso é uma notável exceção em relação às duas residências previamente analisadas. Localizada na zona periférica dentro da área urbana de Rosário do Catete (**Mapa 10**), esta casa se destaca não apenas pelo uso de barro exposto, mas também por estar atualmente habitada e bem mantida, enquadrando-se no primeiro estágio delimitado por este estudo. A estrutura em si é inteiramente construída com taipa de mão (**Figura 54**) e, hoje, é um exemplo notável de resistência, resistindo às demolições frequentes de casas de taipa associadas ao Programa de Erradicação de Submoradias. De acordo com relatos de moradores do município e da região próxima à residência de Seu Urso, ele decidiu construir sua casa como um símbolo de resistência e demonstração da técnica de taipa de mão. Anteriormente, ele possuía uma casa na "Rua da Palha" - rua já mencionada no decorrer desse estudo -, que infelizmente veio a ser demolida. Diante dessa situação, Seu Urso decidiu erguer sua nova residência há mais de 15 anos, utilizando exclusivamente materiais encontrados nas proximidades do local de construção. A natureza autônoma do trabalho de Seu Urso dificultou encontros e conversações diretas com ele. Muitas informações foram obtidas através de moradores locais e de pessoas como Paulo Sotero e José Domingos, que têm

conhecimento sobre Seu Urso há muito tempo. Segundo relatos, a casa de Seu Urso possui apenas um cômodo, o qual ele mora com sua neta e outros membros da família. A escolha de construir com taipa de mão foi motivada não apenas pelo domínio da técnica, mas também pela falta de recursos financeiros para construir inteiramente em alvenaria, resultando em uma combinação de técnicas construtivas.

Além disso, Seu Urso demonstrou relevante conhecimento construtivo ao considerar fatores climáticos locais. Ele incorporou uma espécie de "shed"²⁸ nas paredes de taipa para permitir ventilação direta na casa (**Figura 55**). A preocupação com a durabilidade também foi evidente na escolha de uma cobertura com beiral mais longo e no uso de telhas cerâmicas com madeiramento encontrado localmente. Notou-se a ausência de uma das paredes de vedação da casa, levantando questões sobre se essa escolha foi deliberada ou resultado de algum evento climático, com evidências de um colchão usado como substituto temporário (**Figura 56**).

²⁸ Trata-se de um tipo de telhado com formato específico, que tem como objetivo aproveitar ao máximo a luz e a ventilação natural. Ela tem um formato peculiar, pois deve contar com aberturas em pontos estratégicos de sua construção para permitir a passagem dos raios solares e cargas de ar, por meio das correntes de vento. Disponível em: <https://www.regionaltelhas.com.br/blog/cobertura-shed/#:~:text=Trata%20se%20de%20um%20tipo,meio%20das%20correntes%20de%20vento.> Acesso em: 30 de setembro de 2023

MAPA 10

RESIDÊNCIAS NO BAIRRO INCRA EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



Moradores relataram que Seu Urso planeja fazer reformas em sua residência, como indicado pela presença de materiais de construção próximos à edificação. Além disso, a altura do pé direito da casa é notavelmente diferente em comparação com as casas vizinhas. Paulo Sotero, ao ser questionado sobre a residência de Seu Urso comenta um pouco sobre a construção de taipa, descrevendo o processo inicial como simples, começando com vara de madeira retiradas da natureza, não preparados, e amarrados com pedaços de cipó. No entanto, ele destacou que ao longo do tempo, melhorias são feitas, substituindo materiais e aprimorando a técnica e o processo do saber-fazer.



[...] A casa de taipa mesmo, a casa de taipa, primeiro vai para o mato, o mato bruto e tiram aqueles paus, não é nem pau preparado, é um pau torto e metem aquele pau no chão, depois botam o outro no outro canto, entendeu como é? E aí botam tudo aquelas varinhas amarradas no cipó, as varinhas naqueles paus. **É tudo. Mas o melhoramento vai acontecendo, aí depois, não [lento]...**

não bota com esse pau não, bota um pau mais adequado, não é verdade? Quer dizer, já faz uma coisa melhor, mas é isso, veio do mais simples possível. [...] (PAULO SOTERO, 2023, grifo nosso).

Finalmente, alguns moradores expressaram sentimento de impotência e medo em relação à possibilidade de desgaste da casa de Seu Urso, devido à exposição das paredes de taipa e às pressões sociais relacionadas ao uso dessa técnica de construção. Essa casa se tornou um símbolo de resistência não apenas pela escolha de materiais, mas também pelo desejo de preservar uma tradição construtiva significativa em face das mudanças e estigmas sociais. Ao final da coleta de dados, todas essas informações

FIGURA 54: RESIDÊNCIA DE SEU URSO COM A ESTRUTURA DA TRAMA DA TAIPA EXPOSTA

FIGURA 55: REGIÃO ONDE SE LOCALIZA O SHED DA RESIDÊNCIA DE SEU URSO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



foram registradas na Ficha de Catalogação da Construção - 1 (Tabela 6), contribuindo para a compreensão do significado e da importância da casa de Seu Urso dentro da comunidade local.

FIGURA 56: PAREDE A QUAL FOI UTILIZADO UM COLCHÃO E OUTROS MATERIAIS PARA VEDAÇÃO TEMPORÁRIA

TABELA 6: FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DE SEU URSO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



TABELA 6

Catalogação da Construção - 5			
Local	Conjunto Agrovila - Rosário da Catete	Cômodos	1
Material Construtivo	Barro assentado em trama de madeira	Técnica	Taipa pau-a-pique
Esquadrias	1 porta		
Tipo de Cobertura	Cerâmica com madeiramento heterogêneo, variando de ripados de madeira até estacas rústicas de madeira.	Tipo do Piso	Barro batido
Artesão	"Seu" Urso	Anotações	Um dos lados da casa é protegido com outros tipos de materiais como um colchão, por exemplo

Fonte: Victória Domingos, 2023.

CASARÃO EM RUÍNAS DA "RUA DE CIMA"

O casarão da "Rua de Cima" representa um marco histórico notável na cidade de Rosário do Catete. Desde o início deste estudo, essa construção sempre despertou grande interesse, tanto por sua imponência quanto por sua técnica de construção peculiar. Localizado na Avenida Antônio Freire Soares, próximo à Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e à Praça Augusto Maynard (Mapa 11), este casarão se destaca em um contexto de grande importância (Figura 57), uma vez que está cercado por edifícios de poder político igualmente significativos, incluindo a prefeitura municipal da cidade. Até o final de 2019, este casarão se destacava na paisagem urbana da região, seja por suas características arquitetônicas, suas esquadrias únicas ou sua função original como casa de veraneio.

Ao analisar suas características e combinar informações de pesquisas e conversas com moradores, é possível deduzir que este casarão foi construído na década de 20 ou 30. Isso se baseia na informação de que, quando os sobrados na "Rua de Baixo" já estavam sendo construídos, o casarão da "Rua de Cima" já existia. No entanto, em meados de 2021, a estrutura do casarão, que estava desabitada, começou a entrar em estado de deterioração, pois não havia interesse

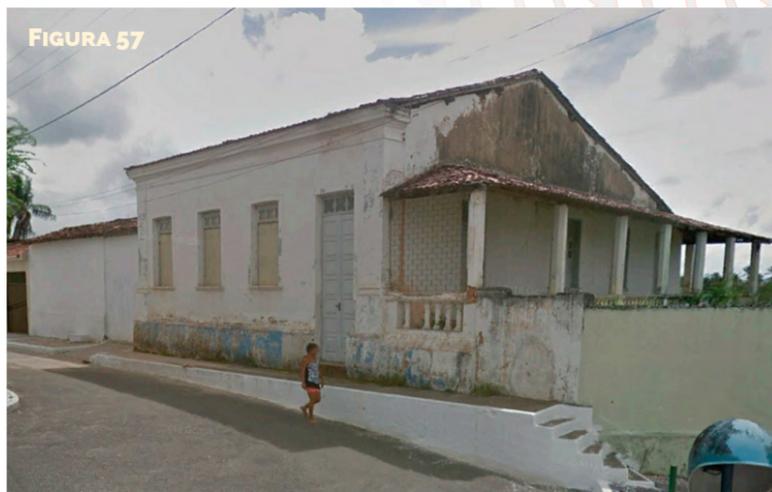


FIGURA 57



ou movimentação para reformar ou ocupar a residência, apesar de pertencer à família de Seu Maxi (in memoriam), o artesão responsável por sua construção. As primeiras regiões que começaram a ruir foram a do seu aparente anexo (Figura 58), revelando, assim a verdadeira essência da técnica construtiva utilizada na sua construção.

Uma surpresa notável foi a descoberta de que a técnica construtiva utilizada no casarão combinava taipa de mão ou pau-a-pique com o adobe, contradizendo a crença anterior de que era inteiramente construído com adobe (Figura 59 e 60). Isso sugere que a estrutura principal da casa foi erguida antes de seu anexo, que parece ser resultado de uma reforma e ampliação posterior. A fachada

FIGURA 57: CASARÃO DA "RUA DE CIMA" ANTES DO PROCESSO DE ARRUINAMENTO NO ANO DE 2012

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

MAPA 11

RESIDÊNCIAS NO CENTRO DA CIDADE DE ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



principal do casarão apresenta blocos crus de adobe e argamassa de barro **(Figura 61)**, enquanto as paredes internas são de taipa de mão **(Figura 62)**. Isso diferencia o casarão dos sobrados da "Rua de Baixo", onde as paredes externas são de taipa de pilão e as internas também são de taipa de mão, porém com alturas reduzidas. Este fator traz uma importância ainda maior a esta residência, não só pela durabilidade que a casa teve, mas, também, pelas alturas atingidas pelas suas paredes, que são verdadeiras conquistas de muito estudo e aplicação até ser alcançado o resultado ao

qual é visto pela taipa exposta.

Além disso, à medida que o casarão começou a se deteriorar, as paredes do anexo revelaram uma combinação de materiais, incluindo ripas robustas de madeira para suportar os blocos crus de adobe **(Figura 63 e 64)**. A fachada principal apresenta detalhes como frisos, molduras e esquadrias imponentes, algumas artesanais e outras aparentemente adquiridas para complementar a residência, configurando a heterogeneidade de elementos escolhidos para a construção da residência **(Figura 65)**.

Outra característica importante a ser colocada aqui são os balaústres da varanda **(Figura 66)**, os quais, por meio de conversas com moradores locais mais antigos, foram feitos com moldes de barro e celão²⁹ e pintados para sua durabilidade, assim como os pilares que - também feitos de barro e adobe - usados para sustentação da cobertura de três águas da varanda. O casario, além disso, apresenta um pé direito de quase 5 metros de altura com uma cobertura de telhado cerâmico com madeiramento homogêneo **(Figura 67)**.

²⁹ Segundo seu Edvaldo Marques e Paulo Sotero, celão é um tipo de material adicionado ao barro para dar impermeabilidade à massa do barro.

Acrescenta-se a esses pontos levantados, o tipo de piso utilizado na residência indo de apenas o barro batido como o presente na varanda e antesala, como a presença de alguns azulejos seguindo em direção aos cômodos principais da casa **(Figura 68 e 69)**. Um fator a ser levado em consideração é que não foi possível realizar plantas ou desenhos esquemático das disposições de cômodos pois como visto anteriormente, algumas regiões estão comprometidas e com estado de arruinamento avançado, impossibilitando, assim, o acesso interno do casario.

FIGURA 61: FACHADA FRONTAL COM OS BLOCOS DE ADOBE EXPOSTOS

FIGURA 62: PAREDES INTERNAS DO CASARÃO COM VESTÍGIOS DO USO DA TAIPA

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 58



FIGURA 59



FIGURA 60



FIGURA 58: ANEXO DO CASARÃO, EM PROCESSO AVANÇADO DE ARRUINAMENTO

FIGURA 59 E FIGURA 60: PAREDES DO CASARÃO COM O USO DA TÉCNICA DE TAIPA DE MÃO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 61

FIGURA 62





FIGURA 63



FIGURA 65



FIGURA 64

FIGURA 63 E FIGURA 64: ESTRUTURA DE MADEIRA COM A INSERÇÃO DOS BLOCOS DE ADOBE PARA CONSTRUÇÃO DAS PAREDES

FIGURA 65: DETALHE DAS ESQUADRIAS E DOS FRISOS UTILIZADOS NA FACHADA DO CASARÃO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 66: DETALHE DOS BALAUÍSTRES DA VARANDA

FIGURA 67: DETALHE DO PÉ DIREITO DO CASARIO JUNTAMENTE COM O TELHADO DA VARANDA

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

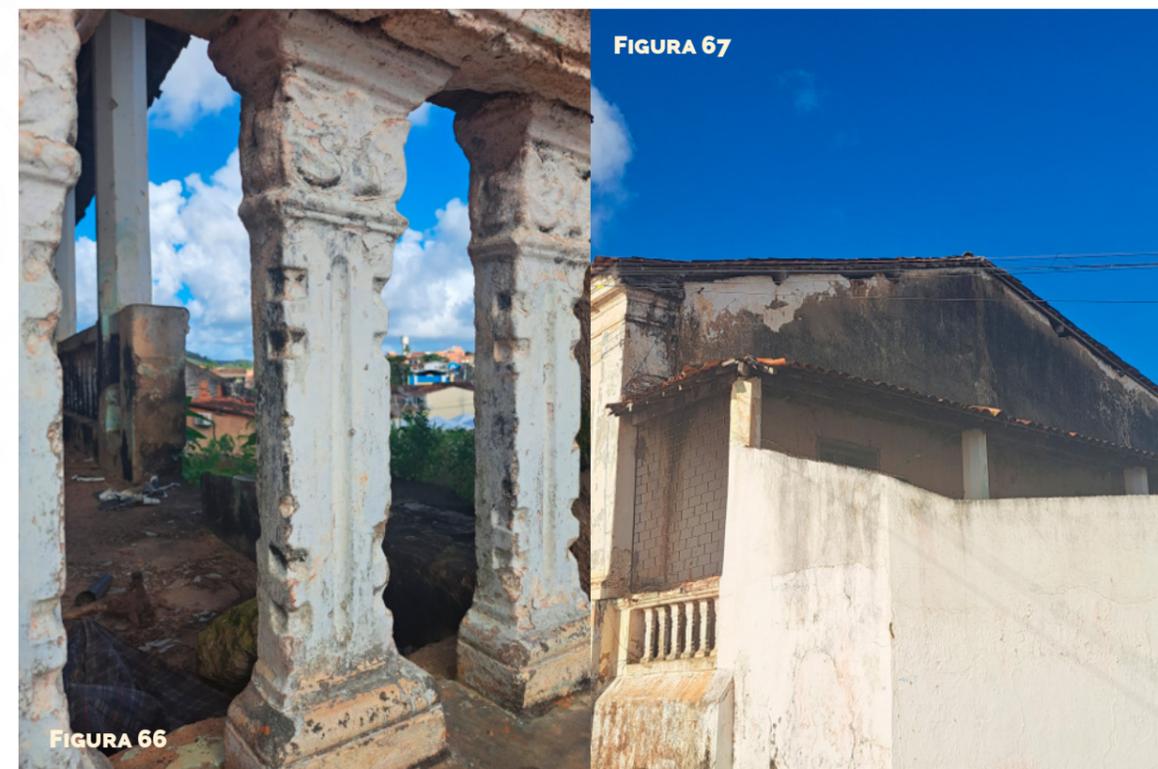


FIGURA 66

FIGURA 67

Ao conversar com Paulo Sotero ele comenta um pouco sobre a longevidade do casarão da "Rua de Cima", e ainda tece acerca de como são necessárias essas residências para contar a história de um povo.



[...] **Você consegue ver uma parte descoberta, né? Você veja, uma coisa assim, está com 100 anos... Essa casa lá de taipa que eu acho que é uma parede grande, uma parede que não é, não é a nova quer dizer, uma parede de mais de 100 anos de taipa, da maior simplicidade, o material mais simples do mundo.** Ai você veja, está lá, vamos dizer que não é para derrubar a casa, vamos dizer assim. **Está lá para você ver que não é só essa casa feita de bloco, de cimento com todo arrolamento, que pode ficar de pé, que essa casa mesmo não tem arrolamento e comparando com outras casas, sabe?** Ai chega - não é de merecer no seu serviço não -, mas quem faz uma casa com arquiteto é gente, vamos dizer que não sabe fazer e aí acha que as casas têm que ser feitas com arquiteto, mas você sabe

que antigamente não tinha arquiteto, né? [...] (PAULO SOTERO, 2023. grifo nosso)

Com todas essas informações sobre a relevância do casario, acredita-se que por esses motivos, o casario antes abandonado, atualmente foi adquirido pelo poder do governo municipal (**Figura 70**), para que futuramente o mesmo seja reformado e dê lugar a um memorial, o qual contará as histórias e a cultura vinculada ao município de Rosário do Catete. Por fim, foi possível sintetizar essas informações na Ficha de Catalogação da Construção - 6 (**Tabela 7**), enquadrando-se no segundo estágio de verificação do estado físico da casa definido por esse trabalho.

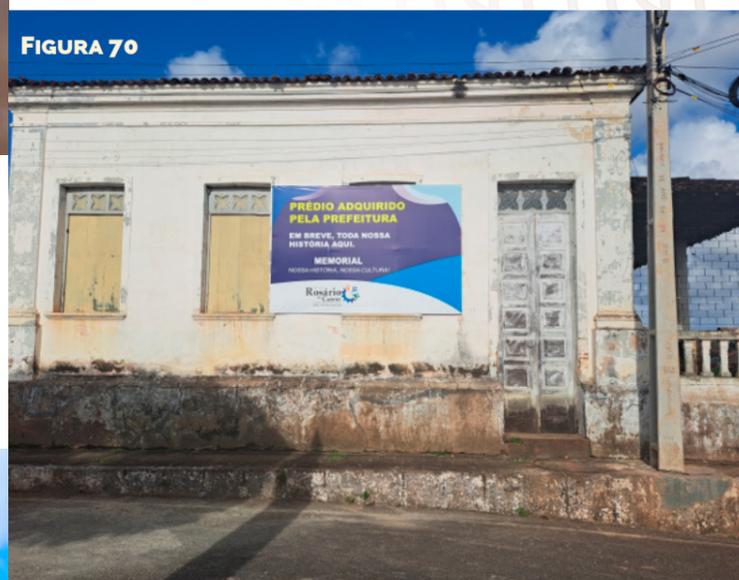


FIGURA 68: DETALHE DO PISO INTERNO DO CASARÃO

FIGURA 69: DETALHE DO PISO EXTERNO DO CASARÃO

FIGURA 70: FACHADA PRINCIPAL DO CASARÃO COM A PLACA DE AQUISIÇÃO PARA SE TORNAR UM MEMORIAL

TABELA 7: FICHA DE CATALOGAÇÃO DO CASARÃO DA "RUA DE CIMA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

TABELA 7

Catalogação da Construção - 6				
Local	Av. Antônio Freire Soares	Cômodos	Atualmente 7	
Material Construtivo	Barro assentado em trama de madeira, com reboco para fixação das paredes e áreas com tijolos de barras assentados com reboco		Técnica	Taipa e Tijolos de Adobe
Esquadrias	Atualmente 7 portas de abrir incluindo uma com bandeira superior de abrir e 4 janelas de abrir			
Tipo de Cobertura	Cerâmica com madeiramento homogêneo	Tipo do Piso	Barro batido e cerâmico em alguns cômodos.	
Artesão	Finado "Seu" Maxi	Anotações	Não foi possível verificar alguns cômodos pela sua situação, ela está sob poder público para dar lugar a um Memorial Cultural do município.	

Fonte: Victória Domingos, 2023.

CASA EM RUÍNAS DA “RUA DA LOTÉRICA” DE MORADOR C

A casa da "Rua da Lotérica" representa um exemplo do último estágio definido neste estudo, uma vez que a estrutura foi completamente demolida (Figura 71). Semelhante ao casarão mencionado anteriormente, a casa da "Rua da Lotérica" era vista como um símbolo de imponência em seu contexto, destacando-se pela fachada elaborada, pelas dimensões de seu terreno e pela localização privilegiada na Rua Barão de Maruim (Mapa 12), uma das vias mais movimentadas em Rosário do Catete.

De acordo com informações obtidas

de moradores locais, a propriedade pertence ao morador C, que preferiu manter seu anonimato. Acredita-se que a demolição da Casa da "Rua da Lotérica" tenha ocorrido devido ao desejo de reformar e adequar a construção aos padrões contemporâneos, motivado possivelmente pela recente reforma da edificação vizinha, de propriedade do mesmo morador. Conforme conversas com residentes que testemunharam a demolição durante a coleta de imagens e informações, o plano é construir uma nova moradia do zero, com a intenção de torná-la semelhante à casa vizinha, possivelmente incorporando tecnologias modernas, como blocos de alvenaria. Alguns chegaram a usar a expressão "azulejar a casa" para



FIGURA 71

FIGURA 71: SITUAÇÃO ATUAL DA CASA DA “RUA DA LOTÉRICA” QUASE POR COMPLETA DEMOLIDADA

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

MAPA 12

RESIDÊNCIAS NO CENTRO DA CIDADE DE ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



Fonte: Mapa elaborado pela autora, Victória Domingos, 2023.

descrever o possível desejo do proprietário de substituir completamente a residência anterior por uma com a técnica construtiva de alvenaria.

Ao analisar imagens da antiga Casa da "Rua da Lotérica" (Figura 72), fica evidente a opção por uma estrutura de dois níveis, provavelmente em resposta às características do terreno. O piso de barro batido em um dos níveis sugere que esse espaço poderia ter sido usado como garagem. Assim como no casarão mencionado anteriormente, a casa da "Rua da Lotérica" apresentava elementos

ornamentais na fachada principal, como frisos, molduras e detalhes ornamentais em relevo ecléticos, com o objetivo de criar apelo estético (Figura 73 e 74).

É notável a resistência da técnica de adobe, pois mesmo após a demolição quase completa, uma parte estrutural da casa permaneceu fixada na casa adjacente (Figura 75). Isso ressalta a autenticidade da técnica, com o uso de blocos crus de adobe de tamanhos variados e argamassa de barro para sua fixação (Figura 76 e 77). No final, todas essas características foram sintetizadas na Ficha de Catalogação da Construção – 4 (Tabela 8), permitindo uma documentação detalhada da residência e sua importância no contexto da cidade de Rosário do Catete.

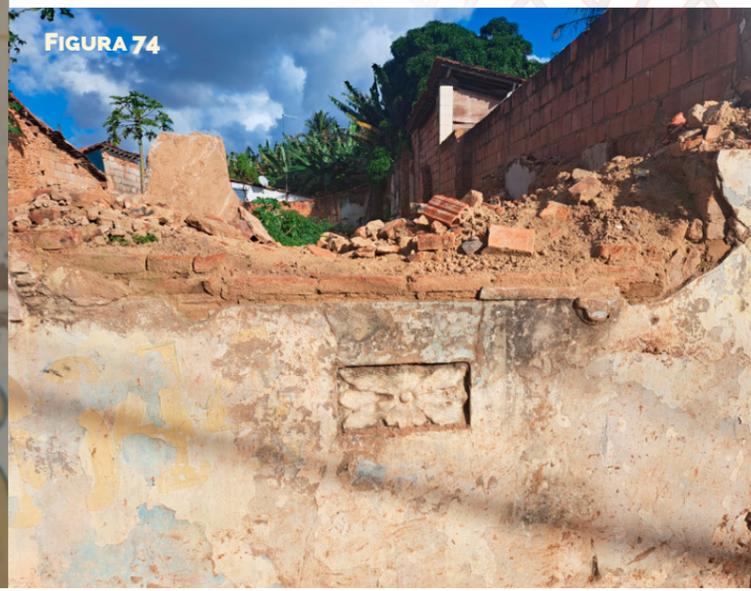


FIGURA 75: DETALHES DA PARTE ESTRUTURAL DOS BLOCOS DE ADOBE FIXADOS NA RESIDÊNCIA ADJACENTE

FIGURA 76 E FIGURA 77: DETALHES DOS BLOCOS DE ADOBE DE TAMANHO VARIÁVEIS COM O USO DO PRÓPRIO BARRO PARA FIXAÇÃO

TABELA 8: FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DA "RUA DA LOTÉRICA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 72: CASA DA "RUA DA LOTÉRICA" ANTES DO PROCESSO DE DEMOLIÇÃO NO ANO DE 2012

FONTE: STREET VIEW, GOOGLE EARTH, 2023

FIGURA 73: DETALHES DOS FRISOS E ORNAMENTOS GEOMÉTRICOS ANTES DO PROCESSO DE DEMOLIÇÃO NO ANO DE 2012

FONTE: STREET VIEW, GOOGLE EARTH, 2023

FIGURA 74: DETALHES DO ORNAMENTO GEOMÉTRICO RESTANTE APÓS A DEMOLIÇÃO DA CASA DA "RUA DA LOTÉRICA"

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

CASA DE "SEU" EDVALDO

TABELA 8

Catalogação da Construção - 6			
Local	"Rua da Lotérica" - R. Barão de Marujim	Cômodos	Atualmente nenhum
Material Construtivo	Tijolo de barro assentado com o próprio barro, com reboco para fixação das paredes	Técnica	Tijolos de Adobe
Esquadrias	-		
Tipo de Cobertura	-	Tipo do Piso	Barro batido
Artesão	Morador C	Anotações	A casa hoje está quase por completo em ruínas, restando apenas o piso de barro batido em algumas partes.

Fonte: Victória Domingos, 2023.

A casa de Seu Edvaldo foi uma das edificações que confirmou o propósito deste trabalho. Edvaldo Marques dos Santos é um artesão de adobe tradicional do Povoado Siririzinho (Mapa 13), que ainda exerce essa função ao construir a sua residência e o "puxadinho" do seu filho aos fundos da sua casa. Assim como Paulo Sotero, demonstrou uma grande paixão pela técnica e que mesmo que tenha a chance de construir uma casa de alvenaria, não deixaria a sua atual que é construída inteiramente de blocos de adobe cru. Declara ainda a sua resistência perante as demolições das casas consideradas "submoradias" no Povoado Siririzinho.

“

[...] Foi tudo eu que fiz. Eu posso até fazer um check-up dela. Agora ser derrubada? **Chegou aqui uma coleção de gente dizendo que era pra derrubar. Derrubar o que, moça? Eu vou pra onde?** Só a ferramenta, o material que tem aí, eu vou botar aonde [sic]? Quem puder me ajudar, me ajuda como puder. Agora, derrubar a minha "arapuça"... (SEU EDVALDO, 2023. grifo nosso).

Seu Edvaldo relata que construiu sua residência em 1973 (Figura 78), contando com pouco mais de 50 anos de existência, em um terreno de sua propriedade. Edvaldo comenta que construiu a casa inteiramente

em blocos de adobe por escolha própria, e, ainda, conta que a casa não possui sequer resquício de cimento ou de materiais e tecnologias mais contemporâneas. A casa segue os princípios tradicionais da produção do adobe para edificar a moradia, produzindo o barro com adição de outras matérias orgânicas e postas em uma forma que moldasse o bloco de adobe (Figura 79 e 80).

“

[...] O processo dele é fazer assim [gestos com a mão], a gente faz, tira a bitola que tem, faz uma gradezinha, aí 'cê vai fazer o barro, como vai tapar uma parede, faz o barro, aí tchau, aí chega ali. Puxou. No caso a gradezinha é uma forma,



FIGURA 78: FACHADA PRINCIPAL DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 78

MAPA 13

RESIDÊNCIAS NO POVOADO SIRIRIZINHO EM ROSÁRIO DO CATETE NO ANO DE 2023.



Fonte: Mapa elaborado pela autora, Victória Domingos, 2023.

né? É, é uma forminha, aí ele fica. Aí vai fazendo, fazendo até a quantidade que quiser, a centena que quiser. [...] (SEU EDVALDO, 2023)

Seu Edvaldo comenta sua opção pela casa de adobe, até mesmo comenta que se o oferecerem algum material, como por exemplo, blocos cerâmicos ou cimento, ele não negaria, visto que serviria de melhoria para sua atual casa. Porém, ele não deixaria a técnica usada de lado, pois como ele mesmo relata, luxo não é opção para ele, uma vez que sem o artesão a obra perde o significado e a história ali mantidas.

“

[...] Aí chega fulano [sic], está adoecendo, leva para o hospital, chega que fulano [sic] morreu. Agora eu pergunto, fulano [sic] vai ficar aí? Alguém vai procurar outro lugar diferente para ele! **Aquilo que ele fez não importou mais.** Pra [sic] que luxo? **Eu faria da mesma forma que eu fiz, com o que estivesse perto de mim e eu pudesse ir lá [gesto] e tchau, ter minhas parede [sic] e telhado.** [...] (SEU EDVALDO, 2023. grifo nosso).

FIGURA 79 E FIGURA 80: DETALHE DOS BLOCOS DE ADOBE CONFECCIONADOS PRO SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

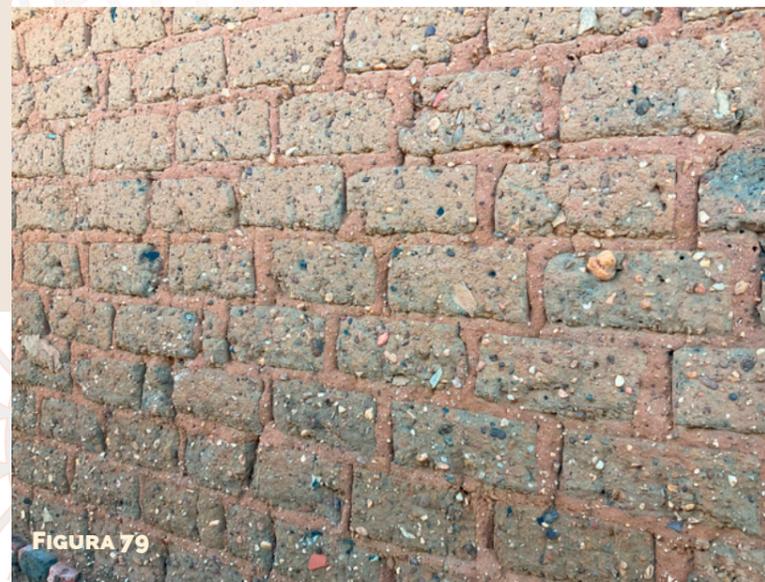


FIGURA 79



FIGURA 80

Apesar disso, Edvaldo comenta as dificuldades enfrentadas para manter sua residência, visto que, assim como a taipa, o adobe necessita de uma atenção redobrada e manutenção periódica para que ela continue de pé. É ressaltado no decorrer da conversa, a importância das casas dessa técnica para que seja perpetuado o conhecimento desse saber-fazer, e por isso, ele optou por manter umas das paredes com o adobe exposto, para demonstrar o apreço que ele tem pela técnica, e ainda de instigar outras pessoas interessadas pela técnica.

“

[...] Pois é... E o que eu aprendi, moça? Eu não tive professora pra [sic] nada, nem sequer pra assinar o nome. A minha professora é aquela ali [gesto com a mão, apontando para a rua] ó. **A estrada. Que é onde a gente aprende tudo que é bom e tudo que é ruim, é assim que é. É na estrada. Por exemplo, imagina eu estar aqui dialogando, aqui não tem sala de aula nenhuma, né? Pois é. O que você disser de bom, já tá aqui. Foi assim que eu aprendi.** (SEU EDVALDO, 2023. Grifo nosso)

Edvaldo compartilhou as dificuldades que enfrenta para manter sua residência (Figura 81 e 82), destacando que, assim como as casas de taipa, as construções de adobe exigem atenção constante e manutenção periódica para permanecerem em boas condições. Durante a conversa, enfatizou a importância de preservar casas construídas com essa técnica como forma de perpetuar o conhecimento do saber-fazer tradicional. Por esse motivo, ele optou por deixar uma das paredes com o adobe exposto, demonstrando seu profundo apreço pela técnica e buscando inspirar outras pessoas interessadas nesse ofício.

Devido ao carinho que Edvaldo nutre por sua residência, pudemos realizar um levantamento cadastral detalhado da edificação e um extenso levantamento fotográfico, documentando minuciosamente vários aspectos da moradia. Em uma das primeiras visitas realizadas em abril de 2023, encontrou-se Edvaldo realizando a

manutenção do telhado da casa (Figura 83), o que demonstra seu compromisso em manter a estrutura em excelente estado. Além disso, ele mencionou seus planos de realizar algumas reformas na casa, incluindo a substituição do piso de barro não tratado (Figura 84) e a melhoria da estrutura interna do telhado com a introdução de novas peças de madeira (Figura 85 e 86).

Outro aspecto relevante é a fundação da casa, construída acima do nível da rua para evitar problemas de umidade por capilaridade, o que contribui para sua durabilidade. Diferentemente da casa de Seu Urso, Edvaldo aplicou uma técnica denominada "calhação", uma argamassa feita de barro, celão e cal, que reforça a impermeabilidade das paredes. Além disso, vale mencionar que Edvaldo fabricou e/ou adquiriu pessoalmente as peças de madeira usadas na estrutura do telhado, nos batentes das esquadrias e nos peitoris das janelas (Figura 87, 88 e 89). Com exceção

do corredor, todos os outros cômodos têm piso de barro batido (Figura 90). Edvaldo também destacou a existência de um cômodo posterior à construção original da casa, usado como depósito de ferramentas e materiais para a confecção dos blocos de adobe (Figura 91 e 92).

Ao ser questionado sobre a memória afetiva vinculada a sua residência, Edvaldo comenta que a casa remete a ele felicidade, pois todas as memórias, acontecimentos, entre outros eventos, ocorreram na sua residência de adobe, e por isso, é gratificante tê-la de pé por tantos anos, para que dessa

FIGURA 83: SEU EDVALDO REALIZANDO A MANUTENÇÃO DO TELHADO DA SUA CASA

FIGURA 84: PISO DE BARRO SEM TRATAMENTO DO CORREDOR DA CASA DE SEU EDVALDO

FIGURA 85: DETALHE DAS MADEIRAS DE SUSTENTAÇÃO DO TELHADO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 81 E FIGURA 82: DETALHE DAS PAREDES QUE ESTÃO PRECISANDO DE MANUTENÇÃO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 81

FIGURA 82

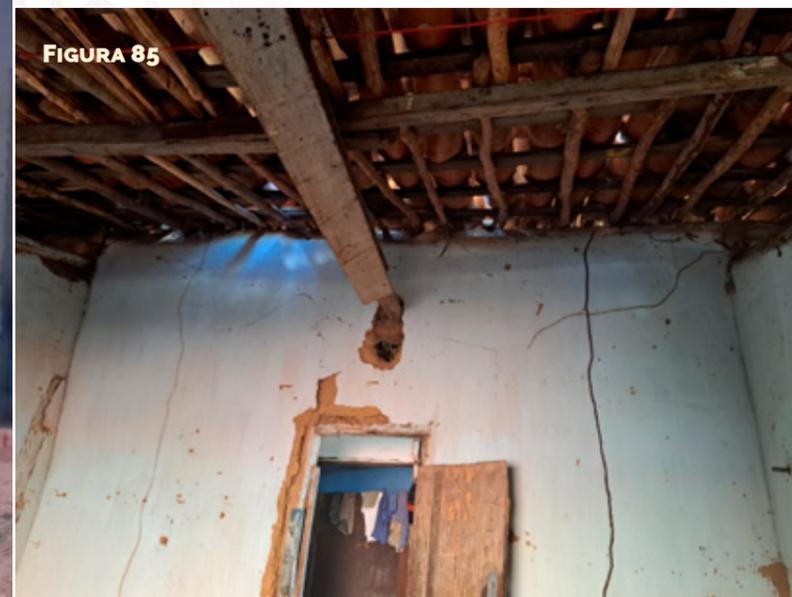


FIGURA 85



FIGURA 83

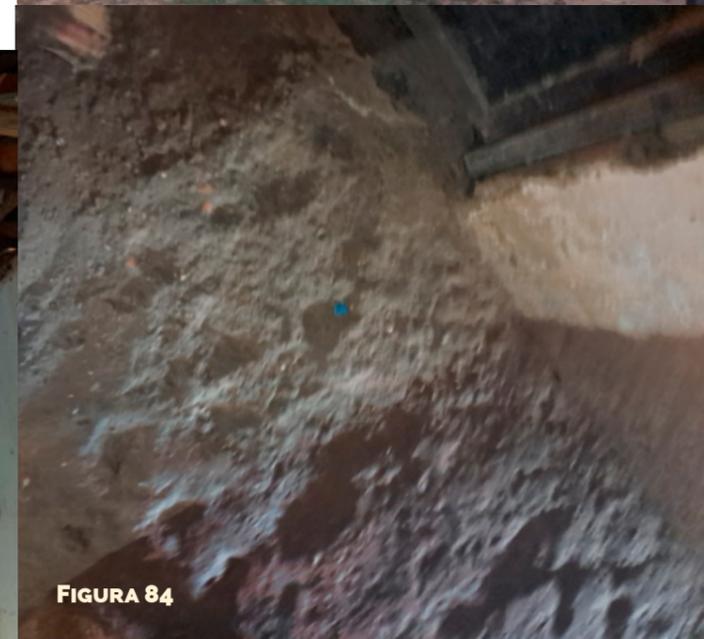


FIGURA 84

forma, ele sempre possa lembrar com alegria.



[...] **Ela significa felicidade. É isso que essa casa significa para mim. Eu criei meus filhos aqui, perdi a mulher aqui e aqui eu estou.** Graças a Deus. Bem, do que eu sofro é desse acidente que tive nesse membro aqui, porque isso depende da vida, tudo faz parte da vida. **Mas, graças a Deus, eu sou feliz aqui. Como em qualquer lugar. Em qualquer lugar que eu chegar, eu sou feliz. Eu trabalho com a felicidade e gosto da verdade. Eu trato bem todo mundo. E a pessoa que trata bem todo mundo, ela é feliz. [...]** (SEU EDVALDO, 2023. Grifo nosso)

Ao final desse processo, conseguimos produzir uma planta baixa esquemática e uma planta de cobertura (Figura 93 e 94), com base nas informações fornecidas por Edvaldo, além de uma Ficha de Catalogação da Construção – 2 (Tabela 9), que resume as principais características da edificação.



FIGURA 86: DETALHE DAS MADEIRAS DE SUSTENTAÇÃO DO TELHADO

FIGURA 87: DETALHE DA ESTRUTURA DO TELHADO DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 88: DETALHE DO BATENTE E DAS PORTAS DA CASA DE SEU EDVALDO

FIGURA 89: DETALHE DOS PEITORIS DAS JANELAS DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

FIGURA 86



FIGURA 87



FIGURA 89





FIGURA 90

FIGURA 90: DETALHE DO PISO DE BARRO BATIDO DA VARANDA DA CASA DE SEU EDVALDO

FIGURA 91 E FIGURA 92: DETALHE DO DEPÓSITO DE MATERIAIS E UTENSÍLIOS DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 91

FIGURA 92

FIGURA 93: PLANTA BAIXA ESQUEMÁTICA DE COMO SE ESTABELECE OS AMBIENTES DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.



FIGURA 94

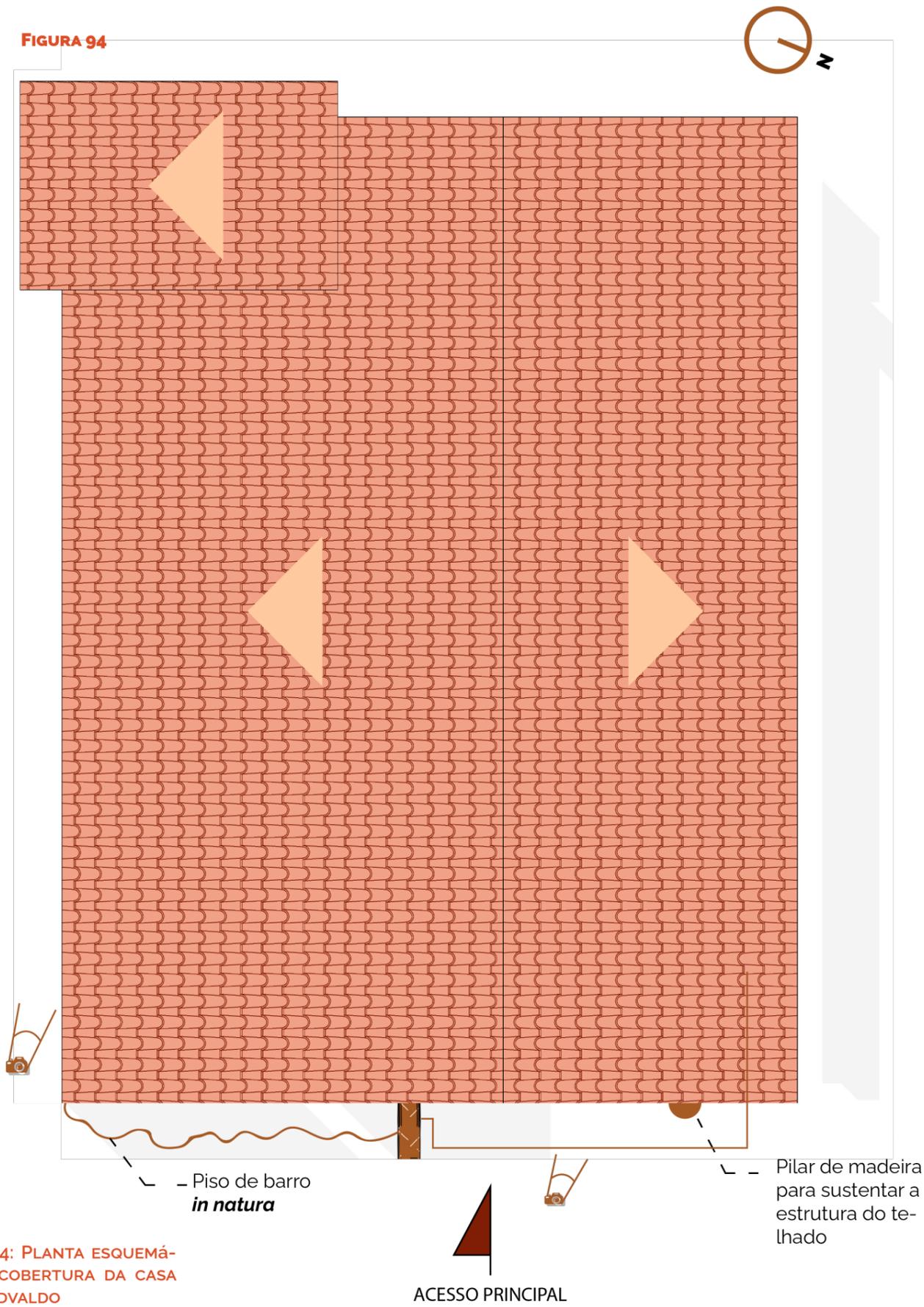


FIGURA 94: PLANTA ESQUEMÁTICA DA COBERTURA DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

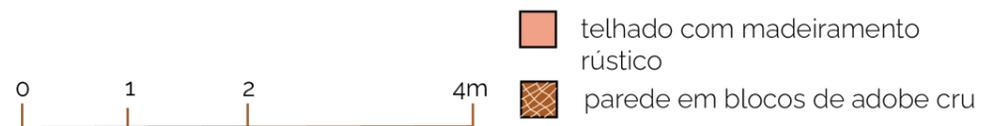


TABELA 9

Catalogação da Construção - 2			
Local	Povoado Siririzinho	Cômodos	10
Material Construtivo	Mistura de barro com alta granulometria, algumas partes com utilização de estacas de madeira para maior sustentação	Técnica	Tijolos de adobe com variação de tamanho
Esquadrias	9 portas e 4 janelas		
Tipo de Cobertura	Cerâmica com madeiramento heterogêneo, variando de ripados de madeira até estacas rústicas de madeira.	Tipo do Piso	Dentro dos quartos barro batido, no corredor sala e cozinha com piso de barro sem tratamento
Artesão	Finado "Seu" Maxi	Anotações	Possui um "puxadinho" no fundo da casa para o filho

Fonte: Victória Domingos, 2023.

TABELA 9: FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CASA DE SEU EDVALDO

FONTE: VICTÓRIA DOMINGOS, 2023.

3.4 ANÁLISES MORFOLÓGICAS: IMAGEM E ORALIDADE COMO MEMÓRIA ICONOGRÁFICA

De acordo com Heidegger, a arte e a técnica são expressões que revelam a verdade do ser, que ele denomina de *alétheia*. Ambas derivam da raiz grega *téchne*, significando uma forma de produção que traz à luz o que está oculto. No entanto, uma distinção fundamental emerge entre a arte e a técnica moderna, que Heidegger identifica como *Gestell*. A arte, na sua qualidade de *poiesis*, representa um método de produção que venera o mistério do ser, permitindo-lhe manifestar-se em toda a sua singularidade e beleza. Em contraste, a técnica moderna se converte em um meio de produção que subjuga o ser, reduzindo-o a um produto facilmente manipulável. Ela representa uma ameaça à verdade do ser, obscurecendo-o e relegando-o ao esquecimento. Por outro lado, a arte emerge como uma possibilidade de resgate da verdade do ser, através da sua capacidade de iluminar e celebrar essa essência.

Diante dessa ótica, este estudo analisou a reprodução da arquitetura popular, especialmente a de terra, na cidade de Rosário do Catete, uma localidade de grande relevância geográfica para essa pesquisa. A investigação permitiu uma

compreensão mais aprofundada da história e da aplicação dessa arquitetura no contexto local. Além disso, evidenciou-se a importância da representação visual, em suas diversas formas, para documentar os eventos que constroem as narrativas das comunidades. As fontes iconográficas são fundamentais para a pesquisa histórica, pois não apenas expressam as representações visuais, mas também contêm informações valiosas sobre o contexto de sua origem, enriquecendo a narrativa histórica que delas emerge.

Outro aspecto relevante para a compreensão de uma comunidade é a oralidade, que preserva a memória por meio da transmissão de contextos sociais, econômicos, políticos e culturais de geração em geração. Esses fatores constituem um legado de sabedoria coletiva, que é moldado pela interação dos indivíduos com o mundo e pelo compartilhamento do seu conhecimento. Essa observação ressalta a necessidade de dar voz às pessoas que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. Essa dinâmica fica evidente neste estudo, onde figuras como Edvaldo Marques e Paulo Sotero têm a oportunidade de se expressar e demonstrar que a arquitetura vai além da estética e do aspecto físico. Eles exemplificam como o seu saber-fazer contribui e continua contribuindo

para legitimar sua memória e identidade, mostrando que há uma profundidade muito maior por trás dessa arquitetura que é constantemente subjugada.

No entanto, esse conjunto de técnicas, por ser um corpo de conhecimento transmitido oralmente e que depende da colaboração da comunidade para a construção de um produto, enfrenta uma insistente ameaça de obsolescência. Isso gera desafios significativos tanto na execução quanto na preservação das estruturas construídas utilizando a arquitetura de terra, pois o abandono desse rico conhecimento tradicional tem consequências graves, não apenas na deterioração das construções existentes, mas também na qualidade das futuras edificações que podem surgir. Portanto, as culturas que se baseiam na tradição oral compreendem a memória como um recurso inestimável, capaz de armazenar e transmitir sabedoria ao longo das gerações, fator este que entra em contraponto ao cenário estabelecido pela sociedade que prioriza a documentação escrita, levando-nos a acreditar que apenas o que está registrado de maneira escrita é digno de relevância e reconhecimento.

Por fim, a técnica assume o papel de meio para a construção dessas memórias afetivas, uma vez que representa o caminho e o recurso que tornam possível a expressão e a materialização artísticas. Essa memória afetiva e esse saber-fazer depende da técnica para se manifestar de maneira tangível e compreensível, pois técnica oferece os instrumentos, os processos e as metodologias necessárias para conceber o produto: as casas populares. Contudo, não dita o conteúdo, o significado ou a qualidade

dessas residências, pelo contrário, mesmo que a técnica seja indispensável e valiosa, a mesma não suplanta os laços afetivos vinculados à memória construtiva, podendo concretizá-los, mas não os substituindo. Assim, demonstrando a importância da preservação da memória, da valorização da tradição oral e da compreensão da técnica como um meio para expressar e visibilizar a cultura e a identidade de uma comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo avaliar a existência e alcançar documentação da materialidade histórica das arquiteturas em terra do município de Rosário do Catete e do seu Povoado – Siririzinho –, evidenciando a existência desse tipo de técnica aliada às memórias afetivas que constroem o imaginário da população rosarense. O estudo apresentou como produto de documentação um diagnóstico prévio de identificação da situação das residências populares, além da valorização dos significados intrínsecos aos moradores com essas edificações no presente recorte geográfico. Tal situação tornou-se possível compreender as razões que levam ao abandono, arruinamento e até mesmo demolições dessas casas populares em adobe e em taipa.

Nota-se, que por mais que essas residências sejam defendidas e sinalizadas como veículos da cultura brasileira e em específico do saber-fazer dessa técnica tradicional nordestina, as mesmas continuam invisíveis para serem consideradas patrimônios por órgãos que competem a essa definição. O estudo se debruça na busca pelo afeto construtivo em relação às moradias que muitas das vezes são vistas como um símbolo imediato da representação da pobreza, situação esta que não é negada, porém a maneira que

as arquiteturas populares são vistas, seja no meio governamental ou na academia, apenas intensifica o menosprezo e sua invisibilidade e inviabilidade, evidenciando o processo coercitivo e violento de desaculturação - como já mencionado no decorrer deste trabalho -, quando, na verdade, faz-se necessário medidas que possam colocar em prática esta salvaguarda que garante a sua conservação e melhoria dessas moradias, assim como o registro deste modos populares de fazer arquitetura.

Rosário do Catete por ter sido umas das cidades-alvo dos programas de erradicações de moradias características da arquitetura popular, muitas pessoas apenas lembravam vagamente de exemplares que fizeram parte, um dia, do cotidiano da população, e muitas das vezes, carregavam em suas falas o estigma associado ao atraso para com essas moradias, pois é inerente perceber que, com o avanço tecnológico, a transmutação de materiais utilizados na construção se torna cada vez mais rápido com a presença de residências em alvenaria por quase todo território. Porém, àqueles que ainda perduram e perpetuam essas práticas milenares de construção, a visão é totalmente divergente, uma vez que para eles a casa de taipa ou de adobe significava para além do estético ou até mesmo da qualidade construtiva. Para eles, independente da materialidade ou das técnicas utilizadas, a residência quando é fruto de memórias, e carregam consigo

gerações e construção dos seus arquétipos, esta, sim, pode ser chamada, como é dito no popular: lar.

Na construção desse trabalho é possível sintetizar que todo este aparato que vai desde a preocupação, ainda prematura, com os saberes populares até à sua paulatina invisibilidade, vêm se sustentando na concepção do menosprezo e da trivialização de tudo que é fascínio e cultura popular, fazendo com que, a difusão e a integração das metodologias construtivas tenham tendências que desconsideram a pluralidade, a originalidade e a identidade das manifestações populares, que são elementos da nossa riqueza cultural e patrimonial.

É necessário que não só aos órgãos governamentais, a população e a academia sejam elucidadas sobre a notoriedade patrimonial e cultural dessas arquiteturas populares, mas também criar iniciativa de incentivar os artesãos e os moradores através da educação patrimonial sobre a importância de valorização desse saber-fazer. Além de transformar os mesmos em coparticipantes dessa grande rede de laços, com o auxílio da sua contribuição através da oralidade - como o idealizado na cartilha "Educação Patrimonial: Inventários Participativos" -, de modo que seja possível associar outros referenciais culturais ali contidos. Somente com a transmissão oral desse método construtivo por entre as gerações que será possível manter pujante a memória afetiva coletiva.

Cidades como Rosário do Catete possuem a necessidade de se produzir estes tipos de diagnósticos e inventários, como o

Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN) que possam documentar, pesquisar e acima de tudo conhecer e preservar essas técnicas, ou ações como a da Rede Terra Brasil que propuseram o desenvolvimento de cartilhas e manuais sobre a construção em pau a pique, além do papel do arquiteto e urbanista com ações de assistência técnica. Pois, assim como em outros municípios, enquanto uma localidade interiorana com uma história tão rica e vibrante que é encoberta por não ter notoriedade em relação à outras cidades como em São Cristóvão, por exemplo, o eminente apagamento e a acelerada precarização dessas residências são adversários diários.

Afinal, é necessário decolonizar os ideais enraizados no pensamento acerca dos aspectos culturais regionais, e que a valorização dessas técnicas não é estar preso ao passado. Uma vez que assim como Francis Keré que associou a ciência, a cultura regional com a ancestralidade na construção de edificações para a população em vulnerabilidade do seu país natal, também é factível abdicar de enxergar unicamente as pessoas e as casas como meros números, mas retomar o afeto às moradias, pois como já comentava Lina Bo Bardi³⁰: construir é viver.

30 VILLA, Emilio. Construir é viver. In BARDI, Lina Bo. Habitat, n. 7, São Paulo, abr-jun, 1952, p. 3

ANALYSIS



ACOSTA, A. (2016). **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante.

ANDRADE, D. F. **Reconhecimento e valorização da taipa de mão sergipana:** o caso da Ilha Mem de Sá. 2020. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2020.

ANDRADE, R. M. F. de. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste:** algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937b. n. 1, p. 9-17.

BO BARDI In: FERRAZ, M. C. Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo: Empresa das artes, 1992

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. 1ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORSOI. A.G. Cajueiro Seco. Mirante das Artes (2), p. 21-23, 1967

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 06 mar. 2023.

CABRERA, J. G.; NWAUBANI S. O. Experimental methods for the preparation of palm fruit and other natural fibres for use in reinforced cement composites. In: SOBRAL, H.S. Vegetable Plants and their Fibres as Building Materials. Brazil: RILEM Proceedings of the Second International Symposium, 1990.

CARVALHO, R.; CARRÉRA, M; SURYA, L. Arquitetura Vernacular no Sertão de Itaparica-PE: Experiência de Registro como Memória. Revista Noctua, n. 1 p. 66-78, 2016.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural:** Conceitos, políticas e instrumentos. 1ed, São Paulo: Annablume, 2009.

_____, L. B. (ed.) (2012) Mestres artífices de Minas Gerais. Brasília, DF: Iphan.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009

CHUVA, M. **Fundação a nação:** a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. TOPOI. Revista de História. n. 7, Volume 4. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003

COSSERMELLI, A. P. A casa como símbolo do self. PosFAUUSP, [S. l.], n. 7, p. 6-15, 1999. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.voi7p6-15. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/137123>. Acesso em: 20 fev. 2023.

DA CRUZ, C. R.; GHIGGI, G. **O Território, a Cultura e as Identidades:** implicações no ensino de Geografia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, Anais do Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, Pelotas, 2011. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/40250394-O-territorio-a-cultura-e-as-identidades-implicacoes-no-ensino-de-geografia.html>> Acesso em 19 de abril de 2023

GUIZZO, I. **Reativar territórios:** o corpo e o afeto na questão do projeto participativo. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: Caminhos de Floresta. Tradução de Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HUSKINSON, L.,- **Arquitetura e psique:** um estudo psicanalítico de como os edifícios impactam nossas vidas, 1976- 1. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo 2010. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/rosario-do-catete/panorama>>. Acesso: 02 jun. 2021

JUNG, C. G. The Archetypes and the Collective Unconscious. p. 183 e p. 187. Londres, 1996.

LEMOS, C.A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo, SP: Brasiliense s.a.1981

MAIA, L.R; COSTA, S. N; BISPO, V. A. **Arquitetura com terra em Sergipe**: do apogeu do açúcar até metade do século XIX. In: TerraBrasil 2022 – Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil, 8., 2022, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Terra-Brasil: UFSC, p. 176-182, 2022.

MINKE, G. Building with Earth. design and technology of a sustainable architecture. Basel, Berlin: Birkhauser – Publishers for Architecture, 2012.

MESQUITA, L.; MOTA, N. Cidades do Nordeste do Pote á Rua. Recife Cepe, 2017.

OLIVEIRA, I. F. **“Por não querer servir ao seu senhor”**: os quilombos volantes do vale do Cotinguiba (Sergipe Del Rey, século XIX). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

PISANI, M. A. J. **Taipas**: a arquitetura de terra. Revista Sinergia, São Paulo, p. 09-15, 1 jan. 2004.

PONTE, M. M.C. C. **Arquitetura de terra**: o desenho para a durabilidade das construções. Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado. (p. 61)

SANT'ANNA, M. G. de. **Arquitetura Popular**: Espaços e Saberes. In: Congresso Internacional de História da Arquitetura Luso-brasileira, 1., 2013, Vitória. Artigo... Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013. V.1.

SANTOS, A. S. **O saber fazer e a memória construtiva sergipana**: a vernacularidade em Lagarto e Itabaiana. 2020. 167 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - UFS, Laranjeiras, 2020.

SANTOS, L.V. O. **Vestígios de um saber ancestral**: arquitetura popular e memória, o caso do povoado Ponta dos Mangues, Pacatuba (SE). 2022. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.

SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe. p 267. Aracaju, 1920.

SILVA, M. L. M. C. e. Rosário do Catete / Maria Lucia Marques Cruz e Silva – Aracaju: Prefeitura Municipal de Rosário do Catete, 2000

SIMAS, L.A. **Almanaque brasilidades**: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018

VASCONCELLOS, S. de. **Arquitetura no Brasil**: sistemas construtivos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979

VILLAÇA, F. O que todo cidadão precisa saber sobre habitação. São Paulo, Editora Global, 1986.

WEIMER, G. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXOS

APÊNDICE A - BASE DE QUESTIONÁRIO PARA CONVERSAS
COM OS MORADORES – ROTEIRO DE EIXO DE CONVERSAS.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS CONVERSAS
REALIZADAS COM OS MORADORES

APÊNDICE C - FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CONSTRUÇÃO

APÊNDICE D - DADOS DOS ENTREVISTADOS

APÊNDICE A

BASE DE QUESTIONÁRIO PARA CONVERSAS COM OS MORADORES - ROTEIRO DE EIXO DE CONVERSAS

- Desde quando o(a) senhor(a) tem/mora nessa casa?
- Quando foi construída essa casa? Foi o senhor(a) que construiu ou foi outra pessoa?
- Sobre a forma de construir, o que o(a) senhor(a) tem a falar? Como é feita? Por onde começa?
- O(a) senhor(a) gostaria/teria uma casa com outro material?
- Como o(a) senhor(a) descreve sua casa? O que acha que tem de mais importante nela?
- Você acha que teria problemas para vender sua casa, se fosse esse seu desejo?
- E para comprar? Compraria alguma casa da mesma forma que foi construída a sua?
- Como o(a) senhor(a) faz a manutenção da casa? Como é feito esse cuidado?
- O(a) senhor(a) acha que é importante manter as casas de pé?
- O(a) senhor(a) já construiu outra casa? Qual foi o jeito que a construiu? Ainda possui a antiga casa que morava?
- O que essa casa significa/representa para o(a) senhor(a)?

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DAS CONVERSAS REALIZADAS COM OS MORADORES

Conversação com o morador **Edvaldo Marques dos Santos**

Duração da conversa: 28 minutos

Data de realização: 18 de julho de 2023

Victória: Desde quando o senhor mora aqui? O senhor tem uma data específica, ou pode dizer se é de muito tempo atrás.

Edvaldo Marques: Em 1973, foi em 1973 quando eu construí esse cafofo.

V: Então foi o senhor mesmo que construiu ela?

E.M: É claro. Eu fui o construtor. Aqui é tijolo cru, sabe? Tijolo cru. Bloco de adobe sabe. Olha essa parede aqui do lado, tá vendo? Ela é toda, todinha em adobe. Com os tijolos cru que eu mesmo fiz. E deixei assim que é pra mostrar. É para mostrar.

V: O senhor teve ajuda de alguém pra construir a casa? Ou foi só o senhor mesmo?

E.M: Não. Eu mesmo fiz tudo. Fiz minha "arapuca" e construí minha "arapuca". Eu mesmo não gosto de luxo. O cabra tem um trabalho desse que nem o meu. Uma casa, né?! Aí chega fulano, está adoecendo, leva para o hospital, chega que fulano morreu. Agora eu pergunto, fulano vai ficar aí? Alguém vai procurar outro lugar diferente para ele! Aquilo que ele fez não importou mais. É por isso que eu não gosto de luxo, não me molhando, não estando no sol, pra mim tá tudo bom. Eu assim que eu sou, desde o tempo da minha mocidade.

V: O senhor tinha falado antes sobre os blocos cru, né, de adobe, o senhor consegue me explicar o processo dele? Como é que o senhor foi colocando?

E.M: O processo dele é fazer assim [gestos com a mão], a gente faz, tira a bitola que tem, faz uma gradezinha, aí 'cê vai fazer o barro, como vai tapar uma parede, faz o barro, aí

tchau, aí chega ali. Puxou. No caso a gradezinha é uma forma, né? É, é uma forminha, aí ele fica. Aí vai fazendo, fazendo até a quantidade que quiser, a centena que quiser.

V: Aí esse processo de fazer o bloco, foi o senhor mesmo que, por exemplo, já sabia ou alguém, por exemplo, um pai, um avô, explicou ao senhor?

E.M: Eu só vi alguém dos tempos antigos fazendo e fui começando a fazer também.

V: Entendi... É mais um caso do senhor ter guardado na memória, né?

E.M: Pois é... E o que eu aprendi, moça? Eu não tive professora pra nada, nem sequer pra assinar o nome. A minha professora é aquela ali [gestos com a mão, apontando para a rua] ó. A estrada. Que é onde a gente aprende tudo que é bom e tudo que é ruim, é assim que é. É na estrada. Por exemplo, imagina eu estar aqui dialogando, aqui não tem sala de aula nenhuma, né? Pois é. O que você disser de bom, já tá aqui. Foi assim que eu aprendi. É, desse jeito.

V: Então, involuntariamente, esse conhecimento é passado, né? Pelas pessoas fazendo com constância, e aí outras vão seguindo?

E.M: Sim, por que eu mesmo, eu mesmo, não tive aquilo né? De sentar e estudar pra aprender. Eu fui aprendendo fazendo mesmo. Vendo quem fazia e repetindo por mim mesmo.

V: Como o senhor falou que, por exemplo, não gosta dessas coisas de luxo etc. [interrupção]

E.M: É... Luxo. Nunca gostei.

V: Por exemplo, se o senhor, tivesse em algum outro momento, o senhor usaria outro material pra construir a sua casa? Além do adobe, taipa, ou, por exemplo, um bloco de cerâmica mesmo?

E.M: É bom, né? Seja bem-vindo. E eu não peço nada, mas se quiser. Você quer, rapaz? Eu digo que quero, rapaz. Ripão, ripa... o tanto que puder me dar. Eu não tenho esse negócio, não. Quer dizer, eu quero isso e ou eu não quero. Pra que luxo? Eu faria da mesma forma que eu fiz, com o que estivesse perto de mim e eu pudesse ir lá [gesto] e tchau, ter minhas parede e telhado.

V: O senhor, por exemplo, acha que casas, que possuem o mesmo material

da sua, é importante manter de pé pra contar algum tipo de história, por exemplo, do processo de construção ou das pessoas que vivem nela?

E.M: Rapaz... do jeito que tá essa aqui, não é vantagem, não. Estou morando aqui porque sou curioso, mas... Ela não aguenta tempo, precisa de tá cuidando né, se não já viu. Olha ali ó [aponta para a parede] a massa de barro ali já saiu quase toda, a não ser que ela tenha o trabalho com um monte de cimento pra manter. E por falar em cimento. Não tem cimento aqui, não. Os blocos... Tudo.

V: É toda no barro?

E.M: Sim, sim. Toda no barro. Falando em cimento, até eu vou comprar um saco de cimento pra fazer esse piso aqui [aponta pro chão]. Quebrar isso e fazer outro melhor. Pra tirar os buracos. Isso aqui é tudo feito só no barro mesmo. Eu peguei e fiz, mas isso aí tudo foi um monte de areia que eu ajuntei aí, né? Aí, com continuação do tempo, ela vai se transformando em barro. Mas isso aí tudo era areia. Fiz o aterrador, aí na frente, eu botei areia. E com areia e o celão, que é o barro.

V: Entendi... O celão é o que?

E.M: Chamamos de barro, chamamos de celão. Foi bom. Aí eu cortei disso aqui [gesto mostrando o tamanho da peça do bloco cru "adobe"]. A diferença que tem só foi a "calhação" que eu passei nessa pintura.

V: O senhor sabe me explicar se antes, no tempo, por exemplo, em 1970, que o senhor falou, as casas [interrupção]...

E.M: Em 1973, quando eu comecei essa casa aqui...

V: As casas também eram que nem a do senhor? Ou a maioria era um tipo de bloco de cimento?

E.M: Era tudo de taipa.

V: De taipa?

E.M: Fazia de madeira, as varas né. Aí "enficava" no chão. Dava pra envarar toda e fazia o barro. A maioria das casas, toda aqui, era tudo de taipa. Depois, com a continuação do tempo, as pessoas foram danificando elas outras derrubando elas...E aí alguns iam construindo no bloco de cerâmica.

V: Entendi.

E.M: Mas era taipa. Aqui mesmo na frente, tudo, tudinho na taipa. Aí né elas foram sumindo com o tempo.

V: E o que essa casa significa para o senhor? Seja algo marcante ou não.

E.M: Ela significa felicidade. É isso que essa casa significa para mim. Eu criei meus filhos aqui, perdi a mulher aqui e aqui eu estou. Graças a Deus. Bem, do que eu sofro é desse acidente que tive nesse membro aqui, porque isso depende da vida, tudo faz parte da vida. Mas, graças a Deus, eu sou feliz aqui. Como em qualquer lugar. Em qualquer lugar que eu chegar, eu sou feliz. Eu trabalho com a felicidade e gosto da verdade. Eu trato bem todo mundo. E a pessoa que trata bem todo mundo, ela é feliz.

V: Em relação à madeira da casa, por exemplo o telhado, as portas, etc. Percebo que elas estão bastante desgastadas, né?

E.M: Pois é, aqui tem que cuidar o tempo todo, senão desaba, minha filha. Se cair pelo menos já não me deu trabalho de derrubar pra trocar [risada]. Esse chão aqui no barro... Eu não ajeito não é nem por não querer, é porque eu gosto de tá perto da natureza [risadas] Ai, ai, meu Deus. Aqui é viver em cima do poder da natureza.

V: Aí, por exemplo, as madeiras, o senhor pega assim, normalmente [interrupção].

E.M: As madeiras foram tiradas do mato mesmo aí.

V: Ah, entendi... Já é uma prática feita por muito tempo, né?

E.M: Sim. É comum. Olha por aqui. Isso aqui tudo é casa. Esses quartos. Tudo é casa. Tem gente que diz que não. Mas é casa. Minha casa. As portas, janelas, telha. Foi tudo eu que fiz. Eu posso até fazer um check-up dela. Agora ser derrubada? Chegou aqui uma coleção

de gente dizendo que era pra derrubar. Derrubar o que, moça? Eu vou pra onde? Só a ferramenta, o material que tem aí, eu vou botar aonde? Quem puder me ajudar, me ajuda como puder. Agora, derrubar a minha "arapuca"...

Conversação com o morador **Paulo Sotero**

Duração da conversa: 45 minutos

Data de Realização: 24 de julho de 2023

Victória: Na época que o senhor morava, por exemplo, lá na Fazenda Caldas, como é que eram as casas naquela região? Se tinha muitas casas e qual eram o tipo delas? O senhor ainda se lembra de algo?

Paulo Sotero: Eram as casas de fazenda. Antigamente, as casas de fazenda eram dependentes de pessoas e essas pessoas moravam na fazenda. Aí tinha até 10 casas de moradores por causa de dependência da fazenda. Dependem de pessoas. Então, quase todas as fazendas tinham, outras fazendas que tinham mais casas. Outra tinha, lá nas caldas mesmo, onde eu morava, era uma média de umas 10 casas de morador ou mais. E esse morador tinha famílias, as famílias antigamente eram seis, sete, oito filhos. As fazendas antigamente eram assim. A que eu morava era uma fazenda que produzia cana, de produção de cana. E a cana aí, naquele tempo, dependia de muita mão de obra, braçal. E aí tinha que ter moradores para essa dependência. E então eu morei nessa fazenda. Morei assim, envolvido também. Não tanto na colheita da cana, não no plantio da cana, porque eu fui um menino que nasci e o meu pai era feitor e aí tinha sempre um serviçozinho pra mim diferente da cana, tá compreendendo? Aí eu fiquei, me criei perto da casa do patrão. Logo cedo, logo menino de seis, sete, o último ano, eu comecei a tanger galinha no jardim, varrer o jardim, entendeu? Varrer o jardim, capinar, capinar no jardim. E então o meu serviço, em vez de ser chamando boi e plantando cana, que era o serviço dos outros meninos, eu fiquei perto da casa do patrão. E aí eu fiquei uma pessoa ligada, assim, criado, como aquele que cria da casa, cria da casa, compreendeu?

V:Entendi.

P.S: Cria da casa. E aí nessa cria da casa, o último ano, dez anos, quando eu tinha doze anos, aí tinha fábrica de manteiga na fazenda, gado também, e aí tinha uma fábrica de manteiga e ela fazia requeijão. Aí eu fui logo vender o requeijão, com doze, treze anos, e vender requeijão pôr o futebol, pôr as feiras, vendendo requeijão com as "textas" de requeijão, vendendo esse requeijão. Quando eu me tornei maiorzinho, aí eu já fiquei chateado de vender esse requeijão. Aí, é como se tivesse me rebeliado. E aí me deram um meio castigozinho, que

aí já me tirou desse serviço e botou pra roçar, ao redor da casa, roçando, não entendi mais como era. Mas logo, logo, quer dizer, isso é a decorrer dos tempos, né? Aí foi oferecido ao patrão um curso de tratorista, um curso. E aí liberaram para o meu patrão três vagas, três vagas pra ele, ele se tivesse algum rapazinho daqueles que lhe interessasse, ele lançasse. Aí ele me lançou a mim, logo de primeira, que era o primeiro da redondeza, e pegou outros dois mais e encaixou a gente nesse curso de tratorista. O curso de tratorista naquele tempo era um salto na vida da pessoa. Eu sei que eu fui fazer esse curso de tratorista, no aprendizado, era a escola agrícola, mas era considerado aprendizado naquele tempo.

V: O senhor mais ou menos lembra em questão de ano, em que ano isso ocorreu?

P.S:Ano?

V: Sim, tipo uma data estimada de que o senhor possa recordar.

P.S:1955.

V:Entendi.

P.S: 1954, 55, 56, nesses anos eu estava já em evolução de vida, saindo um pouco do princípio e já me evoluindo um pouquinho de vida. Aí fui fazer esse curso, não me lembro assim, mas era nessa faixa. De 54 a 55, aí eu fui tirar, fazer esse curso de tratorista. Então, nesse curso de tratorista, por incrível razão, na minha cabeça, eu como era mais traquejado, só eu passei no curso. Só eu passei no curso. Os outros levaram o pau e não passaram. Foi. E aí quando eu vim desse curso, aí o patrão já me botou, eu, a aprender a dirigir carro. Dirigir carro naquele tempo era uma coisa linda, entendeu? Do menino de uma fazenda. Passar a dirigir carro era um salto, entendeu? Então, ele já me botou para eu aprender a dirigir carro, para que ele estava vendo que eu já tinha princípio, tinha princípio de tratorista.

V: Tinha vocação para ser?

P.S: Já tinha um princípio de vocação para ser. Então, me botou eu para aprender a motorista. Quando eu já estava prático, ele mandou tirar a minha carteira de motorista, que tinha um programa, um programa da precisão dele. Ele era senador nessa época. E aí ia precisar de um motorista lá no Rio de Janeiro. E aí mandou tirar a minha carteira de motorista. Entendeu? E aí eu tirei essa carteira. Quando eu tirei a carteira, que estava quase tudo certo,

de eu viajar para o Rio para ser motorista dele, no Rio de Janeiro, motorista particular, aí ele morreu. Ele adoeceu e morreu. Adoeceu e morreu.

V: Foi meio que aquela questão morreu prematura, digamos assim.

P.S: Foi, foi. Quer dizer, eu já estava credenciado, já era motorista, já estava credenciado. E aí cortou o lance. E aí, a viúva aí veio, quer dizer, cortou a vida...

V: Da fazenda.

P.S: Dela, da fazenda, na verdade. Ela teve que vir para tomar conta da fazenda. Ela era mulher de senador na época. Quando ele morreu, ela teve que vir para a fazenda. E na fazenda, ela aí foi tocar o barco, aquele barco que ele é quem tocava, né? Ela aí foi tocar o barco.

V: O senhor lembra o nome do senador?

P.S: Augusto Maynard.

V: Eita!

P.S: Augusto Maynard o nome dele.

V: Rapaz!

P.S: Senador Augusto Maynard Gomes.

V: Quando o senhor era mais novinho, que o senhor falou que o senhor cresceu na fazenda, né? E via as casas... Assim, por demanda, as casas iam se construindo? O senhor lembra do processo das pessoas que iam construindo? Ou as casas já existiam lá e aí iam pegando as pessoas que trabalhavam e elas iam se alocando nas casas?

P.S: As casas eram... Era casa, vamos dizer, não era uma casa como a de hoje. As casas tudo eram de taipa. Agora, como eles faziam reboco nessa casa de taipa...

V: Pra deixar que durasse mais tempo, né?

P.S: Mas tudo era coisado, sabe? Entravam a casa, não tinha piso...

V: Era tudo no barro?

P.S: Era aterrada, sabe? Aterrada. Tinha aqueles macepos que aterravam a casa e ali mesmo ia ficando, sabe? As casas eram feitas de taipa. Taipa é pau, cipó, vara, e aí vira a taipa. Agora, depois de taipa, dava um reboco, sabe? Em algumas partes. Em outras partes, pelo interior da casa, era reboco mesmo. Em outras, não tinha reboco, não. Era o barro puro mesmo. Agora, na sala que fazia, as vezes dava uma tapadazinha. Entendeu? Uma ajeitadazinha. Mas a casa era toda dessa maneira. Casa de taipa.

V: E o senhor? O senhor, por exemplo... O senhor chegou a construir alguma casa nessa época que morava na fazenda?

P.S: Ah, isso meio que ficava num meio termo. Eu vim trabalhar na casa, em casa. Eu vim trabalhar em casa. Quer dizer, eu mesmo era... Eu mesmo nasci a administrar. Fazer a casa dar certo? Já foi uma época mais evoluída. Compreendeu já como é?

V: Sim.

P.S: Então, eu mesmo, na época da fazenda, nas casas da fazenda, eu não tive muito...

V: Contato?

P.S: Contato do feitio da casa. Compreendeu já como é?

V: Compreendi.

P.S: Nas casas antigas. Quer dizer, eu já peguei essas casas antigas. Já nasci nessas casas antigas. Então, quando eu vim administrar, porque eu nunca trabalhei de pedreiro mesmo, mas sabia orientar o pedreiro.

V: As coisas que tinham que ser feitas?

P.S: Eu sabia orientar o pedreiro, sabia orientar a carpina. Carpina e pedreiro. Hoje não. Hoje o pedreiro faz o seguinte. E o carpina e encanador faz aquilo outro...

V:Qual é a diferença de carpina para pedreiro?

P.S: Carpina que trabalha só com madeira. Carpina só faz o telhado, só coloca as portas. Compreendeu? Nesse tempo, o pedreiro fazia. Quer dizer, no começo. Se bem que as grandes indústrias continuam fazendo isso, sabe? Casas civil tem diversas funções diferentes. Quer dizer, cada um faz a sua.

P.S: Aí faz tudo, sabe? Faz o serviço de pedra, faz o serviço de... Chega na parte de telhado, ele mesmo cobre. O serviço de encanamento, encanador, ele mesmo faz o serviço de encanador, de cano. Serviço de eletrícista, faz. Serviço de eletrícista. O pedreiro comum, comum quer dizer, das casas comuns que não tem... Não entendi mais como é. O pedreiro faz tudo. Tem pedreiro que faz tudo.

V: O senhor falou para mim que o senhor sabe administrar as pessoas na hora da construção, não é?

P.S: É, não tanto, mas sei.

V: Mas esse conhecimento que o senhor tinha, o senhor foi, assim, de observar as pessoas fazendo ou alguém ensinou para o senhor?

P.S: Eu, para falar a verdade, eu fui uma pessoa esforçada. E nesse esforçado que eu sou, tem o esforço e tem um pouco uma inteligência, né? Inteligência de, de me esforçar para [interrupção]

V:Aprender mais?

P.S: Para reconhecer, quer dizer, para administrar, compreendeu?

V:Aham.

P.S: Eu, durante esse tempo de vida, eu passei um pouco vendo construções, até

do patrão mesmo, e daí eu fui aprendendo um pouco, quer dizer, aprendi entendendo.

V:De observar, vendo a casa?

P.S: De observar, passei também a dar, a dar aula, entendeu? Eu tenho um pouco de conhecimento, puro mesmo, de me interessar, entendeu? Na fazenda mesmo eu era motorista, como eu comecei dizendo, depois passei a ser motorista mesmo, quando a dona Helena passou a comprar caminhão, essa coisa, eu me interessei de ser motorista, porque foi aquilo que eu... Mas tudo eu administrava na fazenda. Tudo eu administrava, tudo eu entendi. Aquela aí é um entendimento, assim, sem ter ido para aprender nada, nada. O que eu aprendi mesmo foi ser motorista, entendeu? Eu aprendi, quer dizer, fui aprender e estudar. E o resto que eu até hoje faço, alguma coisa que eu faço, foi por eu que fui observando fazer.

V: É como se o senhor tivesse uma memória assim, guardada, né?

P.S: Exatamente.

V: Tipo, das emoções, das coisas que via.

P.S: Por aquilo que eu via, e aí a minha inteligência ia se abrindo, e eu ia passando a entender como devia ser, entendeu? Nunca fui, e nunca estive em oficina. Eu sei soldar, sabia soldar. Nunca estive em oficina para aprender soldar, não. É que houve os tratores, e aí havia a necessidade de soldar uma peça nas oficinas. Aí eu vi alguma vez, soldando, e logo, logo, mandei comprar uma máquina de solda, e eu mesmo fui emendando, e aí foi dando tudo certo, compreendeu? E aí quebrava uma máquina. Eu aí, antes de mais chamar o mecânico, eu ia mexer para ver se eu dava jeito naquela máquina. Terminava dando jeito na máquina, entendeu? Foi assim, entendeu? As coisas que quase me levou a ser uma pessoa sabida, mas não foi aprendido.

V: Numa escola, por exemplo

P.S: Sim! Por exemplo [gesto de instrumento musical] tem um tocador, um tocador de sanfona, de clarinete, tudo isso, que ele aprende a tocar sem saber...

V: Ler partitura, ler as notas?

P.S: É. As notas, ele toca no som, sabe? Ele não aprende, ele aprende assim, sabe? Já tem outros, não, que aprendem pelas letras, não é verdade? Mas tem muitos tocadores que tocam no som, entendeu? Na solação, ele aprende. E aí, quando é fé, está tocando igual o que aprendeu, não é verdade? Então, minha vida foi assim, como você sabe.

V: O senhor já estava com minha vó. Aí teve seus filhos. Vocês moravam ainda nas Caldas, não era?

P.S: Moravam ainda nas Caldas, porque, como eu falei a você, eu era administrador e não podia sair da fazenda, compreendeu?

V: Aí a casa de vocês era dentro da fazenda ou era fora?

P.S: Era dentro da fazenda. Agora, era um pouco separada do grupo de casa dos moradores. Compreendeu? Era uma casa bem-feitinha.

V: Aí, essa casa, quem construiu foi o senhor?

P.S: A fazenda.

V: A fazenda que construiu?

P.S: Tudo da fazenda era fazenda que construía. Eu administrava, né? Aí, como eu disse, eu tomava o pedreiro...

V: Aí, o material dela? Continuava sendo taipa ou era de outro material?

P.S: Depois mesmo, quando já foi... Quando foi a nova etapa dos donos e do tempo, aí já começou a ser casa feita de tijolo de adobe.

V: Aqueles tijolinhos menorzinhos?

P.S: É, foi mais ou menos isso.

V: Que é os tijolinhos de barro?

P.S: Sim, as de taipa foram feitas. Antes, quase como eu dizia, antes de eu nascer, eu já morei nessas casas de taipa. Convivi nessas casas. Nas casas velhas, antigas. A partir desse tempo para cá, o que eu estou dizendo, de 55 para cá, as coisas mudaram. E aí, as construções foram...

V: Foram modificando. Foi da taipa, aí ia para aquele tijolinho.

P.S: De um modo geral. Aqui mesmo, em Rosário, tinha uma rua, a Rua da Palha. Mas essa Rua da Palha, que era a Rua da Palha, hoje não tem mais casa de palha. Então, o tempo custou em todo canto, até nas fazendas mesmo. Como dizer, era um lugar que tinha que ter casas rústicas, não é verdade? Porque era casa para moradores, então era casa rústica. Aí, até nas fazendas mesmo, foi consertando aquelas casas, e ia melhorando com o tijolo de adobe. Pois é, quer dizer, tem um pouco de tradição ainda em algumas fazendas. Hoje as fazendas não têm mais casa. Não tem mais. Só tem casa só de um vaqueiro, e pronto, sabe?

V: Agora, uma coisa. Assim, é lógico que as casas de antigamente elas não tinham a mesma duração que tem as de hoje em dia. A casa que o senhor morava antes. Ela passava por momentos assim do senhor ter que fazer algumas reformas assim para tentar cuidar dela? Para tentar manter ela ainda de pé? Essas coisas assim.

P.S: Essa casa, como eu tô dizendo a você, em virtude de ser uma casa do morador mais especial que era eu, compreendeu? Era uma casa feita de tijolinho de adobe mesmo. E tinha reforma. Fazer banheiro. Que logo no princípio não tinha banheiro lá em casa. Aí veio a água da DESO que passou por lá e aí a gente teve água em abundância. A água da DESO era da fazenda e aí a fazenda comprou e botou a água.

V: Pra fazer o encanamento lá.

P.S: Então, ficou encanada a água do DESO lá pra fazenda. E aí eu tinha água abundante pra fazer banheiro. Por causa dessa água do DESO também. Aí colocou a eletricidade. Aí teve um ramal que foi lá pra fazenda também. Na casa do patrão e na minha casa. Entendeu? Agora as outras casas não. Mas na casa do patrão e minha casa ficou eletrizada. Compreendeu?

V: Aham. O senhor acha que naquela época aquelas casas que eram de tijolinho, vermelhinho teria problema pra ser vendida, por exemplo, pela construção dela?

P.S: Não. Já foi uma construção essa história de mudar de tijolinho para bloco, não foi que a casa melhorou, foi que facilitou mais a construção. O bloco é grande e o tijolinho, era menor digamos assim. Entendeu como é?

V: E se o senhor tivesse uma casa de tijolinho, ainda que nem a de antigamente, o senhor teria dificuldade pra vender?

P.S: Ela hoje? Não, não tinha não. Por quê? Quer dizer, é como eu estou dizendo, o tijolinho podia ser rebocado, agora sim, porque tinha muitas casas que era tudo rebocadazinha, mas era por baixo ela era de taipa mas o tijolinho não tinha muita diferença não.

V: Então, o método construtivo ou o material construtivo não fazia diferença? A que teria é a mão de obra ter sido diferente?

P.S: Sim, porque, vamos dizer, veio o tijolinho e ele também era rebocado. O bloco foi protegido com cimento armado produzido, quer dizer, as estacas que eram feitas de tijolinho, tudo de tijolinho saia bem feito, mas aí veio a nova...[interrupção]

V: O cimento, o concreto...

P.S: Aí veio o cimento, o ferro, que aí pode botar um material mais até menos do que o tijolinho porque o tijolinho, quando ele concretiza ele é forte, entendeu? A construção se fosse depender, se não depender do cimento, o tijolinho era mais forte, compreendeu?

V: Compreendi. Na época que o senhor morava na casa de tijolinho ou até mesmo na casa de taipa, quando o senhor era mais novo, o senhor acha que manter aquelas casas, manter a forma que elas eram construídas é importante para contar alguma história? É importante para contar como elas foram feitas?

P.S: Para mim, contar a história é até satisfatório, é elogiável. A gente contar a história do antigo quer dizer que era uma vivência daquele tempo, compreendeu? A mudança foi muito boa né? Mas como dizia, o tempo era atrasado aí se vivia daquela maneira e nem se percebia entendeu como é? Agora, se o tempo de hoje não tem o que se contar, é normal afirmar que

a melhoria é total hoje em dia, as casas de hoje são feitas para os pobres como se fossem as do rico de antigamente, compreendeu?

V: Compreendi.

P.S: As casas dos pobres de hoje são feitas como as do rico de antigamente quer dizer, então era uma diferença muito grande mas era o tempo o tempo vivia daquele jeito e é como se nem se notasse a defasagem da vida daquele tempo, mas como era uma vida acostumada, tudo se vivia, entendeu? Mas a mudança de vida foi muito grande. A verdade é que de acordo com a sabedoria com a evolução que teve pare que de jeito nenhum hoje em dia, ninguém mais pode começar a fazer mais uma casa daquele jeito.

V: Por quê?

P.S: É como se não prestasse de jeito nenhum, mas que prestava. É como se essas palafitas que ficam debaixo da ponte não ficam morando debaixo de uma ponte e não chegam nas praias. Então era como as casas daquele tempo faziam de palha o telhado de palha e vivia, só que agora no tempo de hoje não dá para se viver mais daquele jeito se vive por uma necessidade e pode até se viver hoje por uma necessidade grande, mas a necessidade de hoje quase não chega nem à necessidade de morar daquele jeito definitivo se mora hoje em dia debaixo dessa casa é uma necessidade de ir pouco por dia mudando.

V: O senhor acha importante por exemplo a gente ter datado ou ter registro dessas casas para contar como naquela época eram processos construtivos?

P.S: É bom, né? É verdade que se descobriu que vivia daquele jeito era uma questão de regime do tempo, mas aí a evolução veio e as coisas foram forçando a pessoa ter uma cabeça e uma saída... uma saída, porque às vezes uma coisa piora de um jeito para uma melhoria de outro jeito porque logo quando as fazendas deixou de ter morador foi porque o morador passou a ter direitos sociais, não tinha direitos sociais naquela época que a gente morava nas fazendas não tinha direitos sociais. Aí o que aconteceu foi os governos impondo direitos sociais para todos e aí foi as fazendas não tendo condições de pagar aquelas exigências que o governo começou a impondo, entendeu? E aí o povo ficou e foi saindo das fazendas as fazendas desinteressou de ter gente na fazenda porque ficou mais difícil para os fazendeiros ter aquelas pessoas dependentes, mesmo da pior maneira do que podia saber? Ele não ficou tendo condição, porque as coisas foram abrindo as portas para

aquele povo. Os governos e tal e aí ficou obrigando os patrões, os donos das fazendas não ter nem condição de ter aquele povo daquela gente, daquela moradia...Era ficar mais caro, muito mais caro, sabe? Ficar muito mais caro e aí as coisas foram apiorando das fazendas não ter casa para esse povo morar, mas foi tendo umas condições nas firmas. E aí foi que o povo foi se espalhando, foram saindo e foram sobrevivendo e estão vivendo por aí a fora espalhado e hoje quase não tem casa, não tem fazendeiro com morador nas casas.

V: Recordando dessa época que o senhor morava na fazenda desde a casa de taipa até a casa que o senhor ficou como administrador. Qual era o sentimento que o senhor tinha? O senhor tinha alguma memória marcante? Alguma palavra que consegue definir o sentimento que o senhor tinha quando morava naquele lugar?

P.S: As coisas não são de um dia para a noite e essas coisas em virtude de não ser um dia para a noite a gente vai se adaptando...[interrupção].

V: Com o novo?

P.S: Isso. A vida da gente, a gente não sente nem o salto que a gente está dando, entendeu como é? A gente é de um dia para a noite, então aquelas coisas vão gradativamente mudando e mudando, mudando que a gente vai se adaptando e não fica nem agradecendo toda hora, a diferença de vida, mas a diferença já era grande mesmo eu lá na fazenda a minha casa, para os outros moradores já tinha diferença quer dizer, a minha casa tinha luz, tinha água e as do morador não tinha. Então já era uma diferença. Então é isso que eu estou dizendo foi gradativamente que as coisas foram mudando, porque logo quando eu morei na fazenda, não morava em nenhuma casa diferente, meus pais em virtude de eu ir crescendo, meus pais foram envelhecendo nesse negócio de eu crescendo eles terminaram morrendo, e aí eu já estava melhorando a vida, gradativamente que a gente nem percebe o quanto vai melhorando.

V: E aí aquela casa que o senhor morava o que ela significava para o senhor?

P.S: Ela já significava muito.

V:Entendi.

P.S: Eu me achava que estava morando na fazenda, não queria nem morar na cidade porque a minha casa na fazenda tinha água, tinha luz. É como se eu tivesse tudo. Tinha galinha, criava muita galinha, tinha a vida de fazenda. Uma vida linda. Então tudo ali ainda era

bondade, agora depois que eu saí de lá foi que eu vi algumas diferenças da cidade para o interior, mas que morar no interior da maneira que eu morava era uma beleza.

V:Entendi.

P.S: Quer dizer como diz, a diferença de tudo, ter a televisão lá e ter isso era uma beleza, uma beleza mesmo. Hoje é que eu não quero morar mais e não tenho mais dignidade de morar na fazenda sozinho, no meio da fazenda, quer dizer, não dá mais. E o tempo hoje mudou muito mais...Já tem mais de vinte anos, vinte e tantos anos que eu saí da fazenda. Já é uma quantidade boa, não é verdade? Então você tem duas vidas, você morou cinquenta anos lá, você tem duas vidas, entendeu?

V: Mesmo com material diferente, as casas tinham a mesma função, não é mesmo, por exemplo, a de Seu Urso que é de Taipa?

P.S: A casa de taipa mesmo, a casa de taipa, primeiro vai para o mato, o mato bruto e tiram aqueles paus, não é nem pau preparado, é um pau torto e metem aquele pau no chão, depois botam o outro no outro canto, entendeu como é? E aí botam tudo aquelas varinhas amarradas no cipó, as varinhas naqueles paus. É tudo. Mas o melhoramento vai acontecendo, aí depois, não [entonação]... não bota com esse pau não, bota um pau mais adequado, não é verdade? Quer dizer, já faz uma coisa melhor, mas é isso, veio do mais simples possível.

V: O senhor falou para mim que as vezes tinha a taipa ela era exposta, mas tem lugares que botava o reboco digamos assim, tem casas aqui desse jeito até hoje, tipo a da rua de cima próximo à igreja, né?

P.S: Você consegue ver uma parte descoberta, né? Você veja, uma coisa assim, está com 100 anos... Essa casa lá de taipa que eu acho que é uma parede grande, uma parede que não é, não é a nova quer dizer, uma parede de mais de 100 anos de taipa, da maior simplicidade, o material mais simples do mundo. Aí você veja, está lá, vamos dizer que não é para derrubar a casa, vamos dizer assim. Está lá para você ver que não é só essa casa feita de bloco, de cimento com todo arrolamento, que pode ficar de pé, que essa casa mesmo não tem arrolamento e comparando com outras casas, sabe? Aí chega - não é de merecer no seu serviço não -, mas quem faz uma casa com arquiteto é gente, vamos dizer que não sabe fazer e aí acha que as casas têm que ser feitas com arquiteto, mas você sabe que antigamente não tinha arquiteto, né? Não tinha nada fazer um compartimento, fazer outro

APÊNDICE C

sem jeito sem organização nenhuma porque o arquiteto é quem organiza, não é verdade?

V: Foi o senhor que idealizou a casa que o senhor tinha naquela época?

P.S: Eu nunca tive um arquiteto na minha vida, esse dinheiro pra essas coisas. É como eu disse a você, eu nunca tive muito dinheiro. Meu dinheirinho é pouco então tudo o que fosse possível, vamos dizer, eu é quem desenhava porque se eu chamasse uma pessoa ia pagar pra desenhar, não é verdade? Então todas essas coisas que ia crescer o curso eu mesmo fazia pra tentar diminuir pra dar pra meus orçamentos, pra encaixar nos meus orçamentos, pra encaixar e pra diminuir o esforço de procurar de depender disso, aquilo outro. Sempre na minha cabeça foi assim as coisas mais fácil, mais fácil quer dizer do meu jeito.

V: Entendi. Em relação as casas que são derrubadas, qual o pensamento que o senhor tem sobre essa situação?

P.S: O sentimento que eu tenho é de tristeza, naquela época e até mesmo hoje, né? A gente que é pobre não tinha muito dinheiro e a casa que a gente tinha já era bom demais. Mesmo muito simples e sem muita riqueza como é as de hoje. Quando eu vejo uma casa sendo derrubada seja qual for o tipo dela, eu fico triste, porque ali não vai mais ter tudo que se passou pra ela ter ficado de pé. Se quer "embonitar", passa um reboco e pronto (risada) mas não derrube não que meu coração dói (risadas).

FICHA DE CATALOGAÇÃO DA CONSTRUÇÃO

Catalogação da Construção		
Local	Cômodos	
Material Construtiva ...		Técnica
Esquadrias		
Tipo de Cobertura	Tipo do Piso	
Artesão	Anotações	

Fonte: Victória Domingos, 2023.

APÊNDICE D

DADOS DOS ENTREVISTADOS

DADOS DA PESQUISA			
NOME DA PESQUISA	MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA (RE)CONHECER A ARQUITETURA POPULAR EM ROSÁRIO DO CATETE/SE		
DATA DA ENTREVISTA	24/07/23	DURAÇÃO	45 minutos e 08 segundos
ENTREVISTADORA	VICTÓRIA DOMINGOS	LOCAL	ROSÁRIO DO CATETE
DADOS DO ENTREVISTADO			
NOME DO ENTREVISTADO	Paulo Sotero	PROFISSÃO	Aposentado
CIDADE	Rosário do Catete	(x) RESIDENTE	(x) ARTESÃO/ CONSTRUTOR
ENDEREÇO	Rua Cecílio Filizola	IDADE	83
POVOADO	-	OBS:	Morou algum tempo em fazenda com casas que eram feitas de taipa e adobe

Fonte: Victória Domingos, 2023.

DADOS DA PESQUISA			
NOME DA PESQUISA	MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA (RE)CONHECER A ARQUITETURA POPULAR EM ROSÁRIO DO CATETE/SE		
DATA DA ENTREVISTA	18/07/2023	DURAÇÃO	28 minutos e 34 segundos
ENTREVISTADORA	VICTÓRIA DOMINGOS	LOCAL	ROSÁRIO DO CATETE
DADOS DO ENTREVISTADO			
NOME DO ENTREVISTADO	Edvaldo Marques do Santos	PROFISSÃO	Aposentado
CIDADE	Rosário do Catete	(x) RESIDENTE	(x) ARTESÃO/ CONSTRUTOR
ENDEREÇO	Rua sem nome	IDADE	81
POVOADO	SIRIRIZINHO	OBS:	Mora com a neta e o filho

Fonte: Victória Domingos, 2023.

ANEXOS

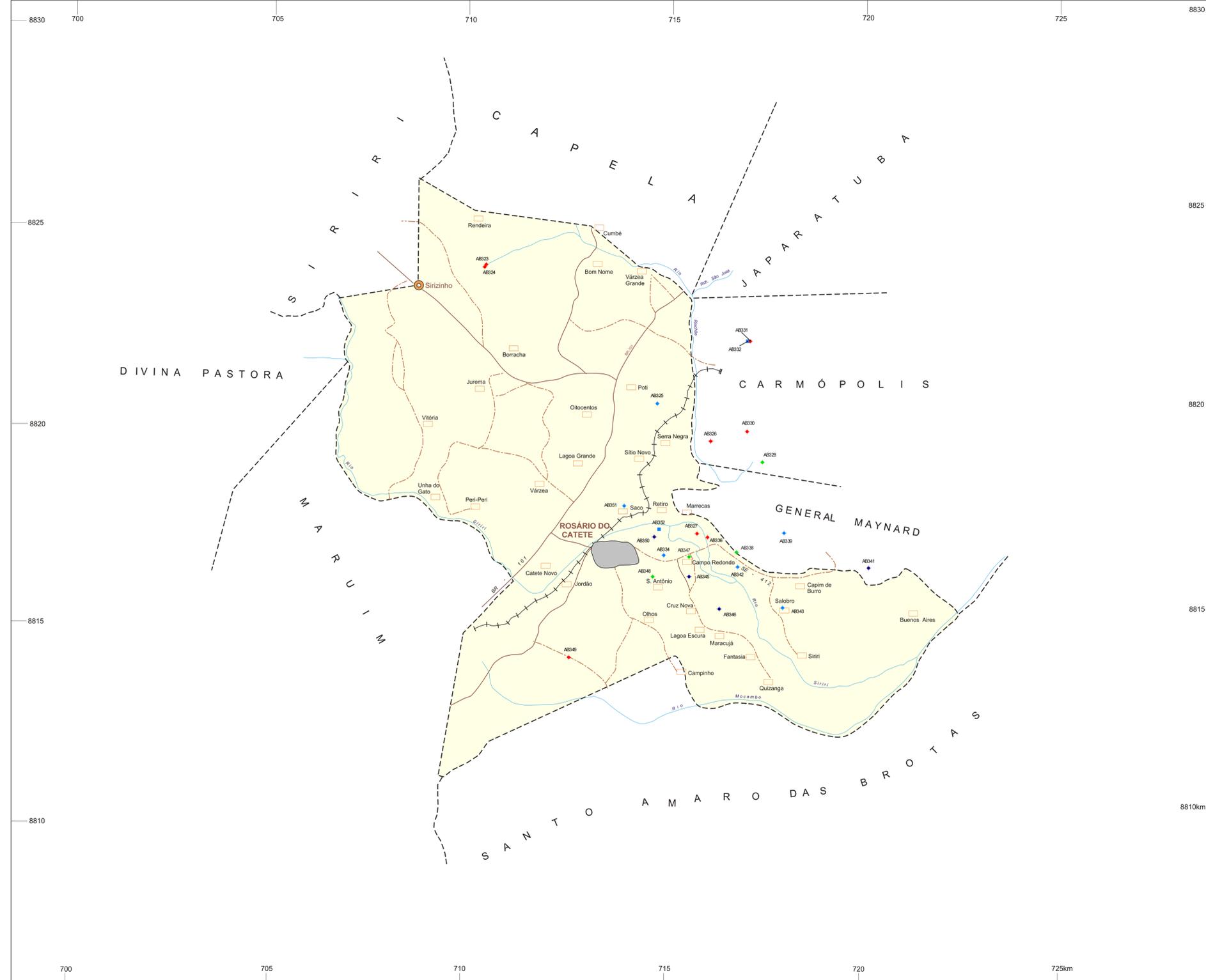
ANEXO A – MAPA DE PONTOS D'ÁGUA E LOCALIZAÇÃO DO ENGENHOS PELA **SEPLANTEC** E **CPRM**

ANEXO B – MAPA TERRITORIAL DO MUNICÍPIO PELO **IBGE**

**PROJETO CADASTRO DA
INFRA-ESTRUTURA
HÍDRICA DO NORDESTE**

MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO CATETE

ESTADO DE SERGIPE



**PROJETO CADASTRO DA
INFRA-ESTRUTURA
HÍDRICA DO NORDESTE**



CONVENÇÕES HIDROLÓGICAS

- Poço tubular em operação
- Poço tubular paralisado
- Poço tubular não instalado
- Poço tubular abandonado
- Poço escavado
- ◇ Índice numérico correspondente ao identificador do ponto no Banco de Dados
Exemplo: BA426

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

- Sede do município
- Vila, sede distrital
- Outras localidades
- - - Limite intermunicipal
- Estrada principal
- - - Estrada secundária
- Ferrovias
- Rio
- Lagoa, açude ou barragem

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO



Como base cartográfica do município, foi utilizado o mapa municipal do IBGE (Censo 2000), elaborado a partir das cartas topográficas da SUDENE e DSG - escala 1:100.000, 1973. Esses mapas foram escaneados e vetorizados através do programa CorelDraw e georeferenciados no ArcView, onde foram tangidos os dados referentes aos poços e fontes naturais contidos no banco de dados.

Desenho da base planimétrica, tratamento de dados e processamento digital a cargo do Centro de Informática e Geoprocessamento da Residência de Fortaleza, com editoração na Superintendência Regional de Salvador.

Levantamento e diagnóstico dos pontos d'água realizados pelas equipes técnicas das unidades regionais da CPRM de Salvador, Recife e Fortaleza, no período de outubro a novembro de 2001.

O Projeto Cadastro da Infra-estrutura Hídrica do Nordeste - Estado de Sergipe foi executado pela CPRM - Serviço Geológico do Brasil, sob a coordenação da Divisão de Hidrogeologia e Exploração - DIHEXP, do Departamento de Hidrologia - DEHID. Esse levantamento teve o apoio do Governo do Estado de Sergipe, através da Superintendência de Recursos Hídricos - SRH, da Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia.

**MAPA DE PONTOS D'ÁGUA
MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO CATETE**

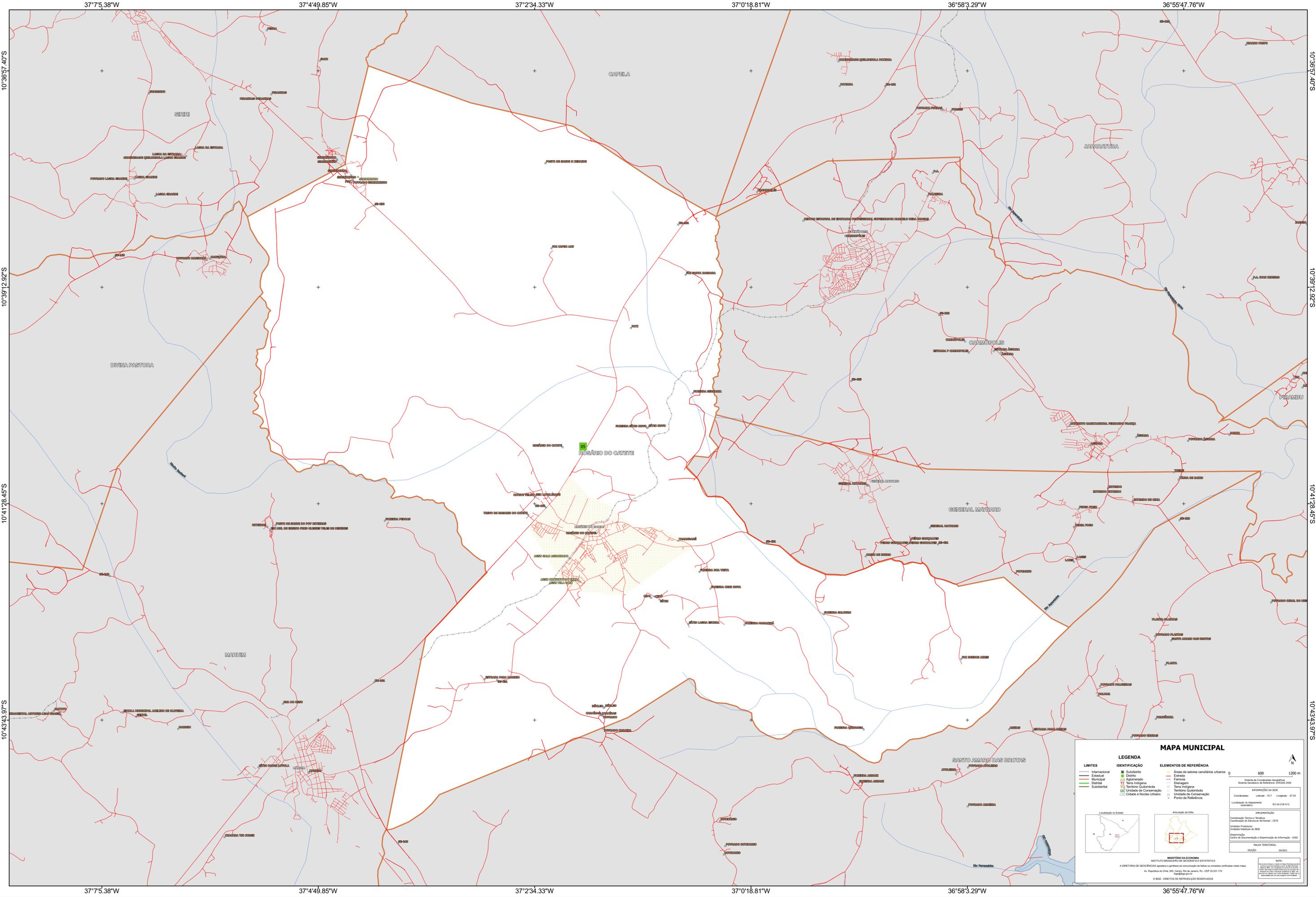
ESCALA



Origem da quilometragem - Equador e MC 39° W Gr.
Acréscidas as constantes de 10.000 km e 500 km, respectivamente.
Datum Horizontal: Córrego Alegre - MG
Datum Vertical: Marégrafo de Imbituba - SC

2002





MAPA MUNICIPAL

LIMITES	IDENTIFICAÇÃO	ELEMENTOS DE REFERÊNCIA
Internacional	Subdistrito	Áreas de setores censitários urbanos
Estadual	Distrito	Estrada
Municipal	Adm. Urbano	Ferrovia
Distrital	Terra Indígena	Drenagem
Socioterritorial	Território Quilombola	Terra Indígena
	Unidade de Conservação	Território Quilombola
	Cidade e Núcleo Urbano	Unidade de Conservação
		Ponto de Referência

Localização no Estado:
 Atuação da rede:

Sistema de Coordenadas Geográficas
 Sistema Geodésico de Referência: SIRGAS 2000
 Datum: SIRGAS 2000
 Localização no hemisfério: Sul
 Escala: 1:60.000
 Edição: 06/2011

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
 A DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E GESTÃO DE TERRITÓRIOS E DE POLÍTICAS DE HABITABILIDADE ELABOROU ESTA MAPELA.
 Av. República do Chile, 900, Curitiba, Rio de Janeiro, RJ - CEP 20.031-110
 Telefone: 51.41.3000
 © IBGE - DIREITOS DE REPRODUÇÃO RESERVADOS

